

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – *CÂMPUS* CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM GEOGRAFIA – PPGeo

OTÁVIA XAVIER BARBOSA

TURISMO E QUINTAIS URBANOS NA CIDADE DE GOIÁS (GO): NOVOS USOS E
APROPRIAÇÕES

GOIÁS-GO
02 de fevereiro de 2022

OTÁVIA XAVIER BARBOSA

TURISMO E QUINTAIS URBANOS NA CIDADE DE GOIÁS (GO): NOVOS USOS E
APROPRIAÇÕES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Goiás (PPGEO/UEG), como pré-requisito para qualificação.

Linha de pesquisa: Dinâmica Territorial do Cerrado

Orientador: Prof. Dr. Jean Carlos Vieira Santos

GOIÁS-GO
02 de fevereiro de 2022

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA
BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome completo Otávia Xavier Barbosa

E-mail otaviabarbosa@gmail.com

Dados do trabalho

Título TURISMO E QUINTAIS URBANOS NA CIDADE DE GOIÁS (GO): novos usos e apropriações

Tipo: [] Tese [X] Dissertação

Curso/Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Geografia

Concorda com a liberação documento

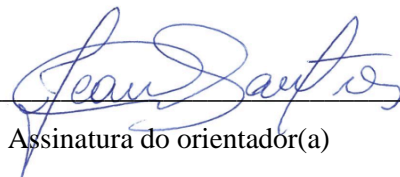
[X] SIM [] NÃO

¹Período de embargo é de até um ano a partir da data de defesa.

Cidade de Goiás, 22 de fevereiro de 2022.



Assinatura autor(a)



Assinatura do orientador(a)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

B238t Barbosa, Otávia Xavier.
Turismo e quintais urbanos na Cidade de Goiás (GO): novos usos e apropriações [manuscrito] / Otávia Xavier Barbosa. – Goiás, GO, 2022.
125f. ; il.

Orientador: Prof. Dr. Jean Carlos Vieira Santos.
Dissertação (Mestrado em Geografia) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2022.

1. Análise territorial. 1.1. Território turístico.
1.1.1. Quintais urbanos - Goiás, GO. I. Título.
II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 379.85(817.3)

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20
de Abril de 1999) Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação
Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu
UEG CÂMPUS CORA CORALINA
Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000
Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971
Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

ATA DE EXAME DE DEFESA 02/2022

Aos dois dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e dois às quatorze horas, realizou-se, por web conferência, o Exame de Defesa de dissertação do(a) mestrando(a) Otavia Xavier Barbosa, intitulado: "TURISMO E QUINTAIS URBANOS NA CIDADE DE GOIÁS(GO): NOVOS USOS E APROPRIAÇÕES". A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores doutores: Jean Carlos Vieira Santos (Presidente - PPGEQ/UEG), Lorraine Gomes da Silva (PPGEQ/UEG) e Marília Silva Vieira (POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo mestrando e seu(sua) orientador(a). Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o presidente da banca examinadora, Prof.(a) Dr.(a) Jean Carlos Vieira Santos proclamou que a dissertação encontra-se aprovada (X) ou não aprovada () ou aprovada com ressalva () e com as seguintes exigências (se houver):

Acatar correções, sugestões e contribuições finais da banca.

Cumpridas as formalidades de pauta, às 16:17 horas a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora em duas vias de igual teor.

Goiás-GO, 02 de fevereiro de 2022.



Dr Jean Carlos Vieira Santos (PPGEO/UEG)



Drª Marília Silva Vieira (UEG/POSLLI)



Drª Lorraine Gomes da Silva (PPGEO/UEG)

FOLHA DE JULGAMENTO

Título: Turismo e Quintais Urbanos na Cidade de Goiás (GO): novos usos e
apropriações

Mestranda: Otávia Xavier Barbosa

Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO-UEG-Cora Coralina)

Data da defesa: 02 de fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:



Dr Jean Carlos Vieira Santos (PPGEO/UEG)



Dr^a Marília Silva Vieira (UEG/POSLLI)



Dr^a Lorraine Gomes da Silva (PPGEO/UEG)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de realizar mais esta conquista, que tem sido de muito amadurecimento pessoal e profissional.

Às minhas filhas, que sempre acreditaram em mim, e ao meu companheiro. Juntos, me ampararam em cada necessidade, possibilitando minha total dedicação aos estudos, compreenderam as situações de ausência, isolamento, silêncio e ansiedade.

À minha amiga e professora Dra. Lorraine Gomes da Silva, por ter acreditado em mim desde o início dos estudos e pelo incentivo.

Aos(às) amigos(as) (as meninas da Casa de Cora Coralina e à Diretora e professora Ms., Marlene Gomes de Velasco, aos meus colegas da Secretaria de Turismo e Cultura) e àqueles que direta ou indiretamente colaboraram com a realização deste trabalho, proferindo palavras de incentivo e orações de crucial importância.

Aos funcionários da UEG, tão empenhados pela instituição; aos alunos; especialmente à coordenação do PPGEIO nas pessoas dos professores Dr. Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves, Dr. Murilo Mendonça Oliveira de Souza, Dr. Vinicius Polzin Druciaki, Coordenador do Curso de Licenciatura em Geografia e à Prof. Dra. Marília Silva Vieira, que muito contribuiu durante a minha qualificação.

Ao meu querido orientador, Professor Dr. Jean Carlos Vieira Santos, por todo conhecimento partilhado, pela constante disponibilidade, a enorme paciência e por sempre incentivar a autonomia e a liberdade no processo investigativo. Muito obrigada!

Aos demais professores que, por meio das disciplinas, ofertaram não apenas o conteúdo programado, mas a atenção à particularidade da pesquisa de cada mestrando(a).

Aos colegas de curso, por proporcionarem uma sadia convivência, atenuando os fardos da pesquisa e contribuindo com os conhecimentos próprios de sua formação acadêmica.

Aos proprietários do Cora Café, Café Jasmim e Dedo de Prosa, por terem cedido parte do tempo e contribuírem para o sucesso desta pesquisa.

Ao meu querido mentor memorialista, Senhor Elder Camargo de Passos que, desde muito cedo, me apresentou a história da cidade de Goiás e despertou em mim a paixão por esta cidade, o que muito contribuiu para que eu me tornasse a profissional que sou hoje.

Ao meu amigo André Albuquerque que, gentilmente, revisou o texto em inglês no Abstract; sua contribuição especial ajudou na realização deste sonho de conclusão do mestrado.

Enfim, a todos que acreditaram neste trabalho desde as primeiras ideias, obrigada!

RESUMO

O objetivo central desta pesquisa é analisar os contemporâneos quintais do centro histórico da Cidade de Goiás, um território que perdeu a sua função de simples quintal, ainda não estudado, e que responde às especificidades da paisagem histórica goiana, como parte do processo de formação cultural acontecido em pleno bioma cerrado. Entende-se que é fundamental conhecer o patrimônio paisagístico contido entre os muros das edificações históricas, onde os processos culturais permitem a coexistência de dois sujeitos em um determinado espaço, residentes e turistas, recriando outro modo de vida que suscita investigações. O trabalho adota a perspectiva de variadas informações qualitativas e de observações *in loco*. Nesse contexto, é fundamental compreender o poder simbólico de outra estética presente nos quintais urbanos da cidade histórica de Goiás. Por consequência, a primeira fase da pesquisa procedeu do levantamento bibliográfico, recorreu-se à leitura acerca do território como categoria de análise geográfica, e como a atividade turística se apropria dessa categoria, com destaque para os autores que pesquisam o território turístico: Almada (2018), Costa e Steinke (2013), Cruz (2003; 2001), Fratucci (2014), Gomes (2019), Knafou (1996), Santos (2013; 2014). Na parte conceitual sobre os quintais foi fundamental a leitura dos seguintes estudiosos: Almeida (2016), Araújo e Palhares (2018), Carneiro, Pereira e Silva (2017), Coelho (2001), Cordero (2018), Dourado (2004), Gonçalves (1996), Silva, Anjos e Anjos (2016), entre outros. Os resultados mais relevantes para os objetivos pretendidos foram: a culinária e a gastronomia representam recursos valiosos para o reforço da imagem territorial dos quintais investigados, os cafés/bistrôs da Cidade de Goiás podem ser identificados como espaços informais de socialização e lazer; o guia gastronômico do destino mostra a importância dos quintais para o turismo da cidade; os cafés são lugares de valorização da arte de base local; a atratividade dos cafés e bistrôs da cidade de Goiás está na gastronomia, na arte e na literatura; os quintais são usados para promover saraus, confraternizações, almoços e até mesmo para um momento de descanso dos frequentadores. As conclusões mais importantes são: os quintais urbanos são componentes importantes do destino turístico, no entanto, o uso turístico provocam ameaças a história do lugar e no caminho inverso gera oportunidades de emprego e renda; e que os espaços investigados têm, na sua gestão, uma forte presença feminina, mostrando a força da mulher nos negócios na cidade de Goiás, ou seja, são mulheres empreendedoras.

Palavras-Chave: Quintais Urbanos. Turismo. Centro Histórico. Goiás. Cafés.

ABSTRACT

The main objective of this research is to analyze the contemporary backyards of the historic center of the City of Goiás, a territory that has lost its function as a simple backyard, not yet studied, and that responds to the specificities of the historical landscape of Goiás, as part of the process of cultural formation. happened in the middle of the cerrado biome. It is understood that it is essential to know the landscape heritage contained within the walls of historic buildings, where cultural processes allow the coexistence of two subjects in each space, residents, and tourists, recreating another way of life that raises investigations. The work adopts the perspective of varied qualitative information and on-site observations. In this context, it is essential to understand the symbolic power of another aesthetic present in the urban backyards of the historic city of Goiás. Consequently, the first phase of the research proceeded from the bibliographic survey, resorted to reading about the territory as a category of geographical analysis, and how the tourist activity appropriates this category, with emphasis on authors who research the tourist territory: Almada (2018), Costa and Steinke (2013), Cruz (2003; 2001), Fratucci (2014), Gomes (2019), Knafou (1996), Santos (2013; 2014). In the conceptual part about backyards, it was essential to read the following scholars: Almeida (2016), Araújo and Palhares (2018), Carneiro, Pereira e Silva (2017), Coelho (2001), Cordero (2018), Dourado (2004), Gonçalves (1996), Silva, Anjos e Anjos (2016), among others. The most relevant results for the intended objectives were: the cuisine and gastronomy represent valuable resources for the reinforcement of the territorial image of the investigated backyards, the cafés/bistros of the City of Goiás can be identified as informal spaces of socialization and leisure; the gastronomic guide of the destination shows the importance of backyards for tourism in the city; the cafes are places for the appreciation of locally based art; the attractiveness of the cafés and bistros in the city of Goiás lies in its gastronomy, art and literature; the backyards are used to promote soirees, get-togethers, lunches and even for a moment of rest for regulars. The most important conclusions are urban backyards are important components of the tourist destination, however, the tourist use causes threats to the history of the place and, in the opposite way, generates employment and income opportunities; and that the spaces investigated have, in their management, a strong female presence, showing the strength of women in business in the city of Goiás, that is, they are women entrepreneurs.

Keywords: Urban Backyards. Tourism. Historic Center. Goiás. Coffeehouses.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Ponte no rio Vermelho, monumento de Cora Coralina.....	30
Figura 2:	Mapa Turístico de Goiás (2019-2021).....	37
Figura 3:	Igreja da Boa Morte e também Museu de Arte Sacra.....	38
Figura 4:	Quintal do Museu Casa de Cora, cidade de Goiás.....	42
Figura 5:	Atual quintal da Casa de Cora.....	44
Figura 6:	Desenho dos três quintais nas residências de Goiás.....	45
Figura 7:	Portão de acesso ao Cora Café.....	58
Figura 8:	Café Dedo de Prosa junto à Pousada da Dinda.....	68
Figura 9:	Café Jasmim nas proximidades da Praça do Coreto.....	70
Figura 10:	Cora Café – comércio de produtos da cozinha local.....	76
Figura 11:	Compartimento para as máscaras no Café Jasmim Empório e Bistrô.....	84
Figura 12:	Guia Turístico Gastronômico de Goiás – 2019.....	86
Figura 13:	Café Jasmim Empório e Bistrô no Guia Turístico.....	87
Figura 14:	Dedo de Prosa no Guia Turístico Gastronômico de Goiás.....	88
Figura 15:	Poesias de Cora Coralina, Produtos locais e aproveitamento do quintal.....	90
Figura 16:	Poesias de Cora Coralina, Produtos locais e aproveitamento do quintal.....	90
Figura 17:	Poesias de Cora Coralina, Produtos locais e aproveitamento do quintal.....	90
Figura 18:	Poesias de Cora Coralina, Produtos locais e aproveitamento do quintal.....	90
Figura 19:	Foto Facebook do Quintal Café Jasmim.....	92
Figura 20:	Foto Facebook do Quintal Café Jasmim.....	92
Figura 21:	Foto Facebook com a divulgação das poesias de Cora Coralina.....	92
Figura 22:	Imagens do Cora Café no quintal do Museu Casa de Cora.....	94

Figura 23:	Imagens do Cora Café no quintal do Museu Casa de Cora.....	95
Figura 24:	A imagem de divulgação de eventos e encontro de Professores e Mestrandos do PPGEIO da Universidade Estadual de Goiás – UEG.....	95
Figura 25:	A imagem de divulgação de eventos e encontro de Professores e Mestrandos do PPGEIO da Universidade Estadual de Goiás – UEG.....	94
Figura 26:	Poesias de Cora Coralina nas Paredes do Café e Bistrô Dedo de Prosa.....	97
Figura 27:	Poesias de Cora Coralina nas Paredes do Café e Bistrô Dedo de Prosa.....	97
Figuras 28:	Poesias de Cora Coralina nas Paredes do Café e Bistrô Dedo de Prosa.....	97
Figuras 29:	Poesias de Cora Coralina nas Paredes do Café e Bistrô Dedo de Prosa.....	97
Figura 30:	Cardápio Dedo de Prosa e as imagens das Bandeiras do Brasil e Portugal.....	98
Figura 31:	Divulgação Facebook do Café e Bistrô Dedo de Prosa.....	100
Figura 32:	Divulgação Facebook do Café e Bistrô Dedo de Prosa.....	100
Figura 33:	Divulgação Facebook do Café e Bistrô Dedo de Prosa.....	100
Figura 34:	Divulgação Facebook do Café e Bistrô Dedo de Prosa.....	100
Figura 35:	Divulgação de Lançamento de Livro.....	101
Figura 36:	Museu Casa de Cora.....	104
Figura 37:	Fotos Preços Cafés.....	106
Figura 38:	Fotos Preços Cafés.....	106

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Município de Cidade de Goiás.....	30
Mapa 2: Cafés e Museu Casa de Cora.....	42
Mapa 3: Caminho de Cora Coralina.....	105

LISTA DE QUADRO

Quadro1: Ameaças e Oportunidades.....	103
---------------------------------------	-----

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ARPHOS	Associação dos Restaurantes, Pousadas, Hotéis e Similares da cidade de Goiás
CCC	Caminho de Cora Coralina
EMBRATUR	Instituto Brasileiro do Turismo
GO	Goiás
ICOMOS	Conselho Internacional de Monumentos e Sítios
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MG	Minas Gerais
MTur	Ministério do Turismo
OMT	Organização Mundial do Turismo
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	22
METODOLOGIA	25
ADOTADA.....	
1 A CIDADE DE GOIÁS E OS NOVOS USOS DO TERRITÓRIO: LÓGICAS E ATRAÇÕES DE UM ESPAÇO URBANO TURÍSTICO.....	30
1.1 Cidade de Goiás, o universo da pesquisa: histórias de um território e suas atrações.....	30
1.2 Identificando os objetos de estudo: os quintais de Goiás e os principais atrativos do lugar.....	42
1.3 A Categoria de Análise Território: uma abordagem teórica.....	46
1.4 A Categoria de Análise Território e o Turismo: uma reflexão necessária.....	52
2 QUINTAIS URBANOS E AS LÓGICAS CONTEMPORÂNEAS: CONTRIBUIÇÕES GEOGRÁFICAS PARA O ESTUDO DA CIDADE TURÍSTICA.....	57
2.1 O Turismo na Cidade: uma reflexão necessária.....	57
2.2 Quintais Urbanos: uma abordagem teórica nos contextos da geografia e turismo.....	62
2.3 Os Novos Usos dos Quintais Urbanos: uma realidade turística e global.....	72
2.4 Literatura, Arte e Gastronomia: componentes das cidades turísticas presentes nos quintais urbanos.....	75
3 QUINTAIS URBANOS E A ATIVIDADE TURÍSTICA NA CIDADE DE GOIÁS: PARTICULARIDADES, LÓGICAS E COMPONENTES DO DESTINO TURÍSTICO.....	81

3.1 A Pesquisa em Tempo de Pandemia.....	81
3.2 Guias Turísticos e Redes Sociais.....	85
3.3 Café Jasmim Empório e Bistrô: quintal do ócio, sutilezas de um tempo.....	89
3.4 Cora Café e Bistrô: lazer, prazer e culto no quintal do museu Casa de Cora....	93
3.5 Dedo de Prosa: um ambiente com lógicas lusitanas em Goiás.....	96
3.6 Quintais urbanos como componentes do destino turístico: ameaças perspectivas.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS.....	112
ANEXOS.....	119
APÊNDICES.....	120

INTRODUÇÃO

A Cidade de Goiás é considerada como um importante destino turístico do cerrado goiano, pois sua história, arquitetura colonial e belezas naturais e culturais são responsáveis pelo movimento de pessoas nesse território. Em 2001, a cidade recebeu o título de Patrimônio Mundial, concedido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Goiás conserva também mais de 90% de sua arquitetura barroco-colonial original, permitindo uma ótima perspectiva do Brasil do século XVIII. Essa cidade com suas ruas de pedra se encontra em meio a um vale envolvido pelos morros verdes e ao sopé da lendária Serra Dourada, proporcionando ao atrativo uma singular beleza cênica.

De acordo com Alves (2016), o calçamento de pedra, construído com o suor e o sangue de escravos e sua arquitetura são testemunhas dos tempos iniciados com o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, mais conhecido como Anhanguera. Nessa trajetória histórica, Goiás foi se desenvolvendo às margens do Rio Vermelho, tornando-se um dos primeiros municípios fundados no Brasil colonial. A cidade foi a capital do estado de Goiás por mais de 200 anos. Perdeu o posto somente com a inauguração de Goiânia, em 1933.

Alves (2006) afirma que a Cidade de Goiás, originalmente chamada Vila Boa, oferece aos turistas riquíssima arte sacra nas seculares igrejas e nos museus. Dentre todos os museus, o mais visitado é o Museu Casa de Cora Coralina, conhecido também como Casa Velha da Ponte. Ele fica à margem do Rio Vermelho e é a antiga casa da poetisa Cora Coralina. Nesse lugar, especificamente no quintal do museu, existe um café que é objeto de estudo desta pesquisa. Uma paisagem cultural que abriga na sua composição um território carregado de informações.

Desse modo, esta pesquisa investiga não somente o café do Museu Casa de Cora, mas outros quintais urbanos existentes nos fundos das edificações do Centro Histórico da Cidade de Goiás, região mais frequentada pelos turistas. Esses territórios trazem novas relações e sociabilidades para o destino turístico, no entanto, um cenário não investigado até a proposta de construção desta dissertação de mestrado na ciência geográfica.

Diante dessa realidade, é importante sublinhar que, famosa pelos inúmeros versos sobre a Cidade de Goiás, após a morte da poetisa Cora Coralina, amigos e

parentes se reuniram e criaram, em 1989, o museu em sua homenagem. A família de Cora doou o acervo: objetos pessoais, fotos, utensílios domésticos, livros e imóveis ao museu situado próximo à Igreja do Rosário. Mas, além de poetisa, Cora Coralina também era doceira e fazia doces típicos da região, os doces cristalizados.

No que tange às igrejas, grande atrativo turístico da cidade, são quase todas do século XVIII e revelam simplicidade de estilo. A Igreja da Boa Morte (1779) é a única que apresenta elementos típicos do barroco na fachada e abriga o Museu de Arte Sacra, destacando as imagens de Veiga Valle, escultor local, que viveu no século XIX. O prédio construído em 1761 é onde funcionaram a cadeia, a câmara e a justiça. Atualmente é sede do Museu das Bandeiras e expõe objetos usados na exploração do ouro.

O Palácio Conde dos Arcos (1755), onde há um museu, foi construído para acomodar o governador da capitania e, todos os anos, no aniversário da cidade, abriga a sede do governo do estado de Goiás, que se transfere de Goiânia para a Cidade de Goiás por alguns dias. Ainda segundo Alves (2016), outras construções significativas são o Quartel do XX (1747), a Casa do Bispo, o Chafariz de Cauda e o Largo da Carioca.

Sabe-se que a cidade de Goiás é vista como turística pela arquitetura colonial, suas paisagens naturais e suas tradições, como as serestas, a gastronomia e as festas religiosas, por exemplo, a Procissão do Fogaréu dentro da Semana Santa. A paisagem cultural da cidade histórica goiana abriga, na sua composição, um espaço patrimonial carregado de informações.

Assim, propõe-se nesta pesquisa analisar a presença de um território que perdeu a sua função de um simples quintal urbano ainda não estudado e que responde às especificidades da paisagem histórica goiana, como parte do processo de formação cultural acontecido em pleno bioma cerrado. Entende-se que é fundamental conhecer o patrimônio paisagístico contido entre os muros das edificações históricas, onde os processos culturais permitem a coexistência de dois sujeitos em um determinado espaço, residentes e turistas, recriando outro modo de vida que não foi investigado até então.

Nesse contexto, é fundamental compreender o poder simbólico de outra estética presente, a atividade turística, nos quintais urbanos da cidade histórica de Goiás. Assim, pergunta-se: a cidade é carregada de elementos, de atributos da sua particularidade cultural e, ao mesmo tempo, permite uma interpretação de identidade

patrimonial conveniente para o lugar? Portanto, buscando a aproximação entre geografia e turismo, espera responder outras questões: os quintais urbanos do centro histórico são reveladores de determinado contexto espaço-temporal da formação territorial de Goiás? Que tipo de paisagem cultural e turística se desenrola nos quintais urbanos e seus cafés (Café Cora, Café Jasmim e outros), com suas tramas, relações de trabalho, residentes e turistas? Os efeitos desse processo relacional entre residentes e turistas comparecem nos territórios, indicando o seu efeito no processo de inclusão/exclusão e subordinação de desiguais elementos paisagísticos entre diferentes sujeitos?

Sabe-se: nesses cafés que hoje ocupam quintais históricos, há uma gastronomia que atrai muitos visitantes. Sendo assim, de que forma a gastronomia goiana tem se tornado um componente cultural do turismo na Cidade de Goiás? Logo, este estudo nasceu da necessidade de buscar algumas respostas sobre uma nova dinâmica de moradores e turistas que ocorre entre muros históricos e antigos casarões, buscando identificar e propor uma leitura dos significados histórico, cultural, turístico e espacial dos quintais transformados em cafés na Cidade de Goiás.

Atualmente, na maioria das zonas urbanas centrais, os quintais perderam a sua herança cultural por intervenções alinhadas com critérios que não dialogam com as origens históricas dos patrimônios presentes no espaço urbano, e com processos de intervenções urbanísticas que vêm ocorrendo. Desse modo, a Cidade de Goiás vem trazendo um novo uso para esses territórios, o que justifica a necessidade de investigação e diálogo com os diferentes segmentos da academia.

Diante da abordagem inicial, esta dissertação propõe conhecer e analisar os quintais urbanos contemporâneos da Cidade de Goiás, a fim de compreender o desenvolvimento da atividade turística a partir da presença de outra configuração atrativa e forma de uso desses territórios que apresentam especificidades da paisagem cultural goiana contida no interior das edificações históricas, onde, atualmente, coexistem residentes e turistas.

Dessa forma, espera-se analisar a geo-história da Cidade de Goiás e de seus quintais urbanos, a gênese do termo, de um centro histórico que é resultado de um intercâmbio cultural demarcador de um período histórico do estado de Goiás. Busca compreender se o sentido patrimonial dos quintais urbanos de Goiás, os novos usos, as influências, o desenvolvimento da atividade turística e se os parâmetros de ruptura

podem atribuir identidade a um território carregado de informações, alinhados, sobretudo à atividade turística e a sociedade local (residentes).

Para melhor compreensão dessa temática, esta dissertação foi dividida em três tópicos distintos: no primeiro está presente a discussão sobre a Cidade de Goiás e os Novos Usos do Território: lógicas e atrações de um espaço urbano turístico. O segundo tópico traz como abordagem central os Quintais Urbanos e as Lógicas Contemporâneas: contribuições geográficas para o estudo da cidade turística. No terceiro momento foram introduzidas questões relacionadas aos resultados empíricos acerca dos Quintais Urbanos e a Atividade Turística na Cidade de Goiás: particularidades, lógicas e componentes do destino turístico.

METODOLOGIA ADOTADA

Para atingir os objetivos propostos, buscando apresentar esta dissertação, parte-se dos estudos que envolvem a Geografia e o Turismo, com o intuito de compreender os territórios das manifestações culturais sustentadas por uma história entre muros, nos quintais urbanos de antigas residências onde hoje existem os cafés comerciais na Cidade de Goiás.

Nesse processo, as interações e imposições propiciaram outra paisagem cultural, porém, o significando desses novos usos comerciais dos quintais de Goiás não foram investigados a partir da dinâmica da atividade turística, um cenário não investigado até esta proposta de estudo no Programa de Mestrado em Geografia da Universidade Estadual de Goiás – UEG Campus Cora Coralina.

Desse modo, entende-se que, dos conceitos básicos da geografia, o que mais se relaciona com a investigação proposta é o de território, embora seja importante ressaltar que foi necessário perpassar por outras categorias geográficas como espaço, lugar e paisagem. Estudar a categoria de análise geográfica, território, nesta dissertação, foi desafiador, pois é uma categoria que tem uma trajetória notável do ponto de vista das abordagens nas geografias cultural, urbana, rural e religião. No entanto, encontram-se dentro da academia algumas resistências quando a proposta é desvendar processos que nutrem o debate acerca da atividade turística.

Assim, ciente desses contratempos na ciência geográfica, esta investigação centrou sua análise da categoria território a partir de perspectivas teóricas de autores que analisam essa questão no seio da geografia do turismo, como: Cruz (2001), Cruz

(2003), Costa e Santos (2018), Coriolano e Sampaio (2012), Fratucci (2014), Knafou (1996), Gomes (2019), Santos (2013) entre outros. Mostra que não é propósito deste estudo discutir as raízes históricas dessa categoria de análise geográfica, mas trazer leituras atreladas às pesquisas no campo do turismo.

Por conseguinte, o trabalho adota a perspectiva de variadas informações qualitativas e de observações *in loco*. Desse modo, segue-se a proposta de Damas e Brambatti (2019, p. 165), em que “o presente trabalho tem tanto caráter qualitativo como descritivo, pois objetiva um entendimento de atividades sociais e humanas, a atividade turística, entendida como complexa e como fenômeno social”. Desse modo, pretende-se desenvolver uma pesquisa científica que se considera essencial para compreensão da dinâmica turística da Cidade de Goiás.

Nesse contexto, Dalfovo, Lana e Silveira (2008, p. 7) sublinham que o método se caracteriza como “[...] diferencial a intenção de garantir a precisão dos trabalhos realizados”. Com a finalidade de interpretar a realidade dos territórios dos cafés de Goiás, utilizar-se-á o método qualitativo:

[...] aquele capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas (MINAYO, 1996, p. 10).

Sob esse contexto, esta pesquisa torna-se significativa ao evidenciar, por meio das observações empíricas e nas redes sociais, as características dos Cafés em Quintais na Cidade de Goiás. Dessa forma, este estudo visa utilizar “a observação como técnica de pesquisa” (SILVA; SOUZA; FREIRE, 2018, p. 3), procurando descrever os recortes espaciais de investigação.

A metodologia considerará o movimento das interações culturais e terá cuidados especiais ao observar as ações expressas na construção das manifestações e dos atrativos do destino turístico goiano. Por consequência, a primeira fase da pesquisa procedeu do levantamento bibliográfico, recorreu-se à leitura e aos fichamentos de textos (artigos, dissertações, teses, livros) que embasam a interlocução entre geografia e turismo, assim como os múltiplos temas que os permeiam – espaço geográfico, estratégias territoriais e o desenvolvimento da atividade turística.

Neste trabalho “cumprimos o requisito metodológico da revisão bibliográfica, identificando as obras de maior relevo para a temática específica” (GARCIA, 2015, p.

7). Portanto, seguindo uma estrutura metodológica para estruturação e realização deste estudo, “foram utilizadas algumas técnicas, relacionadas tanto à pesquisa documental como também bibliográfica, partindo de uma primeira abordagem de leituras com enfoque nas teorias” (DAMAS; BRAMBATTI, 2019, p. 168).

Vale reforçar, novamente, que outra etapa da construção do trabalho diz respeito à inserção do investigador nos “quintais históricos da Cidade Goiás”. Esse trabalho de observação empírica foi primordial, uma vez que viabilizou o diálogo do pesquisador, no campo, com a espacialidade geográfica real. De acordo com Santos (1999, p.121), esse momento “não é somente a produção de conhecimento no sentido clássico do termo”, mas também a “relação que se estabelece entre pesquisador e pesquisado, observador e observado”, ou seja, a troca de conhecimento.

Por desenvolver trabalho como guia de turismo na Cidade de Goiás, acredita-se que essa troca com os sujeitos empreendedores foi facilitada, pois temos um trabalho de parceria com essas pessoas. Esses contatos com os territórios investigados, os caminhos construídos e encontrados durante a construção desta pesquisa foram fundamentais para atingir os objetivos propostos. Nesse entremeio, o trabalho de campo possibilitou à pesquisadora registrar sua compreensão sobre a área de estudo – os cafés entre muros da Cidade de Goiás. A prática de investigação no campo

[...] esteve sempre atrelada à produção do conhecimento geográfico, desde sua sistematização enquanto ciência. Atividade que se norteia pela observação, descrição e explicação, se aplicando bem às metodologias de análise da Geografia, preocupada sem compreender a produção de espaço pelas sociedades e suas múltiplas relações que constroem territórios, lugares e paisagens. (SOUZA; SOUZA, 2012, p. 253).

A presença da investigadora nos lugares foi também uma oportunidade de melhorar a percepção e o entendimento das manifestações do turismo nos territórios. Isso permitiu as anotações de campo, as observações e a obtenção de imagens fotográficas – construindo um banco de documentos para ilustrar e enriquecer as informações inerentes à pesquisa. Tencionamos que as fotografias apresentadas nesta dissertação e obtidas durante os trabalhos de campo “sejam contributos e portadoras de ideias e expressões dos modos de vida e cotidianos pretéritos e contemporâneos” (SANTOS, 2021, p. 78).

No entanto, é importante sublinhar que a pesquisa foi desenvolvida durante o período de pandemia (2020-2021) que muito dificultou as atividades empíricas deste

trabalho. Entretanto, procuramos seguir a Instrução Normativa nº 80/2020 da Universidade Estadual de Goiás (UEG), que estabelece os procedimentos preventivos de emergência a serem adotados pelo Poder Executivo do Estado de Goiás e seus servidores, em razão de pandemia do novo Coronavírus (Covid-19), com orientações para conter a disseminação do novo Coronavírus, principalmente mantendo o distanciamento e o isolamento social, conforme recomendações das autoridades sanitárias. Buscou-se seguir os protocolos durante os trabalhos de campo. Assim, convém esclarecer que as coletas de dados em campo foram limitadas.

Esta pesquisa realizou levantamentos exploratórios de materiais publicitários nas redes sociais dos cafés Jasmim, Cora e Dedo de Prosa para conhecer o padrão de comunicação e os eventos realizados antes da pandemia (Covid-19). De acordo com Carneiro e Allis (2021), essas comunicações turísticas são levantadas nas contas em redes sociais (*Facebook*). E isso serviu para compor um mosaico de ilustrações do terceiro capítulo desta dissertação.

Cabe destacar que, ainda que os materiais institucionais levantados estejam nas redes sociais públicas dos respectivos comércios, evitaram-se fotos com os rostos de indivíduos: trabalhadores, turistas e residentes. Esta pesquisa realizou levantamentos exploratórios de materiais publicitários nas redes sociais dos cafés Jasmim, Cora e Dedo de Prosa para conhecer o padrão de comunicação e os eventos realizados antes da pandemia (Covid-19). Dessa forma, aportou-se também na investigação etnográfica, uma vez que, no âmbito do turismo, este estudo traz à tona lugares, práticas, indivíduos, grupos, culturas e redes de relação sociais, que participam diferentemente do mercado turístico. Nesse contexto, a análise qualitativa é enriquecida pela observação participante.

O trabalho cartográfico foi desenvolvido por Natália Barbosa Mateus, que também foi aluna do Programa de Mestrado da Universidade Estadual de Goiás – UEG Câmpus Cora Coralina. O material cartográfico foi produzido através de software de geoprocessamento por meio da organização de dados públicos coletados de plataforma online, como os limites municipais, as divisas estaduais e trecho rodoviário em escala 1:100.000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Além disso, para a elaboração do mapa 'Cafés e Museu Casa de Cora em Goiás' foram coletadas as coordenadas nos respectivos locais e gerada a localização espacial desses pontos. Os mapas elaborados estão sob o Datum oficial do Brasil, Sistema de Referência Geocêntrico para as Américas (SIRGAS 2000).

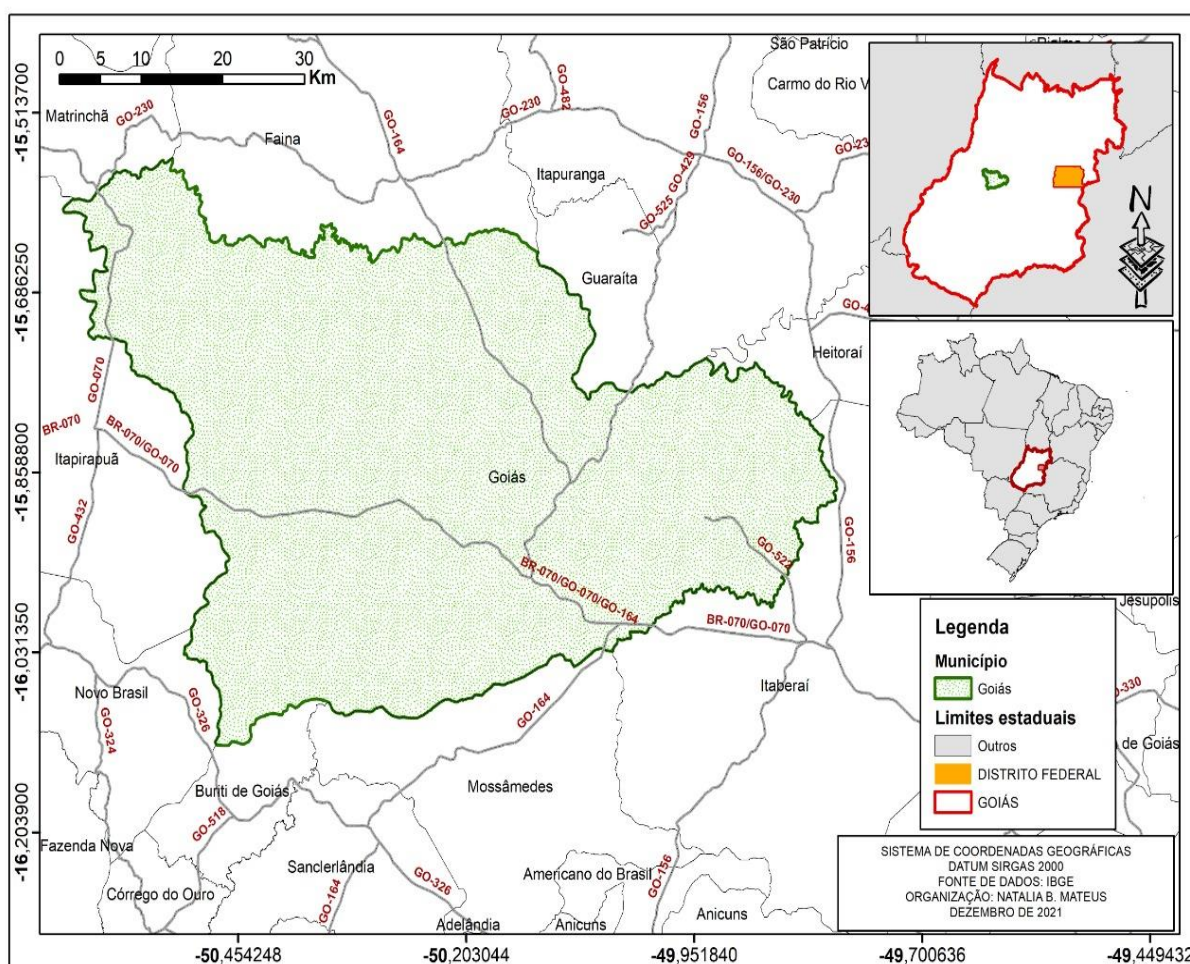
Por fim, destacamos que a escolha dos recortes espaciais de investigação ocorreu de forma aleatória, no entanto, é importante esclarecer que, devido ao ofício como guia de turismo na cidade de Goiás, os três cafés vilaboenses selecionados são referências para as pessoas que acompanham e informam os sujeitos que chegam ao destino, esses são elementos que nos ajudaram a definir também os objetos de pesquisa para esta dissertação.

1 A CIDADE DE GOIÁS E OS NOVOS USOS DO TERRITÓRIO: LÓGICAS E ATRAÇÕES DE UM ESPAÇO URBANO TURÍSTICO

1.1 CIDADE DE GOIÁS, O UNIVERSO DA PESQUISA: HISTÓRIAS DE UM TERRITÓRIO E SUAS ATRAÇÕES

A Cidade de Goiás (Mapa 1/Figura 1) localiza-se a 140 quilômetros de Goiânia (atual capital do Estado de Goiás), tendo sido a capital do Estado por quase 200 anos, até a transferência, em 1937, para a atual sede do governo estadual.

Mapa 1: Município de Goiás, antiga capital do estado de Goiás



Fonte: Elaborado por MATEUS, Natália, 2021.

Figura 1: Ponte no rio Vermelho, monumento de Cora Coralina; na parte posterior da ponte, o Museu Casa de Cora, cidade de Goiás.



Fonte: Trabalho de campo no dia 05 de novembro.
Autora, 2021.

A Cidade de Goiás foi criada

[...] para intensificar o fluxo comercial no Estado, pois, na época, acreditava-se não haver perspectiva de crescimento no local, em virtude de seu posicionamento geográfico, cercado por morros. A localidade nasce em 1727, com o nome de Arraial de Sant'Anna. Bandeirantes paulistas, em busca de ouro, começaram a adentrar o Centro-Oeste brasileiro e, em uma dessas entradas, Bartolomeu Bueno da Silva depara-se com terras habitadas pela nação indígena Goiá. O bandeirante, tido como O Anhanguera, extermina os indígenas de forma violenta e rápida. Em 1736, passa à vila administrativa, denominada de Vila Boa de Goyaz. Marcos de Noronha [Conde dos Arcos] assume o mandato do primeiro governador em 1748, quando, então, é criada a Capitania de Goiás. Capital por quase 200 anos, a cidade guarda um patrimônio histórico, arquitetônico, cultural, gastronômico e natural, conservado pelos moradores como elementos de pertencimento e de potencial turístico. (PINTO; BARBOSA; SILVA; SANTOS, 2019, p. 698-699).

Nesta investigação, entendemos as cidades históricas como patrimônio cultural e elementos integrantes “de uma totalidade mais ampla que os reproduzem, face a anseios materiais objetivos e, também, subjetivos, em que diferentes sujeitos

encontram-se na produção de símbolos e na caracterização de culturas”. (COSTA; STEINKE, 2013, p. 166).

Sobre as cidades históricas que também são turísticas, “a Geografia guarda um papel dianteiro nos estudos destas cidades, ao possibilitar uma visão totalizante sobre o urbano, a urbanização e, notadamente, o patrimônio cultural e a preservação”. (COSTA; STEINKE, 2013, p. 166). Dessa forma, o esforço analítico que

[...] desenvolvemos sobre cidades históricas e patrimônio cultural (notadamente o patrimônio urbano) constitui-se no enfoque multiescalar e dialético, na crítica ao pensamento e à prática uniescalar e unifocal que se tem feito sobre tais objetos ao serem pensadas pela dinâmica do núcleo tombado ou dos atrativos turísticos. Pouco se considera, também, os fluxos que estas e outras cidades propiciam às zonas rurais de seu entorno, em que eventos ou festas profanas e religiosas tornam-se patrimônio consagrado, mercantilizado e objetos de reafirmação de identidades locais. (COSTA; STEINKE, 2013, p. 166).

Toda cidade faz-se produto da história, do vir a ser universal que a constitui como “obra de arte, coletiva ou particularmente. As cidades antigas brasileiras são tratadas desta forma – como cidades históricas – no contexto da busca estatal por elementos de representação da nação, o que se deu na década de 1930”. (COSTA; STEINKE, 2013, p. 165). Assim, a cidade histórica é apresentada por Costa e Steinke (2013, 166) como

[...] objeto concreto e simbólico do vir a ser de um território que é material e é imaginado; mescla e síntese de lugares e paisagens em movimento histórico concreto e ideativo – pois, também, mítico; é embrião, sede e centro de um processo civilizatório que guarda, em germe, a instituição urbana em si.

A Cidade de Goiás, que, outrora, foi capital do estado de Goiás, carrega alguns séculos de história, tendo o turismo como uma de suas rendas. Nesse contexto, o turismo como fenômeno que produz ou que “reproduz o espaço interessa à geografia a partir do momento em que ele passa a existir no espaço, no qual transforma a configuração territorial precedente para atender aos novos usos do território da atividade turística”. (ALMADA, 2018, p. 205).

Assim, embora seja hoje uma das principais fontes de renda da cidade, infelizmente, a prática turística realizada no município ainda é precária e mal planejada. Faltam políticas públicas e iniciativa municipal que identifiquem os pontos críticos que merecem maior atenção para melhorar o turismo da região; falta maior atenção para os museus e atrativos como o Parque Estadual da Serra Dourada.

A base territorial onde a Cidade de Goiás está inserida necessita de reflexões profundas quanto às mudanças mercantis relacionadas ao turismo na pós-modernidade. O turista de hoje não se encontra mais com um olhar romantizado e individual dos destinos, mas, sim, com um olhar mais sóbrio, seletivo e coletivo, analisa a praticidade e o melhor produto de que pretende usufruir. Dessa forma, sob um discurso acerca da territorialidade do potencial turístico da Cidade de Goiás, Silva (2005) afirma:

As questões do ordenamento territorial, pelas implicações que provocam no desenvolvimento estrutural e nos aspectos de ordem estética das regiões de acolhimento, devem ser equacionadas como um vetor da maior importância no que se refere à problemática da qualidade do produto turístico composto (SILVA, 2005, p. 78).

Por seu relevante contexto, a Cidade de Goiás “foi listada pela Unesco, em 2001, como Patrimônio Mundial da Humanidade. [...] Momento sublinhado por Delgado (2003) ao destacar que, no dia 27 de junho de 2001, às 8 horas da manhã, os sinos das igrejas da cidade de Goiás começaram

[...] a badalar, anunciando a notícia, que acabara de chegar de Paris: a diretoria do Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) referendou, por unanimidade, a indicação do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) para que o centro histórico de Goiás recebesse o título de Patrimônio da Humanidade. (DELGADO, 2003, p. 395).

Desde o título de Patrimônio Mundial da Humanidade, a cidade de Goiás teve um considerado aumento do fluxo de turistas” (PINTO; BARBOSA; SILVA; SANTOS, 2019, p. 699). Nesse cenário, Costa e Steinke (2013) destacam que notória, também, é a realidade dos usos do patrimônio de Cidade de Goiás – Patrimônio Mundial. Para os autores, no caso da cidade histórica e turística investigada nesta dissertação:

O rio Vermelho divide o núcleo tombado em dois eixos. A ocupação da margem direita fez-se de forma regular quanto ao traçado, esboçando ruas retas e entrecruzadas, quase que em tabuleiro de xadrez, o que não se diferencia muito na margem esquerda, onde se buscou o bom assentamento ante a topografia mais irregular. Os dois amplos terraços que se formaram nas duas margens do rio (o dos mais caudalosos a cortar uma cidade histórica brasileira), favoreceram essa ocupação mais regular (se comparado a cidades como Ouro Preto e Diamantina. (COSTA; STEINKE, 2013, p. 183).

Além do traçado que tende a uma regularidade no território ocupado à margem direta do rio Vermelho, faz-se regular também o uso do patrimônio edificado, sendo

residencial quase que em sua totalidade, com a presença de poucos estabelecimentos comerciais voltados para a atividade turística. As ruas Dom Cândido (e Largo do Rosário), da Abadia e do Carmo “concentram importantes bens culturais como as igrejas de mesmo nome e construções civis de diferentes datações, que vêm do colonial e atinge o início do século XX, com a arquitetura eclética”. (COSTA; STEINKE, 2013, p. 183).

Em Goiás, cidade Patrimônio Mundial, para Costa e Steinke (2013, p. 183-184), “a predominância do uso residencial na ampla porção do território patrimonializado indica o baixo grau de refuncionalização turística do acervo e a permanência do vilaboense no centro histórico”. Em seu artigo, os autores caracterizam a paisagem da margem esquerda do rio Vermelho:

À margem esquerda do Rio Vermelho, emerge um amplo arco que se inicia na Praça Zacheu Alves de Castro (próxima ao IPHAN) e se encerra no Largo do Chafariz, que se faz de uso predominantemente local, quer seja residencial, quer seja comercial, atendendo ao morador. Na praça anunciada, o uso vai de academia a material agropecuário e elétrico, passando por sapatarias e farmácia. A rua Professor Ferreira, na sequência da praça, é quase que toda tomada por comércio local, sobretudo lojas de vestuário e utensílios domésticos. O flunar ocorre por parte da população, que parece depender deste eixo para sua sobrevivência na cidade, quer seja através do trabalho diário, quer seja pelo trânsito ou ainda para o consumo. Neste espaço, podemos apreciar a dinâmica da vida urbana pacata de uma cidade do interior brasileiro, o dia a dia da pequena Cidade não turistificada massivamente. (COSTA; STEINKE, 2013, p. 184).

De acordo com Costa e Steinke (2013), o Largo do Chafariz representa uma espacialidade ímpar no contexto da produção do urbano histórico brasileiro. O aproveitamento da melhor topografia para a construção e o respeito ao espaço amplo aberto produziu uma ambiência sem igual. “Ali temos uma noção da geografia que encerra o núcleo, pela mescla do verde da natureza, da orografia, da produção da arquitetura antiga e o hibridismo do novo que a transforma” (COSTA; STEINKE, 2013, p. 185). Tudo isso, com o Chafariz ostentoso e imponente em meio ao Largo, esboça uma disposição singular no traçado das cidades históricas brasileiras.

Nessa cidade histórica e cheia de atrativos turísticos, durante os trabalhos de campo e os contatos informais, percebeu-se que os turistas de diferentes idades e perfis escolhem a cidade com o intuito de desvendar o que o lugar tem a oferecer – não só em período de férias e feriados, quando a procura é consideravelmente maior, mas, rotineiramente, encontram-se visitantes/excursionistas na cidade. Nesse

sentido, a percepção do turista, sob o viés de produtos e serviços da Cidade de Goiás, nas palavras de Merlotti (2007, p. 152), é que:

O turismo, além de desenvolver valores espirituais, restaura a personalidade e a dignidade humana. O fenômeno turístico ramifica-se pelas mais diversas áreas, trabalha o espírito e o corpo do indivíduo, recuperando-o para retomar seus afazeres cotidianos. O turismo coloca o homem em contato com outros e o prepara para reencontrar a si mesmo, reencontrar o outro ou simplesmente encontrar-se.

Essa realidade mostra que, no caso da Cidade de Goiás, o “fenômeno urbano está vinculado à história moderna” (CASTROGIOVANNI, 2013, p. 382) da cidade histórica e turística; entendemos que o turista é um símbolo dessa história moderna. Assim, segundo Lemos (2003, p. 66):

Um dos instrumentos mais apropriados para definir o estilo do turista é a pesquisa, pois a maior parte das pesquisas sobre a demanda turística procura saber o local de origem, o nível de renda, a profissão, o motivo da viagem, o tempo de permanência, os gastos etc. Todavia, esses dados, apesar de muito importantes, não permitem às empresas que operam com a produção turística um modo de definir a qualidade e o padrão de serviços que deverão operar. (2003, p. 66)

Para os turistas que visitam o destino turístico goiano, a

[...] Cidade de Goiás ainda não se empodera de forma turística no mercado, deixando de agregar valores ao lugar e às tradições, não apenas em referência ao Patrimônio Cultural imaterial e material, mas, também, ao natural. É preciso pensar em novos desafios, formatar possibilidades de trilhas ecológicas e novos roteiros que coloquem a paisagem e a vegetação endêmica do Cerrado para serem apropriados e conservados. Além disso, é preciso pensar na responsabilidade ambiental, no sentido da sustentabilidade e mudanças de comportamento. (PINTO; BARBOSA; SILVA; SANTOS, 2019, p. 706).

Portanto, entender essas relações de trocas nessa relação do turista com o anfitrião dentro do campo do fenômeno social não é um objetivo desta pesquisa, mas uma questão que poderá ser pensada em futuros trabalhos sobre a Cidade de Goiás, sublinhando principalmente os caminhos utilizados pelos visitantes na cidade turística goiana, pois os caminhos estão para as áreas urbanas turísticas assim como estão os corredores para a totalidade do espaço turístico: “ambos estruturam o conjunto. Os caminhos são as melhores opções para se visitar os atrativos turísticos ou entrar e sair da cidade. Muitas vezes o próprio caminho passa a ser o principal atrativo”.

(CASTROGIOVANNI, 2013, p. 383). Dessa forma, entende-se que as ruas da cidade de Goiás também são atrativos desse território urbano.

Ainda é importante sublinhar que, Capital por quase 200 anos, a cidade guarda um patrimônio histórico, arquitetônico, cultural, gastronômico e natural, conservado pelos moradores como elementos de pertencimento e de potencial turístico. O título do patrimônio gerou aportes financeiros de recuperação do patrimônio arquitetônico e de modificações de gestão política, que foram consideradas necessárias para uma estruturação sistemática do conjunto, visando atender às exigências impostas pela Unesco e pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN]. Com esses novos arranjos, foram articulando-se eventos que pudessem dar visibilidades ao destino e que pudessem preservar suas tradições e seus costumes. Portanto, antes de ser uma cidade turística, Goiás é uma cidade histórica (PINTO; BARBOSA; SILVA; SANTOS, 2019).

De acordo com o Ministério do Turismo (Brasil, 2017), a Cidade de Goiás encontra-se na região de Ouro e Cristais (Figura 2) e enquadra-se na categoria B do *trade* turístico – categorias que variam entre A e E. Os visitantes que chegam a Goiás, além da visita cultural, também consomem produtos e serviços, o que torna os turistas consumidores. Nesse contexto regional é importante sublinhar:

[...] a configuração do território goiano e de seu sistema urbano representa um exemplo muito interessante, pois, podemos transitar por diferentes formas urbanas, tempos e processos espaciais, com relativa rapidez. Do tradicional ao moderno, da pequena à grande, passando pela média, do centro local ao regional e destes, à metrópole, todos estão, relativamente, marcados pela proximidade em Goiás (LUZ, 2012, p. 26).

Ao longo da constituição do território goiano, é perceptível sua crescente e irrevogável apropriação em conexão com o avanço “técnico-científico informacional, pois, em um ritmo cada vez mais acelerado, novas formas, estruturas, processos e funções passaram a compor o seu espaço, repercutindo na dinâmica urbana” (LUZ, 2012, p. 13). Nesse sentido, o interesse em investigar os quintais urbanos da Cidade de Goiás trata-se de uma releitura do contexto histórico no qual se deu a apropriação do território que hoje também se insere na cidade turística.

Figura 2: Mapa Turístico de Goiás (2019-2021).



Fonte: Goiás Turismo, 2019. Disponível em: <https://www.emaisgoias.com.br/mapa-turistico-de-goias-e-alterado-e-passa-a-ter-79-destinos/>. Acesso em: 16 de outubro 2021.

No entanto, é importante esclarecer que, entre os principais atrativos turísticos da Cidade de Goiás, estão as igrejas barrocas (Figura 3) construídas no século XVIII e registradas no

[...] Livro do Tombo do IPHAN, entre ela a Catedral de Santana, Igreja de Nossa Senhora da Abadia, Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Igreja de Nossa Senhora do Rosário e Igreja de São Francisco de Paula. Conta ainda com outros monumentos, como o Palácio Conde dos Arcos, o Museu de Arte Sacra, o Chafariz de Cauda, a Praça do Coreto, a Cruz do Anhanguera e a Casa de Fundação. Trata-se de um destino que conserva suas singularidades,

entre elas, sua comunidade. Uma comunidade conservadora e mantenedora de saberes e fazeres herdados de seus antepassados, avôs e pais, que, na atualidade, tenta enquadrar-se aos novos tempos pelo viés da cultura, gerando representações que possam garantir a visibilidade e renda familiar. (PINTO; BARBOSA; SILVA; SANTOS, 2019, p. 700).

Figura 3: Igreja da Boa Morte e também Museu de Arte Sacra. Na rua à lateral direita da imagem está localizado o Café Jasmim.



Fonte: Trabalho de campo, novembro de 2021.

Nesse contexto, a Cidade de Goiás pode ser qualificada como turística. Assim, esse núcleo urbano “se destaca por seu patrimônio histórico, cultural e ambiental. Posiciona-se no mercado do trade turístico com alguns de seus monumentos em pontos específicos do Centro Histórico”. (PINTO; BARBOSA; SILVA; SANTOS, 2019, p. 700).

Outro atrativo é o Largo da Carioca:

[...] uma área de lazer e eventos que se localiza dentro do centro histórico da cidade, às margens do rio Vermelho, onde se encontra o Chafariz da Carioca. Dentre as suas áreas verdes, está a Reserva Ecológica Federal Serra Dourada, que está em audiência pública para ser transformada em um Parque Estadual Serra Dourada, com um ecossistema riquíssimo do ponto de vista de espécies endêmicas do Cerrado, além de oferecer práticas de

estudos científicos e atividades de turismo ecológico e de aventura. (PINTO; BARBOSA; SILVA; SANTOS, 2019, p. 700).

Goiás tem um cenário urbano com diferentes territórios frequentados por moradores e turistas. Entre esses está o mercado municipal construído em 1926. Na época, o local funcionava como uma feira na qual os produtores do setor rural vendiam produtos alimentícios. Com o passar do tempo e a chegada da atividade turística, logo ele se tornou um espaço de cultura, lazer e entretenimento, com restaurantes, bares, comércios diversos, um espaço multicultural que é a Livraria Leodegária e a sala das Mulheres Coralinas.

De acordo com Longo (2021), durante quase dois anos, a partir de 2013, o Mercado Municipal da Cidade de Goiás, exemplar inspirado na arquitetura neoclássica, passou por uma grande intervenção dentro do PAC Cidades Históricas, programa criado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) para preservar o patrimônio cultural em vários pontos do país. Foram investidos na obra cerca de R\$ 10 milhões de reais.

Quando foi reinaugurado, em 2016, a expectativa era de que o mercado se tornasse um espaço de cultura e gastronomia, fomentando o turismo local. No entanto, atualmente,

[...] parte das 46 salas está sendo explorada por antigos permissionários, mas muitas permanecem fechadas ou abrigando atividades que destoam da proposta original [...]. O empresário Paulo César Brito Oliveira tentou comercializar suas empadas no Mercado Municipal. “Quando fui pleitear um espaço me disseram que era somente para os permissionários, mas sei que muitos repassaram a sala. Se é do município a pessoa tem direito de fazer isso. Hoje tem lá loja de colchão, escritório de advocacia e de agiotagem, ponto de moto táxi, fugindo totalmente do que tem de ser, ou seja, um lugar voltado para gastronomia” [...]. O Mercado Municipal foi revitalizado do ponto de vista físico, mas para nós ficou o desafio da movimentação cultural, de adequação e regulamentação do uso. Existem situações que precisam ser revistas, afirma Rodrigo Santana, atual secretário de Turismo e Desenvolvimento Econômico da cidade de Goiás. Se a prefeitura não viabilizar a gestão do espaço do ponto de vista econômico, daqui a pouco ele estará deteriorado e não vamos ter recurso para fazer uma nova revitalização. (LONGO, 2021, s/p. (Jornal O Popular).

A reportagem mostra alguns conflitos em torno da atual situação do Mercado Municipal, cenário que dificulta a consolidação turística desse território. Segundo Longo (2021), com 292 anos e história vinculada às bandeiras que a partir do século 17 exploraram o interior do Brasil em busca de minérios, a cidade de Goiás preserva

muito do seu patrimônio material e imaterial¹. Também berço da poetisa Cora Coralina, a antiga capital, sistematicamente, recebe críticas pela qualidade de serviços ao turista.

Em Goiás podem-se destacar algumas festas religiosas tradicionais como a de *Corpus Christi*, a Semana Santa, a Festa de Sant' Ana, a Festa do Rosário e a Festa do Divino. Nesse universo tem-se a Procissão do Fogaréu², tradicional procissão católica realizada anualmente na cidade de Goiás, na madrugada da quinta-feira santa.

Entre os diversos atrativos do lugar estão os seus becos “engastados entre os muros de pedras dos quintais” (COELHO, 2001, p. 195). A arquitetura goiana é, para Coelho (2001, p. 203), “um misto de elementos construtivos e programáticos trazidos por paulistas, quer por portugueses e elaborados de uma forma bem própria e com características regionalizadas”, uma paisagem que tem seu poder de atração.

Outra atração da cidade é sua gastronomia, com destaque para os doces e culinária goiana/cerrado. Consumir esses produtos “é também conhecer os lugares onde foram criados, as pessoas responsáveis pela sua produção, o saber/fazer, a cultura por detrás do produto” (SANTOS, 2014, p. 74). De acordo com Delgado (2002, p. 61), a “doçaria é tema constante dos folhetos de divulgação, dos guias turísticos, das reportagens de jornais, revistas e emissoras de televisão a respeito da Cidade de Goiás”. A produção de doces a partir das frutas do cerrado:

[...] registrada pelos viajantes que percorreram Goiás no início do século XIX, certamente era costume tradicional das famílias goianas e também alternativa para muitas mulheres, que sustentavam a família com a fabricação de doces e quitutes ("quitandas") vendidas nos tabuleiros ou sob encomenda. No

¹ O Patrimônio Imaterial são aquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários). O Patrimônio Material são imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. A existência do patrimônio está nas paisagens desconstruídas, reconstruídas, heterogêneas, além dos conteúdos e imaginários que formam as paisagens culturais do local. (SOUZA, 2015). A procissão do Fogaréu, as Serestas, os artesanatos de barro, a Festa de Santana são exemplos de Patrimônios Imateriais da Cidade de Goiás. As Igrejas Históricas, o Mercado, o Coreto são exemplos de Patrimônios Materiais da Cidade de Goiás.

² A Procissão do Fogaréu atrai turistas de todos os lugares do Brasil, é realizada tradicionalmente desde 1745, encenada por 100 Farricocos, que vestem túnicas compridas e capuzes pontiagudos, representando soldados romanos. Essa tradição vem da Espanha e de Portugal e foi levada a Goiás pelo padre espanhol João Perestelo Espíndola. O ritual representava a penitência e condenação pública de pecadores, e depois se transformou em uma festa popular, que recria a prisão de Jesus Cristo. Os rituais da Semana Santa são fundamentais para o calendário do catolicismo e, na cidade de Goiás, foram realizados como o ápice da religiosidade na região, adquirindo um significado bastante amplo para a população em geral, tanto no passado como no presente. (CAES, 2019).

Fonte: Elaborado por MATEUS, Natália, 2021.

Figura 4: A imagem mostra o quintal do Museu Casa de Cora, cidade de Goiás.



Fonte: Trabalho de campo realizado no dia 22 de abril de 2021.
Autora, 2021.

Esta parte da pesquisa de mestrado foi pensada a partir da leitura do trabalho de Cabral (2020), que traz um diário de bordo, relatando a sua chegada aos lugares de investigação, ou seja, uma narrativa que mostra a intimidade entre a investigadora e o objeto de estudo. Nesse contexto, serão apresentadas algumas histórias que ouvimos desde nossa infância sobre os quintais da Cidade de Goiás, não apenas os investigados neste trabalho, mas de maneira geral.

Nesta seção, pode-se sublinhar que escrever sobre a Cidade de Goiás, falar sobre as histórias que circunda esse importante destino turístico goiano, uma cidade do ciclo do ouro que carrega o peso do passado, de uma história que inicia no século

VXIII é uma responsabilidade imensa. Nessas linhas, traz-se o empírico de uma vivência ao longo do tempo, quando as mulheres não tinham direito de vez, nem de voto, muito menos direito de sair de casa, eram reclusas dentro de suas residências e seus quintais.

As casas do centro histórico são, na sua maioria, residências do tempo colonial. Foram construídas no mesmo contexto de outras cidades históricas do Brasil, são habitações geminadas. Nesse cenário, os quintais (Figura 5) eram grandes e carregavam o peso de serem territórios que garantiam ou complementavam os sustentos das famílias; na maior parte das vezes, quem cuidava dessa parte das residências eram as mulheres. Em conversas informais com antigos moradores, esses disseram que as mulheres da antiga capital de Goiás não tinham direito de sair nas ruas, não podiam passear, então, tinham o quintal como uma forma de “lazer”.

Portanto, o quintal era um lugar de “descontração” e trabalho. Esses territórios eram divididos em três partes. A primeira parte se constituía de um Jardim, onde as mulheres cultivavam as flores para enfeitar seus lares e decorar as festas das igrejas e de suas famílias. No segundo quintal ocorriam as produções de hortaliças, raízes e ervas para chás. De acordo com os relatos de antigos moradores, era comum ver as mulheres nas janelas de suas casas comercializando as mangas em pequenos pratos. Antigos residentes contavam que nos finais de tarde era comum ver as mulheres perfumadas nas janelas, mas na maior do tempo elas ficavam mesmo dentro dos quintais.

Figura 5: A imagem mostra o atual quintal da Casa de Cora, um ambiente urbano e seus conteúdos de ruralidade que ainda permanecem.



Fonte: Trabalho de campo no dia 05 de novembro. Autora, 2021.

O terceiro quintal era para o plantio de frutas, uma vez que a cidade trazia no seu cotidiano o hábito da produção de fazer doces de frutas como forma de renda para as famílias. As árvores frutíferas eram plantadas nos quintais, principalmente as mangueiras, laranjeiras, limoeiros, figueiras e muitas outras.

O terceiro e último quintal também era utilizado para a criação de animais, principalmente aves, suínos e cavalos. Os equinos eram o meio de condução humana da época. Animais como porcos e galinhas eram utilizados na troca por outros produtos; esses negócios aconteciam no antigo mercado municipal. Os fazendeiros da época, cujas propriedades distavam até quinhentos quilômetros da antiga capital, traziam arroz, feijão e milho em lombos de mulas até o mercado, e nesse ambiente ocorriam as trocas de mercadorias.

O texto de Rodrigues (1982) descreve as casas coloniais enfileiradas de Goiás e apresenta em detalhes o cenário espacial da residência e as três repartições (Figura 6) que possuíam os quintais:

[...] a varanda dava para o primeiro quintal que era um jardim, onde exalavam os perfumes dos jasmims, bugarins, resedás, angélicas, boninas, baunilhas e manacás. Depois deste, a cozinha passava ao segundo quintal onde estava a horta e algumas vezes tinham o poço d'água e também um tanque de pedra, à maneira romana, para que em tardes quentes se tomassem agradáveis banhos. Finalmente, no terceiro quintal, o pomar, onde também criavam galinhas e suínos (sendo que alguns tinham uma vaca para suprir de leite a casa) e o pequeno pasto para os animais de sela. Este último quintal terminava num beco, num córrego ou no rio. Hoje, na maioria destes antigos casarões, construíram casas novas neste terceiro quintal. (RODRIGUES, 1982, p. 20).

Figura 6: Desenho dos três quintais nas residências de Goiás



Fonte: RODRIGUES, Maria Augusta Calado de Saloma, 1982, p. 21.

É interessante sublinhar as narrativas das mulheres que viveram esse outro tempo da Cidade Goiás. Elas gostam de ressaltar que o tempo foi passando e as mulheres foram adquirindo direitos e começaram a sair de casa, mas o quintal não ficou esquecido. Hoje eles ainda continuam cumprindo diferentes funções, não perderam seus valores nas residências da antiga capital. No entanto, o quintal contemporâneo não é apenas um território marcado pela presença feminina.

1.3 AS CATEGORIAS DE ANÁLISES NA GEOGRAFIA – ABORDAGEM TEÓRICA

Inicialmente, torna-se relevante explicar que esta dissertação se propôs, nos seus objetivos, investigar os quintais de estabelecimentos comerciais e museu da Cidade de Goiás, antigas residências, territórios internos das edificações do Centro

Histórico transformados em bares/cafés/lanchonetes frequentados, atualmente, por residentes e turistas.

Portanto, buscando a aproximação entre a ciência geográfica e o turismo, esperamos responder outras questões: os quintais do centro histórico são reveladores de determinado contexto espaço-temporal da formação territorial de Goiás? Que tipo de paisagem cultural e turística se desenrola nos quintais e seus cafés (Café Cora, Café Jasmim e outros), com suas tramas, relações de trabalho, residentes e turistas?

Nesse contexto, entende-se que, dos conceitos básicos da geografia, os que mais se relacionam com a investigação proposta são de território e de lugar, embora entenda-se que será necessário perpassar por outras categorias geográficas como espaço e paisagem. Assim, Bernardes (2011, p. 43) sublinha que categorias e conceitos “são instrumentais teóricos que só possuem validade dentro de uma lógica concatenada coerentemente, teoria e método. Para se fazer a transposição de certas categorias e conceitos de métodos distintos, é necessário certo cuidado para não gerar uma incoerência teórico metodológica [...]”.

Na leitura do texto de Bernardes (2011), foi destacado que a própria perspectiva do geógrafo pode ser considerada como particular, assim como a dos biólogos, antropólogos, físicos etc, pois em cada ciência, também pode haver diferentes perspectivas particulares para uma mesma objetividade singular. Portanto, gostaria de destacar que, devido a minha formação em Turismo, uma não Geógrafa, estou ciente do desafio que é compreender categorias geográficas derivadas do empreendimento do entendimento do ser-no-mundo.

Para Riceto e Silva (2008), compreender os diferentes conceitos de territórios tem sido o foco de estudos de profissionais, professores e estudantes ligados à ciência geográfica, sendo que essa categoria também tem sido trabalhada pela Sociologia, Antropologia, História, Turismo e outras. Assim, são muitas as áreas para as quais o território desempenha um caráter explicativo da realidade. Entretanto, há que se atentar para o fato de que território pode ser entendido de diferentes maneiras, a depender da área de investigação. Dessa maneira, ele pode servir a diversas formas de utilização. Nesse contexto, o espaço geográfico:

[...] ou, o espaço socialmente construído, constitui o objeto de estudo da Geografia. Ele pode ser pensado em diferentes escalas também definidas como categorias de análise da geografia. Dentre elas se destaca o Território, considerado por muitos profissionais da área, como sendo uma das principais categorias. Ele se torna tema de debates e discussões, tendo como

característica marcante a pluralidade de definições. Há uma polissemia do uso do termo, porém é preciso que passemos da simples definição para os diversos significados a fim de que possamos entender o debate acerca dessa categoria. Autores nas diversas áreas do conhecimento têm buscado entender a realidade a partir do entendimento do significado do território, podendo ser interpretado de acordo com a área de investigação conforme o exposto acima. (RICETO; SILVA, 2008, p. 146-147).

Nesse entremeio, Souza (2000, p. 81) reforça que os “territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes. [...] territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica”. Santos (1996, p. 15) arrazoa que é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto de “análise social”.

O mesmo autor ainda lembra que o “território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado” (SANTOS, 1996, p. 16). Assim, propõe-se analisar a presença de um território que perdeu a sua função de um simples quintal na Cidade de Goiás, mas que ainda responde às especificidades da paisagem histórica goiana, como parte do processo de formação cultural acontecido em pleno bioma cerrado, lugar que atualmente torna-se turístico.

Para Santos (1996), é a partir dessa nova realidade que encontramos no território, hoje, novos recortes, e isso é resultado da nova construção do espaço e do novo funcionamento do território. Assim, compreendendo o conceito escolhido para a referida pesquisa no âmbito da geografia, é preciso sublinhar que a expressão “território e os derivados, territorialidades e desterritorialidade, tem uso antigo nas ciências sociais e naturais; recentemente, porém, com a retomada dos estudos da geografia política e de geopolítica, voltaram a ser mais utilizadas, a ter maior atualidade” (ANDRADE, 1996, p. 213).

Nesse caminho, o território constitui-se, em realidade, em um conceito subordinado a outro mais abrangente, o espaço, isto é, a organização espacial. (CORRÊA, 1996). De acordo com Riceto e Silva (2008), culturalmente o território pode ser definido como o espaço de um reconhecimento, onde os indivíduos se declaram como parte, seja de um lugar ou de uma manifestação.

Segundo Corrêa (1996, p. 252), há vários territórios recobrando a superfície da Terra. Cada um representa “uma específica dimensão e conteúdo”. De acordo com Santos (2021), analisar os textos de importantes geógrafos é exaltar estudiosos de muitos olhares e investigadores do sentimento humano pelo território, com base em possibilidades também variadas de espaços e geografias.

Assim, como o objetivo desta pesquisa é desenvolver uma análise acerca da atividade turística, trazem-se a seguir os conceitos de território e suas interfaces com paisagem, lugar e espaço a partir de estudiosos da geografia do turismo. Desse modo, esta investigação aporta em autores da geografia que pesquisam o turismo e dialogam com a categoria território, e nesse entremeio trazem-se também autores com formação e atuação no turismo.

Nesse contexto, Cruz (2003, p. 14), na sua obra “Introdução à Geografia do Turismo”, trata o território turístico a partir de três “agentes de sua turistificação: os turistas, o mercado, os planejadores e promotores territoriais”. Nesse caso, são os turistas que “estão na base da transformação de determinado local em lugar turístico” (CRUZ, 2003, p. 14). Dessa forma, toda a análise realizada até aqui sobre o turismo na produção do espaço geográfico, ou seja, sobre

[...] a criação de territórios turísticos, deve considerar o conjunto de relações em que se desenvolve a atividade, bem como suas dimensões global e local. O turismo representa apenas uma parte de um imenso jogo de relações. O turismo, tal como outras atividades – e concorrendo com elas – introduz no espaço objetos definidos pela possibilidade de permitir o desenvolvimento da atividade. Além disso, objetos preexistentes em dado espaço podem ser igualmente absorvidos pelo e para o turismo, tendo seu significado alterado para atender a uma nova demanda de uso, a demanda de uso turístico. (CRUZ, 2003, p. 12).

É com o objetivo de compreender essa nova demanda de uso que este estudo que associa a ciência geográfica ao turismo buscou analisar os cafés existentes nos quintais históricos da Cidade de Goiás a partir dos traços culturais, da sua distribuição no espaço urbano que é turístico e as marcas que eles imprimem na paisagem, lugar e território. Assim, fundamentado em Cruz (2003), entende-se que os novos usos dos quintais históricos da Cidade de Goiás só tornaram territórios turísticos em função da prática contemporânea do turismo que lhe dá uma existência, uma identidade própria e singular, uma nova realidade na cidade.

A prática mercadológica estabelecida pela atividade turística apropria-se desses territórios não turísticos e confere-lhes novos significados. Dessa forma, a dinâmica:

[...] da produção de territórios turísticos (ou seja, da apropriação dos espaços pela prática social do turismo) comporta, com a incorporação de novos espaços, o abandono parcial ou total de outros, pois, entre os fatores que determinam sua valorização, destacam-se os modismos, produzidos pela ação determinante do marketing. (CRUZ, 2003, p. 12).

De Cruz (2001), ao pensar a relação entre turismo e território, põe-se que se deve considerar que a atividade turística concorre no processo de transformação dos territórios para seu uso, com outros usos do território, bem como as formações socioespaciais precedentes a seu aparecimento. O processo de transformação de um determinado espaço em território turístico requer adequação desse espaço à sua nova funcionalização, ou seja, o que se entende que vem ocorrendo na Cidade de Goiás com a nova especialização dos quintais.

Para Cruz (2001, p. 23), “o turismo de hotelaria e o turismo de segunda-residência são exemplos, do ponto de vista de uma análise espacial, de territórios turísticos”. Em contraponto aos territórios do capital, Coriolano e Sampaio (2012, p. 35) lembram que “emergem territórios solidários, em várias escalas territoriais, com experiências de turismo que representam estratégias de sobrevivência baseada na criatividade e esperança, mediante trabalho humano”.

Nesse sentido, “apreender qual o papel que cabe ao turismo no ordenamento e reordenamento de territórios para seu uso requer a consideração de inúmeras variáveis que compõem o imenso jogo de relações do qual o turismo representa apenas uma parte” (CRUZ, 2001, p. 27).

Costa e Santos (2018) revelam que é importante estabelecer, pela sua dinâmica, uma relação entre a atividade turística e os territórios onde ela se desenvolve. Ao assumir-se como um fenômeno que obriga a deslocação de pessoas no território, o turismo apresenta-se cada vez mais valorizado, porque promove e desenvolve novos desafios, projetos e mais-valias de ordem econômica, social, cultural e política. O turismo tem ganhado novos formatos e atingido cada vez mais pessoas, assumindo-se, fundamentalmente, como uma prática de lazer, com pendor socioespacial e econômico.

O turismo:

[...] tem-se vindo a afirmar como uma das mais interessantes formas de valorização do território (unidade ou conjunto de paisagens homogêneas ou heterogêneas). Estas abrangem espaços tão distintos como: as que se caracterizam pelas baixas densidades ou ausência de povoamento; as áreas de reserva ecológica que, numa lógica de complementaridade, aproveitam as suas condições naturais para aumentarem e melhorar a qualidade de vida dos autóctones, com base na prática da atividade turística; e, ainda, as grandes cidades densamente povoadas e funcionalizadas. (CARLOS; SANTOS, 2018, p. 24).

De acordo com os autores, o território se anuncia como um termo especializado. Portanto, “perceber o turismo e os turistas é também compreender o território e perceber a viagem como o modo de conseguir um portfólio de lugares” (CARLOS; SANTOS, 2018, p. 26). Segundo Santos (2013, p. 36), o fazer turismo e lazer “são práticas sociais, que envolvem o deslocamento de pessoas pelo território, conhecido também por região, lugar ou destino e que tem, no espaço geográfico, seus principais produtos e atrativos, ou seja, seu principal objeto de consumo”.

No âmbito local, as competências turísticas se relacionam com a ordenação local:

[...] dos territórios e com a criação de infraestruturas e equipamentos turísticos, com a concessão de licenças e alvarás de construção, com a propriedade e proteção dos atrativos naturais e patrimoniais, com a promoção dos lugares, com autoridade inspetora e criação de impostos especiais. (SANTOS, 2013, p. 83-84).

Dessa forma, seja na escala do quintal urbano, “da casa, da rua, do bairro ou da cidade, do estado ou da nação, a delimitação de territórios é algo complexo, e sempre objeto de defesa” (RICETO; SILVA, 2008, p. 148), pois pertencer “a um território é acima de tudo querer e sentir-se reconhecido nele” (RICETO; SILVA, 2008, p. 148). Assim, principalmente pela presença do turista, pode-se afirmar que a base territorial onde a Cidade de Goiás está inserida necessita hoje de reflexões profundas quanto às mudanças mercantis relacionadas ao turismo na pós-modernidade.

Nesse contexto, é fundamental compreender os quintais como territórios usados pelos turistas, como lugares organizados para o acolhimento dos visitantes, paisagens apropriadas pela lógica turística, uma realidade contemporânea do lugar. Empiricamente é percebido que, na cidade histórica de Goiás, os cafés Cora e Jasmim oferecem não somente um bom café goiano, mas também um território acolhedor, em sua grande maioria, onde residentes e turistas podem apreciar a gastronomia do lugar e a arquitetura histórica de suas antigas residências e de seus antigos quintais, que eram um espaço exclusivo dos moradores.

Desse modo, o que se propõe nesta dissertação é investigar a contribuição desses territórios para a atividade turística e o turismo cultural que ocorre nessa urbanidade do interior goiano. Nesse debate, pode-se afirmar que o conceito de território viabiliza diferentes possibilidades para entendê-lo, aportando principalmente no livro de Rita Ariza Cruz (2003), sobre a Introdução à Geografia do Turismo.

Nesse debate, pode-se afirmar que o conceito de território possibilita diferentes compreensões. Sem dúvida, os quintais urbanos do centro histórico da cidade de Goiás não são mais territórios exclusivos de práticas e cultivos tradicionais. Nem abrigam, na sua composição, apenas a imagem que nutre a ideia de um modo de vida tradicional. Os tempos e as ideias são outros; nesses territórios se podem encontrar, desde uma paisagem sem vegetação, até os cafés. Nesse cenário de reflexão, é preciso entender que:

Desde o período colonial, séculos XV e XVI, e mais tarde com o desenvolvimento da Ciência Geográfica temos assistido a diferentes maneiras de produção de território, ou territórios. O território passou a ser estritamente vinculado às suas potencialidades, aos recursos naturais que uma determinada área poderia oferecer, bem como à sua posição geográfica, pois assim acreditava-se que o desenvolvimento da sociedade fosse influenciado de forma contundente por esses recursos. (RICETO; SILVA, 2008, p. 148).

Todavia, é preciso ficar explícito que o objetivo principal desta seção e das outras deste trabalho é “pensarmos uma forma de entendimento do território sem, contudo, nos aprisionarmos nela, mas acima de tudo estar atentos às diversas possibilidades pelas quais ele é apreendido” (RICETO; SILVA, 2008, p. 147). Compreender o quintal urbano por meio da categoria território também “ampliam-se as perspectivas da investigação a respeito dos quintais, proporcionando desdobramentos para o tema”. (PEREIRA; ALMEIDA, 2011, p. 62).

Diante do contexto analisado, não se pode negar que é a partir da categoria geográfica espaço “que os agentes sociais do turismo produzem seus processos de turistificação que resultam em territórios do turismo, os quais se revelam como destinos turísticos” (FRATUCCI, 2014, p. 92). Nesse sentido, os quintais urbanos, territórios que são objetos de análise desta pesquisa, representam um importante componente turístico do destino Goiás.

Para Fratucci (2014, p. 91), na discussão sobre as categorias geográficas de análise, é necessário colocar o espaço como “um dos pontos de partida para a compreensão de todo o processo de produção do turismo”. Essa reflexão que será alargada na próxima seção deste capítulo. Portanto, evitando o aprisionamento, o engessamento em uma única categoria de análise, abrem-se possibilidades de diálogo com outras categorias como lugar, espaço, paisagem e região, que também são relevantes para esta investigação, uma interface complexa e oportuna.

1.4 A CATEGORIA DE ANÁLISE, TERRITÓRIO E O TURISMO: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

Considerando-se a reflexão anterior sobre a categoria geográfica território, pode-se, inicialmente, sublinhar que os “territórios eleitos pelo turismo hoje não correspondem, necessariamente, aos territórios turísticos de amanhã” (CRUZ, 2003, p. 13). Nesse diálogo, é preciso trazer as palavras de Cruz (2003), reforçando que a geografia do turismo é uma expressão que se refere à dimensão socioespacial da prática social do turismo que, a nosso entender, interessa à análise da categoria território nas mais diversas áreas do conhecimento. A geografia do turismo é mesmo um campo de investigação:

[...] que dando especial atenção às mobilidades, ao turista consumidor e ator espacial, aos lugares e destinos turísticos, ao ordenamento dos territórios e à qualidade e vida das populações autóctones e alóctones, surge como área de pesquisa privilegiada para a boa compreensão e explicação dos fenômenos espaço-temporais. Esta relação biunívoca é tão mais importante quanto se percebe que os elementos centrais do estudo do espaço geográfico - como a paisagem, o clima, a vegetação, os elementos aquáticos, a cultura, os transportes, as distâncias, os elementos construídos pelo homem, os patrimônios imateriais, as atividades econômicas base de muitas formas de lazer -, são fatores de suporte e recursos, recursos centrais e atratores. (SANTOS, 2014, p. 68).

Para Santos (2014, p. 68), o turismo e a geografia são áreas científicas “muito próximas, especialmente porque encontram no território expressão superlativa para os seus objetos de estudo, metodologias de trabalho e processos de organização e gestão”. Assim, é preciso compreender que a “Geografia do turismo não constitui em si mesma uma nova ciência geográfica, mas sim uma forma de abordar o turismo pelo viés geográfico”. (ALMADA, 2018, p. 198).

A sistematização da

[...] geografia em ciência e do fenômeno do turismo moderno são contemporâneos, ambos datam do século XIX, desde então o turismo foi estudado por diferentes abordagens pela geografia, de acordo com os paradigmas basilares de cada corrente geográfica. (ALMADA, 2018, p. 198).

Nesse contexto, o turismo, ao estudar as formas, a organização e os impactos dessa atividade “no contexto social, ambiental e econômico, remete à geografia algumas noções e estratégias no uso do território, utilização da paisagem, além de

questões relativas às políticas públicas e privadas do turismo e o espaço”. (SALES, 2010, p. 278).

Portanto, os “territórios turísticos – constituem territórios inventados e produzidos para o turismo, seja através de operadores ou planejadores turísticos”. (KNAFOU, 1996, p. 73). Gomes (2019, p. 87) compreende o território turístico como “fruto das relações de poder no campo social, econômico, ecológico e cultural, como também de uso pelo setor público e privado, assim como pela sociedade”.

De acordo com Cruz (2003, p. 5), o turismo é “uma prática social que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo”. No caso desta investigação, a categoria geográfica território é uma “expressão utilizada tanto para se referir a lugares que já foram apropriados pela prática social do turismo como também a lugares considerados potencialmente turísticos” (CRUZ, 2003, p. 7), uma reflexão que não rompe com as outras categorias de análise da geografia que também se interessam pelo turismo.

O consumo dos territórios pelo turismo é intermediado por inúmeras formas de

[...] consumo, entre as quais podem-se listar os meios de transportes, de hospedagem e de restauração (estabelecimentos comerciais do ramo alimentício), o setor de agenciamento da atividade, os serviços bancários, o comércio de bens de consumo de modo geral. O Consumo dos territórios pelo turismo envolve o consumo de um conjunto, indissociável, de bens e serviços que compõem o “fazer turístico”, isto é, o ato de praticar turismo e tudo aquilo que essa prática envolve, em termos de objetos e ações. (CRUZ, 2001, p. 9).

Para Cruz (2001, p. 9), “o modo como se dá a apropriação de uma determinada parte do espaço geográfico pelo turismo depende da política pública de turismo” que se leva a cabo no lugar, no território, na cidade turística. Portanto, o território do turismo é a “soma dos territórios dos turistas, dos agentes do mercado, do poder público, dos trabalhadores da atividade (diretos e indiretos) e do território da população local dos destinos turísticos” (FRATUCCI, 2014, p. 93).

Santos (2014, p. 69) arrazoia que a “identidade territorial³ é uma característica cada vez mais importante na valorização dos lugares e destinos turísticos”. No entanto, nos diversos destinos turísticos, “os territórios turistificados são tratados

³ A identidade territorial é um tipo de identidade social que expressa na relação de pertencimento de um grupo a partir da delimitação de uma escala territorial de referência identitária. O território envolve sempre, ao mesmo tempo [...], uma dimensão simbólica, cultural por meio de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais. (HAESBAERT, 1997). Nesse contexto, entendemos que os novos usos dos quintais pelo turismo preservam a história desses espaços, as formas, a arquitetura de pedra e os conteúdos de ruralidade (cultivos) como no caso do Cora Café.

como simples mercadorias que, para cumprir sua missão, precisam garantir o máximo de lucro, de preferências em prazos bem curtos” (FRATUCCI, 2014, p. 94).

“Na verdade, o destino turístico é catalisador da relação entre geografia e turismo e assume a importância da gestão e da organização sistêmica dos elementos que contribuem para a cadeia de valor do turismo”. (SANTOS, 2014, p. 68). Dessa forma, a complexidade do território do turismo

[...] abrange as territorialidades superpostas de cada grupo de agentes sociais envolvidos nos seus processos produtivos, onde termos interesses, expectativas e subjetividades específicas que ora se complementam, ora se contrapõem, exigindo dos seus gestores visões mais ampliadas e dialógicas (FRATUCCI, 2014, p. 95).

Nesse entremeio complexo e fervoroso de discussão das categorias geográficas de análise, é preciso compreender que o lugar turístico é o conceito geográfico que permite identificar a materialização do turismo no espaço geográfico; e o território usado, a categoria analítica que permite apreender turismo no espaço. “A análise geográfica do turismo deve levar em consideração as relações contraditórias entre os agentes que atuam na produção do lugar turístico que desvelam uma realidade complexa nos territórios onde há sua presença”. (ALMADA, 2018, p. 220).

Diante desse contexto, o espaço geográfico torna

[...] uma totalidade em movimento em razão de que a cada situação histórica novas qualidades e propriedades emergem no lugar, essas ocorrem em virtude dos eventos que criam ou transformam o território usado e a configuração territorial de cada período, o desafio da análise geográfica encontra-se em apreender essas características emergenciais, buscando compreender e explicar a produção do espaço geográfico a partir de seu constante movimento de transformação. (ALMADA, 2018, p. 204).

Nessa perspectiva, o turismo é uma atividade predominantemente dinâmica. Valorizar nele o espaço geográfico - onde as relações e consumo de tempo ocorrem – “é promover esse dinamismo, pela diferenciação decorrente das práticas, pela gestão imprescindível dos territórios e, logicamente, pela possibilidade de melhor utilização e compreensão dos modelos turísticos atuais”. (SANTOS, 2014, p. 68).

Como se trata de uma atividade produtiva:

[...] a tempo inteiro, já que o turismo de uns implica o trabalho de outros, a obtenção de lucro que leva, por vezes, a exageros na exploração dos recursos, pode resultar em processos de insustentabilidade, sendo necessário procurar, como referido no início deste texto, uma sustentabilidade econômica e ambiental solidária. É, aliás, da ausência desta

relação solidária que surgem muito dos problemas de ordenamento do território associados ao lazer e ao turismo, expresso em violações de restrições ambientais. (SANTOS, 2014, p. 84).

Segundo Santos (2014), o turismo não é uma solução milagrosa de desenvolvimento, mas pode ter um papel fulcral na coesão territorial e na valorização local de recursos, normalmente pouco solicitados para uma oferta mercantil quando são outras as atividades econômicas em análise. Como é óbvia, essa perspectiva otimista precisa ser filtrada por fatores socioeconômicos e políticos culturais que mostram que existem impactos negativos a serem considerados.

Em outro caminho teórico, Cruz (2001, p. 19) apresenta outro contexto de pensar a atividade turística, mas sem o território, ou seja, a partir das “viagens virtuais, realizadas por computadores, bastante questionáveis como modalidade de turismo”. Quando se fala de turismo, nenhuma outra atividade:

[...] consome, elementarmente, espaço, como faz o turismo e esse é um fator importante na diferenciação entre turismo e outras atividades produtivas. É pelo processo de consumo dos espaços pelo turismo que gestam os territórios turísticos. O turismo concorre, no processo de transformação dos territórios para seu uso, com outros usos do território, bem como com formações socioespaciais precedentes a seu aparecimento. (CRUZ, 2001, p. 17).

Daí, ao nos referirmos aos territórios usados pela atividade turística, ao focar as relações entre turismo e território, chega-se ao próximo capítulo (seção 2 da pesquisa) abordando os quintais urbanos e as lógicas contemporâneas de usos desses lugares por turistas e residentes, tendo em mente que está se tratando do território turístico, de um fazer turístico, que antigos quintais urbanos têm se tornado objeto de consumo do turismo.

2 QUINTAIS URBANOS E AS LÓGICAS CONTEMPORÂNEAS: CONTRIBUIÇÕES GEOGRÁFICAS PARA O ESTUDO DA CIDADE TURÍSTICA

2.1 O TURISMO NA CIDADE: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

Este estudo sobre os quintais urbanos de Goiás (Figura 7) reflete sobre uma cidade que é produzida pela sociedade e, por isso, busca-se uma análise empírica e teórica aportada em suas dimensões mais humanas. Nessa direção, a paisagem revela-se cheia de vida, ao mesmo tempo é a “expressão de sentimentos contraditórios, paixões e emoções”. (CARLOS, 2007, p. 33). As cidades são representações dos macro-movimentos dos sujeitos que atuam com grande

[...] capacidade de organização, transformação e reordenação. Elas são um recorte do mundo, onde, independentemente de suas dimensões ou relevância regional, vibram e se transformam de acordo com as necessidades e solicitações das políticas e movimentos sociais locais, atrelados cada vez mais aos movimentos globais. (CASTROGIOVANNI, 2013, p. 382).

Assim, espera-se que o diálogo com os conceitos cidade-turismo-lazer possa permitir uma leitura e uma interpretação do território investigado, a cidade que “ganha teatralidade e não existe dissociada da sociedade que lhe dá conteúdo” (CARLOS, 2007, p. 34). As cidades são produtos culturais e a materialização do discurso, os textos que as compõem “revelam lógicas no modo de pensar a ordenação territorial. Fruto da construção social e cultural, carregam na sua corporeidade, em cada parte, a totalidade das condições de sua [re]construção”. (CASTROGIOVANNI, 2013, p. 382).

Assim, se por um lado, a cidade se reproduz na contradição entre a eliminação substancial das formas que criam o

[...] desaparecimento dos referenciais da vida, produzindo o estranhamento, há, por outro lado, reconhecimentos e projetos coletivos. O significado mais profundo do espaço, do ponto de vista da prática socio-espacial, revela a cidade também enquanto possibilidade, isto é lugar aonde se projeta uma vida passível de ser realizada em outros parâmetros que se opõem à lógica da reprodução política e econômica. (CARLOS, 2007, p. 48).

Figura 7: Portão de acesso ao Cora Café no quintal do Museu Casa de Cora, mantendo a tradicional estrutura do muro urbano e histórico.



Fonte: Trabalho de campo realizado no dia 22 de abril de 2021.
Autora, 2021.

No Brasil, o conceito de cidade está associado ao aspecto político, ou seja, são sedes administrativas dos municípios que, por sua vez, representam a menor parcela do território com gerenciamento político próprio. (CASTROGIOVANNI, 2013, p. 383). Em sua complexidade, a cidade pode ser analisada pelos aspectos econômicos, territoriais, culturais, especulativos, políticos e sociais, e para Pereira (2011, p. 15), quando deixa de investir em lazer, “a cidade perde seu sentido social, econômico e cultural”.

Nesse contexto, deve-se dialogar com a cidade complexa, que é “multifacetada, polissêmica, fragmentada, diferenciada: realidade que incita imaginários. Real e concreta, *locus* de sonhos, desejos, desígnios, desenhos. Espaço do imaginário, território da imaginação” (MACHADO, 1996, p. 9). A cidade é um mundo de representações:

[...] que causam diferentes sentidos. Independente de ser pequena ou uma metrópole, ela pulsa, vive, seduz, agride, transforma-se e transforma aqueles que nela interagem. Ela tem limites ilimitados no tempo e muitas vezes no espaço. A cidade é repleta de entornos e estabelece entornos, alguns fortes, expressivos; outros suaves, interativos com a continuidade espacial. (CASTROGIOVANNI, 2013, p. 388).

Dessa forma, a “cidade é um discurso e esse discurso é na verdade uma linguagem: um livro de pedras construído, permitindo a formação de uma imagem” (OSTERMANN, 1996, p. 161). Esse poder de fascínio da imagem faz parte da cidade turística, das suas áreas de lazer e convivência, dos seus cafés, das antigas residências, das suas ruas que servem à dinamicidade turística e do lugar. Nas cidades contemporâneas se fazem presentes “os momentos do lazer, do trabalho, da vida privada, e com isso, o sentido do dinamismo entre necessidades e desejos que pautam a reprodução da vida”. (CARLOS, 2007, p. 41).

Nesse entremeio, Castrogiovanni (2013, p. 382) apresenta uma reflexão a partir dos conceitos de espaço urbano e cidade:

O espaço urbano não é construído por/para um sujeito apenas, mas por/para muitos e estes apresentam olhares identitários singulares, de formação específica, ocupação profissional, origem étnica e diversidade social e, portanto, interesses e necessidades. Devemos estar atentos, pois vivemos em um mundo repleto de falsos conceitos e expectativas sobre as culturas e comunidades às quais não pertencemos. No entanto, cada vez mais, parece ser a diversidade a norma estabelecida. A cidade deve ser vista como uma representação da condição humana, sendo que esta representação se manifesta através da arquitetura em si – das formas e da ordenação dos seus elementos – estrutura e processo. As cidades modernas são complexas e procuram apresentar áreas com especialização que atendam as características individuais dos diversos grupos, constituindo-se de lugares urbanos.

Diante dessa breve síntese sobre a cidade, Cruz (2003, p. 60) arrazoa que “o mundo do turismo é um mundo sem limites. Nele, tudo se pode criar ou recriar”. De acordo com Bandeira (2013), a atividade turística nasce e se constitui como um fenômeno moderno. No mundo da globalização, as cidades passaram a empreender acirradas disputas para atrair visitantes e capitais. As cidades turísticas representam uma nova e extraordinária forma de urbanização, porque são organizadas não para a produção, como o foram as cidades industriais, mas para o consumo de bens, serviços e paisagens.

Portanto, conforme Cruz (2003, p. 16), a maior parte das localidades turísticas no mundo, Goiás se enquadra nesse cenário, pois “existiam como cidades, antes do

aparecimento do turismo em seu território. Isso se explica pelo fato de o fenômeno urbano ser muito anterior ao advento do turismo, como atividade econômica organizada”. Entre os atrativos das cidades turísticas está

[...] o patrimônio histórico arquitetônico, que alguns centros urbanos mais antigos do país conseguiram preservar. Monumentos, igrejas, edifícios institucionais, comerciais ou residenciais, remanescentes arquitetônicos de monumentos passados, que constam, por si só, parte da história dos lugares. [...] Esse patrimônio histórico arquitetônico interessa ao turismo urbano, pois pode representar uma possibilidade de diversificação da oferta turística do lugar. (CRUZ, 2003, p. 53).

Não por acaso, portanto, a atividade turística apropria-se desse patrimônio na Cidade de Goiás. As “cidades podem ser incorporadas, espontaneamente, ao circuito das localidades turísticas, devido à sua valorização (cultural) pela atividade ou, então, induzir o desenvolvimento do turismo, por meio de políticas e do planejamento da atividade” (CRUZ, 2001, p. 25).

Nesse entremeio, Bandeira (2013, p. 444) explica que a cidade passa a ser qualificada para o turismo, a partir de sua singularidade, com seu “espaço diferenciado e rico em possibilidades, capaz de seduzir e encantar pela diversidade cultural, patrimonial”.

A cidade de dinâmica turística das mais intensas em um estado não está “apartada da possibilidade de apresentar elevado grau de precarização do urbano, o que inibe a efetivação do empoderamento dos bens culturais, democraticamente”. (COSTA; STEINKE, 2013, p. 192). Então, para Bandeira (2013, p. 444), toda cidade é reflexo de

[...] seu tempo, convívio harmonioso ou não entre passado e futuro, que guarda marcas históricas na sua paisagem. Em meio à agitação cotidiana, ao tumulto da vida contemporânea, reserva espaços para olhar a si mesma e se admirar com o que vê. Por estas razões, a cidade merece ter estudadas suas novas possibilidades e relações com o turismo.

Nesse prisma, é importante ressaltar que a ordenação turística é a busca conveniente dos meios existentes no espaço turístico para o sucesso das propostas relativas às atividades turísticas. O Espaço Turístico, seja no tecido urbano ou rural, parece possibilitar o nascedouro de um ‘novo lugar’, que nos atrevemos denominar de ‘entre lugar’. (CASTROGIOVANNI, 2013). Nesse diálogo teórico é fundamental compreender que a cidade, turística ou não,

[...] é constituída por elementos fixos no seu espaço, como praças, monumentos, igrejas, indústrias, casas, ruas e muitos outros, em torno e no interior dos quais há todo um mundo em movimento, os fluxos, onde circulam pessoas, mercadorias, relações sociais, manifestações culturais, para além do simples trânsito de veículos, individuais ou coletivos. Os fluxos, somados aos fixos, formam a Cidade. (BANDEIRA, 2013, p. 444).

Para Castrogiovanni (2013, p. 383), “as cidades são partes representativas da complexidade que é o espaço geográfico. Os elementos móveis das cidades, ou seja, os fluxos são tão importantes como os fixos, ou seja, os que pertencem a elas”. No caso das cidades modernas, são um constante mosaico de territorialidades impressas ao longo do processo histórico de formação. “A coexistência de manifestações, documentos, agentes e processos, os mais díspares ou similares possíveis, conferem à vida urbana diversidade; portanto, uma riqueza de possibilidades na oferta turística”. (CASTROGIOVANNI, 2013, p. 388).

Nessa complexidade conceitual é fundamental lembrar que as mudanças urbanas

[...] invadem e provocam invasões, nem sempre benéficas aos interesses das políticas turísticas, mas que se traduzem em novos signos de identidade. Nasce um tecer que não é mais o que era e ao mesmo tempo está longe de ser o que será no futuro, que parece ser cada vez mais globalizado. Assim, o local se constitui numa solicitação da globalização, pois as redes de comunicação aceleram as relações entre os diversos e diferentes lugares, possibilitando ao lugar apresentar-se de forma transnacional. (CASTROGIOVANNI, 2013, p. 382).

Os turistas fazem parte dos fluxos. No entanto, para Tiradentes (2020, p. 5), “as cidades e seus espaços de lazer, quase sempre inexistentes ou esquecidos, são fundamentais para a vida urbana, entretanto, não são devidamente valorizados, seja pelos gestores dos órgãos públicos e muitas vezes pelos próprios cidadãos”. Diante dessas possibilidades fecundas de análises da cidade, podem-se sublinhar as palavras de Delgado (2002), destacando que a cidade de Goiás se configura como cidade histórica e turística.

Por isso, Costa e Steinke (2013, p. 179) arrazoam que “sendo os dois dos principais atrativos culturais do estado de Goiás, Pirenópolis e Cidade de Goiás contam com os holofotes da mídia e as intervenções diretas das governanças urbanas”. Sobre as principais cidades históricas turísticas goianas, Pirenópolis e a cidade de Goiás:

[...] quanto à preservação do acervo, podemos dizer que ambas sofreram transformações em seu núcleo original. Transformações que decorrem do tempo histórico, da história socioeconômica dos núcleos (refletidas na mescla dos estilos arquitetônicos) e também da falta de recursos ou negligência das governanças urbanas (entendendo como governança agentes públicos e privados, conjuntamente). (COSTA; STEINKE, 2013, p. 179).

De acordo com Costa e Steinke (2013), a leitura das cidades históricas ou do patrimônio guardado não deve ser genérica, ou seja, acreditar que todas apresentam a mesma lógica por congregarem patrimônio cultural em vias de turistificação ou mercantilização. Cada caso guarda, variavelmente, suas especificidades. Em suma, é importante o diagnóstico e a análise dos elementos turísticos que tornam as referidas cidades como centros regionais, nos quais a cultura, a natureza e o social-histórico interagem, indicando os seus limites e as suas sobreposições.

No caso da Cidade de Goiás, Costa e Steinke (2013, p. 185) sublinham que a principal concentração de uso turístico e da mercantilização do patrimônio está “no Largo do Coreto e na rua Moretti Foggia, que segue sentido à Igreja do Rosário. Nessa espacialidade, mesclam-se os usos institucional, comercial turístico, comercial e serviços locais e, ainda, residencial”.

No trabalho de Costa e Steinke (2013, 166), são colocadas como cidades históricas e turísticas ou com grande potencial turístico do estado de Goiás “as respectivas cidades: Corumbá de Goiás, Pirenópolis, Jaraguá, Pilar de Goiás e Cidade de Goiás”. Nesse contexto colocamos também a cidade de Santa Cruz de Goiás. Em todas essas urbanidades, os quintais urbanos são territórios singulares, como se verá na abordagem a seguir.

2.2 QUINTAIS URBANOS: UMA ABORDAGEM TEÓRICA NOS CONTEXTOS DA GEOGRAFIA E TURISMO

O quintal urbano é um elemento primordial de formação tanto do espaço residencial quanto da paisagem urbana. Esses territórios são reflexos de um padrão construtivo e cultural de outros tempos⁴. De acordo com Dourado (2004), no período

4 No contexto da Cidade de Goiás, os quintais, historicamente, não foram totalmente urbanos, levando-se em consideração a presença do rural na cidade, o que será mostrado no decorrer dos capítulos desta dissertação. Diante desse contexto, faz-se importante sublinhar as palavras de Tourinho e Silva

colonial, o quintal nasceu simultaneamente com a casa brasileira e tornou-se parte inseparável dela. Foi trazido pelos portugueses e sofreu miscigenação, do mesmo modo que o colono, somando influências indígenas e africanas. Foi espaço aberto sempre presente na habitação de ricos e pobres.

Segundo Dourado (2004), na versão urbana, o quintal apresenta-se normalmente nos fundos da residência, protegido no interior dos quarteirões. Os dois primeiros séculos da colonização foram cruciais para a formação dos quintais domésticos no Brasil. Época de intensos e profundos intercâmbios culturais, que determinaram as feições típicas das áreas externas da casa colonial. Momento em que grande parte das espécies vegetais foi introduzida e passou a figurar como marca registrada desses ambientes tão caros à vida e memória coletiva brasileira.

Os quintais nas moradias urbanas acabam por nomear “as áreas livres posteriores ou nos fundos. Portanto, quintal é espaço com múltiplos significados e atributos no cotidiano doméstico. Pode ser apenas um simples vazio para o qual se volta a habitação ou ambiente vivo e dinâmico na rotina da casa. Pode harmonizar tanto as atividades relacionadas à manutenção da vida familiar, como o cultivo de espécies frutíferas, verduras e legumes, quanto as funções derivadas do puro prazer, como o plantio de espécies ornamentais e flores”. (DOURADO, 2004, p. 86).

Para o autor português Gonçalves (1996, p. 156), o quintal urbano é conceituado como um “espaço de terreno murado, junto da casa de habitação, onde se fazem trabalhos, como o descasque da amêndoa e outros”. Historicamente, os quintais urbanos abrigam na sua composição um território patrimonial carregado de informações, por isso, propõe-se analisar nesta pesquisa a presença de outra configuração de quintal no espaço urbano, que no caso da Cidade de Goiás ainda não foi investigado e que responde às especificidades da atividade turística.

Geralmente, o quintal urbano:

[...] fica localizado ao fundo da residência e nele são desempenhadas várias funções complementares às atividades desenvolvidas na casa. É importante frisar que existem quintais em residências que tenham as áreas delimitadas, mas não necessariamente são cercadas. (CARNEIRO; PEREIRA; SILVA, 2017, p. 116).

(2016), destacando que, da mesma forma que os gregos, os romanos entendiam que o destino da cidade estava ligado ao lar, lugar de representação dos deuses. Esses se manifestavam por meio do culto doméstico secreto, de que só a família tomava parte, ao redor do altar que era peça fundamental no espaço habitacional. Foi nas habitações urbanas romanas denominadas de ‘domus’ que surgiram os primeiros indícios dos quintais tradicionais.

Nessa lógica, Carneiro, Pereira e Silva (2017, p. 115) conceituam os quintais urbanos como territórios de “tamanhos diversos, com diferentes localizações e com variadas ocupações”. Para Silva, Anjos e Anjos (2016, p. 79), os quintais urbanos podem também ser definidos como “quintais domésticos”. Os quintais “são verdadeiros espaços sociais, culturais e de valorização do ambiente, onde as relações de trabalho e convivência passam a ser participativas, assumindo também um papel na dinâmica dos modos de vida”. (ALMEIDA, 2016, p. 149).

Dessa forma, Coelho (2001, p. 212) define os quintais do espaço urbano como uma paisagem formada por uma compacta massa, principalmente de árvores frutíferas. Nessa parte do terreno, separada do pequeno pátio por “um muro onde se abre um estreito e baixo porão, além das árvores, podem ser encontrados pequenos animais de criação caseira e uma improvisada horta para o atendimento imediato da cozinha”.

Na dimensão espacial do quintal em áreas urbanas, Carneiro, Pereira e Silva (2017) sublinham que esse lugar tornou-se uma parte integrante das casas, sofrendo variação nas denominações de acordo com o idioma utilizado e as especificidades econômicas, sociais, políticas e culturais dos países. “No espaço urbano, existem os quintais cimentados que podem ser utilizados para os serviços domésticos e para as atividades de diversão, como festas. Sendo assim, nos quintais urbanos, não necessariamente, terão plantas ou criação de animais”. (CARNEIRO; PEREIRA; SILVA, 2017, p. 117).

Assim, o quintal urbano pode ser entendido como um espaço cercado, de diversos significados e atributos das atividades domésticas rotineiras, podendo ser simplesmente um espaço vazio no entorno da habitação ou ser um ambiente vivo e dinâmico utilizado pelas famílias para desenvolver as atividades rotineiras. Na atualidade,

[...] o quintal-entre-muros, o do âmbito urbano, compreende, geralmente, a garagem e os espaços fragmentados – lados, frente e parte de trás da casa -; afinal, a alta densidade demográfica das cidades não permite extravagâncias. Ali, a “cerca” existe, e é feita de concreto”. (ARAÚJO; PALHARES, 2018, p. 65).

Dessa forma, pode-se definir o quintal urbano a partir das palavras de Cordero (2018, p. 123-124), como espaços que “fazem parte da paisagem cultural, permitindo condensar o sentido de sua existência em diversos espaços de convivência. [...]”.

Assim, no pequeno espaço dentro das edificações encontra-se disponível saberes e fazeres [...]”. O quintal é um território “que abriga saberes e que é palco para a reprodução da cotidianidade. [...] o quintal está presente na identidade do povo, que tem no território a única maneira de se manter na terra, trabalhando e vivendo suas tradições”. (PEREIRA; ALMEIDA, 2011, p. 61).

Os quintais “desempenham funções essenciais de natureza econômica, social, nutricional, cultural e ambiental, que se destacam na reprodução da vida familiar”. (SILVA; ANJOS; ANJOS, 2016, p. 85). Para Pereira e Almeida (2011), os quintais nas casas são territórios onde se pratica a cotidianidade, um espaço de saberes adquiridos por gerações. É ali que estão os objetos comuns do dia-a-dia, transformando o espaço de saberes em lugar. São lugares onde as experiências e a vida acontecem.

Desse modo, Carneiro, Pereira e Silva (2017, p. 128) sublinham que “os quintais urbanos têm um caráter multifuncional”. Assim, nesse contexto teórico, os quintais urbanos podem ser conceituados:

[...] como espaços de múltiplos significados a partir da subjetividade de cada morador. A estética de cada uma dessas áreas é uma expressão importante da cultura local. Ela não tem presença somente na arte autônoma moderna, mas é parte na construção do mundo humano. [...]. Por isso, os quintais são mundos simbólicos de profunda expressividade, um espaço social de símbolos vivos. (LOBATO; LUCAS; MORAES JÚNIOR, 2017, p. 146).

Nas entrelinhas do trabalho de Lobato, Lucas e Moares Júnior (2017, p. 145), é possível compreender os quintais urbanos a partir da afetividade, pois esses espaços são perpassados “pelos momentos e emoções vivenciados no passado, relacionando as memórias da infância e juventude”. Nesse contexto, pode-se definir os quintais urbanos como territórios de “memórias e de práticas sociais que podem contribuir para mitigar, a partir do cultivo adequado de plantas de diversas espécies, os impactos decorrentes do adensamento e superexploração dos centros históricos urbanos” (CORDERO, 2018, p. 152).

Dessa forma, para se conhecer os quintais urbanos inseridos em diferentes cidades ou paisagens urbanas, é necessário ter-se uma visão geral de onde está inserido, bairro turístico, museu, entre outros. Tem que se “investigar o todo, composto de partes que também encerram em si um todo, para a análise do objeto é fundamental.” (CASTROGIOVANNI, 2013, p. 385).

Para Lobato, Lucas e Moares Júnior (2017, p. 143):

As casas com quintais em Abaetetuba que, atualmente, encontram-se na fronteira ou periferia, entre o urbano e o não urbano (com moradores de origem quilombola, indígena, extrativistas florestais ou de agricultura familiar), trazem crenças e repertórios de ambientes ecológicos e rurais bem mais extensos do que eles dispõem na cidade. Contudo, não por menos, a memória de mundos ecossociais são minimamente revividos, memorizados e transpostos para os quintais. As culturas são diversas e os espaços botânicos das casas expressam a beleza, os encantos, a saúde, o sabor, e representações de muitos *ethos*.

Nesse entremeio, buscando entender o complexo território urbano, pode-se afirmar “a casa como lugar e a vida cotidiana são realidades que constroem o vivido e o percebido. O real são os fazeres diários, é como respirar. O real envolve todo nosso ser, todos nossos sentidos”. (ALMEIDA, 2016, p. 147). Diante desse cenário, é impossível compreender o quintal desvinculado da casa, não é essa a proposta deste trabalho, pois entendemos que, historicamente, “cuidar dos quintais é cuidar da casa, uma vez que são extensões da moradia e parte do espaço vivido e do cotidiano”. (ALMEIDA, 2016, p. 159).

A casa é forte reflexo

[...] das práticas culturais. Na forma e o material com que a fazem, estabelecem as divisões internas e os usos do espaço, como escolhem os objetos como úteis e necessários para seu interior, definem os espaços para os membros da família e visitantes, certamente os componentes sociais e culturais são determinantes. (ALMEIDA, 2016, p. 147).

Nesse universo, a casa torna se “um fenômeno espacial íntimo e interno, com aberturas ao exterior, portas e janelas, plenas de imagens, de sensações, de lembranças. Somos tanto as casas que habitamos como as casas que sonhamos”. (SILVA; CARRETO, 2020, p. 226). Para Almeida (2016, p. 146), essa reflexão pode se aportar também no “espaço doméstico, o espaço da vizinhança, os quintais, o espaço da dona de casa, das crianças e idosos. É o espaço da mulher, o espaço feminino”.

Em relação ao cuidado com o quintal, na maioria, as mulheres são “as principais responsáveis pelo manejo destes ambientes e desenvolvimento das atividades”. (SILVA; ANJOS; ANJOS, 2016, p. 84). “Considerado como espaço feminino, o quintal é fonte de sobrevivência da família [...]. Ele é um bem cultural de quem o cria e mantém”. (ALMEIDA, 2016, p. 139).

Trazendo um olhar para o consumo do espaço urbano, pode-se afirmar que o crescimento urbano e a emergência de padrões modernos de habitação:

[...] e de vivência nas cidades através da construção de edificações vêm provocando o crescente esvaziamento das funções tradicionais dos quintais no tocante à produção alimentar, ao cultivo de plantas medicinais, à criação de pequenos animais, à manutenção de jardins, à prática de atividades domésticas e é também um local privilegiado de lazer e convivência familiar. (CARNEIRO; PEREIRA; SILVA, 2017, p. 128).

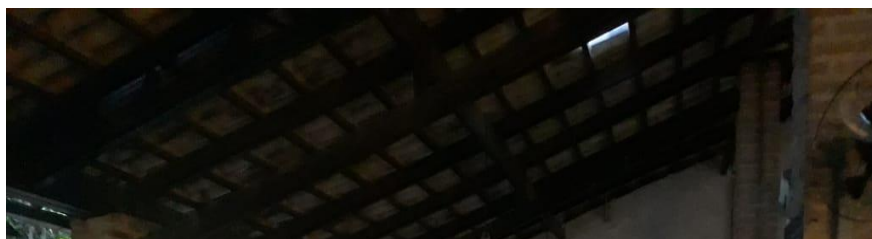
“Com o rápido e cada vez mais intenso processo de crescimento horizontal e vertical, especialmente, nas áreas mais centrais do espaço urbano, os quintais vão sendo eliminados, dando lugar a prédios, ruas e estacionamentos de veículos e outros fins”. (CARNEIRO; PEREIRA; SILVA, 2017, p. 128). No entanto, aportando nas palavras de Carlos (2007, p. 46-47), pode-se dizer que o quintal urbano aparece, nesta perspectiva, “como um elemento revelador a partir do qual se pode pensar o lugar da experiência, da rotina, dos conflitos, das dissonâncias”, bem como, por meio dos quintais pode-se desvendar a dimensão do urbano e das novas estratégias da atividade turística (Figura 8).

Nesse fecundo diálogo teórico aportado na geografia e diferentes áreas do saber, pode-se apresentar o exemplo de Cuenca no Equador, quando Cordero (2018), ao caracterizar as edificações coloniais da cidade que foram construídas com os discernimentos trazidos da Espanha, especialmente da Andaluzia, lembra que “o pátio posterior, também chamado de quintal ou de pomar, é um espaço de uso mais reservado para os ocupantes da casa, para atividades de cozinha, serviços, criação de animais, cultivo de alimentos e remédio [...]” (CORDERO, 2018, p. 42).

O paisagismo,

[...] ou ajardinamento do pátio central das moradias, representa o eixo material e imaterial que concentra a forma de vida de seus habitantes, pois envolve desde sua origem, a relação entre o homem e a natureza nas áreas urbanas das cidades coloniais, e dos chamados centros históricos latino-americanos, muitos deles reconhecidos pela UNESCO, como o de Cuenca dos Andes equatorianos. (CORDERO, 2018, p. 107).

Figura 8: Café Dedo de Prosa junto a Pousada da Dinda. Esse território possui um quintal muito agradável e encanta os turistas que frequentam o lugar.



Fonte: Trabalho de campo realizado no dia 22 de abril de 2021.
Autora, 2021.

Em alguns casos do exemplo citado, “devido aos processos de acondicionamentos dos centros históricos, principalmente pelo turismo, e abandonos de moradias, por seus cidadãos” (CORDEIRO, 2018, p. 152), os quintais urbanos tornam-se, em grande parte, espaços apenas de negócios. Outro exemplo que se destaca na literatura estudada é o quintal localizado em uma residência na área urbana da cidade de Confins (MG). Segundo Pereira (2011, p. 65), essa gruta é chamada de Paredão Rochoso, “palco de trabalhos escolares na região”, um atrativo da cidade mineira.

Nesse contexto, é relevante sublinhar que os quintais urbanos são considerados, neste trabalho, como um antigo território de produção e constituído pelo espaço de terra situado próximo a residência (BRITO; COELHO, 2000), mas atualmente, na Cidade de Goiás, esses territórios foram apropriados por outros usos, ou seja, comerciais, muitos atendendo os momentos de lazer de residentes e turistas. Desse modo, nesta dissertação, definem-se como cafés os ambientes comerciais também conhecidos como bares, lanchonetes ou restaurantes, com uma estrutura e clima que atraem clientes e geram emoções de prazer pelo cardápio e seus pratos e bebidas a serem comercializados, gerando também imagens de satisfação dos consumidores a partir dos serviços disponibilizados e do atendimento dos garçons

(OLIVER, 1993). Formam assim uma nova paisagem no centro histórico da Cidade de Goiás.

É na histórica e turística Cidade de Goiás que o presente estudo busca compreender os aspectos culturais e sociais dos quintais urbanos históricos e seus cafés, pois nos pátios das residências, nas suas formações antigas, os espaços privados, aqui denominados de quintais urbanos, estão ativamente presentes na cotidianidade urbana contemporânea da cidade. Atualmente, as pessoas estão em contato mais próximo daquilo que era cultivado nesses territórios, trazendo um modo de vida em conformação com as edificações da época.

No entanto, é importante sublinhar que “muitos deles, com o passar do tempo, sofreram mudanças de estilos decorrentes dos interesses dos novos donos e outros fatores” (CORDERO, 2018, p. 135). Hoje, muitos desses territórios são utilizados pela atividade turística e para o lazer do residente da cidade de Goiás. Assim, Marinho, Almeida e Salazar (2017) sublinham que o café sempre fez parte do cotidiano dos brasileiros, seja em uma perspectiva histórica, por exercer papel de destaque na economia e desenvolvimento de várias cidades, ou em uma perspectiva mais atual, mantendo-se como uma bebida de grande aceitação e penetração no mercado consumidor do país.

Essa bebida também está relacionada a momentos de entretenimento, pois uma pequena pausa ao longo do dia para “um cafezinho” ou uma visita a uma cafeteria se configuram como momentos de experiência gastronômica e de interação social. Num cenário cada vez mais competitivo, as cafeterias precisam inovar para atrair cada vez mais clientes. No entanto, historicamente, no Brasil, o surgimento das

[...] cafeterias nos moldes como conhecemos hoje, deu-se de forma discreta, despontando junto ao desenvolvimento e comercialização dos grãos de qualidade superior. Até a década de 1970, o café era consumido em sua maior parte em restaurantes e lanchonetes, como um produto secundário, que perdia em consumo para os refrigerantes e sanduíches. Em 1976, surgiu a primeira rede de cafeteria no país, inaugurada em um shopping center, na cidade de São Paulo. Este fato ajudou na ampliação do conceito de cafeteria [...]. Essa primeira rede de cafeterias, além de servir o tradicional café coado, introduziu o café *expresso* (escrito em italiano), que logo agradou ao paladar dos brasileiros. O sistema *espresso* surgiu na Itália, entretanto não há certeza quanto ao responsável por sua criação. (MARINHO; ALMEIDA; SALAZAR, 2017, p. 8).

Na histórica Cidade de Goiás⁵, os cafés Cora, Jasmim (Figura 9) e outros oferecem não somente um bom café goiano, mas também um ambiente acolhedor, em sua grande maioria, onde residentes e turistas podem apreciar a gastronomia do lugar e a arquitetura histórica de suas residências e quintais. Desse modo, faz-se necessário expor neste estudo a contribuição desses territórios para a atividade turística e o turismo cultural que ocorre nessa urbanidade do interior goiano.

Figura 9: Café Jasmim nas proximidades da Praça do Coreto, território que está entre os principais pontos de concentração de turistas na cidade de Goiás.



Fonte: Trabalho de campo realizado no dia 22 de abril de 2021.
Autora, 2021.

Assim, em torno do significado do termo turismo cultural, é importante dizer que cultura é um conceito polêmico, “ampliado e transformado ao longo de décadas por antropólogos, sociólogos, historiadores e intelectuais em geral. A noção de cultura é

⁵ No contexto da Cidade de Goiás, pode-se afirmar que os quintais investigados e de outras residências do centro histórico não são totalmente urbanos, levando-se em consideração a presença do rural na cidade. Dessa forma, é possível pensar o urbano em um continuum, considerando-se o que tem sido chamado de rurano. No entanto, não foi objetivo desta investigação aprofundar ou fazer um resgate dessa ruralidade, mas no fato de esses territórios dos quintais urbanos terem se transformado em novos objetos de consumo turístico. Assim, o que existe neste estudo são alguns apontamentos sobre a ruralidade enquanto modo de vida e atrativo, mas não como caminho de pesquisa.

constante alvo de discussões e reelaborações, gerando dificuldades e imprecisões”. (CASTRO; SANTOS, 2012, p. 159).

Para o turismo o termo cultura:

[...] é um tema constantemente em voga, pois sustenta e justifica o comportamento das pessoas que fazem turismo: a comunidade receptora, a cadeia produtiva do turismo e os turistas. Estudos referentes à cultura, história e principalmente identidade de um povo não podem se desvincular do desenvolvimento turístico de uma região, pois a tendência à homogeneização dos espaços pelo fenômeno da globalização faz surgir nas sociedades pós-modernas a fascinação pela diferença e a consequente valorização do local. (CASTRO; SANTOS, 2012, p. 160).

Portanto, para os autores citados, as características específicas de cada localidade, manifestadas principalmente a partir dos seus aspectos culturais, representados pelo seu patrimônio, história, identidade e representações são os principais atrativos turísticos que o município pode oferecer, pois são o que o diferenciam dos demais.

Esse interesse pelos aspectos culturais representados pelo patrimônio, história e identidade são elementos imprescindíveis para o surgimento do turismo cultural. No caso investigado, compreendemos que os cafés e bistrôs são essenciais para o turismo cultural, pois valorizam a arte, o patrimônio e a gastronomia local, como será apresentado no terceiro capítulo.

De acordo com Castro e Santos (2012, p. 161), “para o turista cultural é necessário conhecer o que está sendo visitado e buscar experiências relacionadas aos objetos de visitação”. Esse visitante cultural busca novos conhecimentos, interagir com a comunidade, descobrir seus costumes e tradições.

2.3. OS NOVOS USOS DOS QUINTAIS URBANOS: UMA REALIDADE TURÍSTICA E GLOBAL

Atualmente, compreende-se que os usos dos quintais urbanos pela atividade turística (gastronomia, lazer e entretenimento) é uma realidade global, uma lógica que

se consolida nessas primeiras décadas do século XXI. Assim, “pode-se afirmar que o quintal é diretamente influenciado pelas relações que ocorrem em uma escala geográfica maior” (ALMEIDA, 2016, p. 148), por uma escala global.

Um exemplo internacional a ser citado é o Café-Bar Baco, junto à olaria do Algarve, que também utiliza parte do quintal do comércio que fica na região do município de Lagoa, no sul de Portugal. Segundo Santos e Silva (2015), esse território simboliza um convívio com a modernidade, novos hábitos e costumes que chegam associados à presença de turistas e moradores estrangeiros.

O Café-Bar Baco trata-se, por um lado, de uma realidade comercial atual que, inserida num modo de vida contemporâneo que se estabelece na vida do lugar, no lazer e na capacidade de coexistência entre o *pub* e a arte oleira algarvia, entre o espaço global e o local. Para Santos e Silva (2015, p. 670), a ideia dos proprietários foi ter um espaço para as funcionárias tomarem “um cafezinho, e a outra é quando as pessoas vêm cá para fazer compras, poder sentar, relaxar, apreciar. Não sentir que eles vão entrar e sair, é um espaço bem definido”.

Hoje esse território faz parte da vida do lugar, de uso dos trabalhadores, residentes e visitantes. Em Portugal pode-se destacar outros importantes cafés e espaços de lazer nas áreas urbanas externas, anexos a pontos turísticos como o restaurante do Museu do Fado (A Travessa do Fado) e o jardim na Casa Fundação Amália Rodrigues, ambos em Lisboa.

Outro café famoso no mundo fica na parte externa do *Museo Casa Pueblo* em Punta del Este no Uruguai, um lugar que é ateliê, museu, loja e café. Nesse contexto, não podemos deixar de sublinhar também o espaço de lazer no quintal urbano da Associação de Escritores de Moçambique, localizada no urbano de Maputo, capital do país africano, porém menos conhecida e turística que o ambiente Uruguio.

Outro exemplo a ser citado é o Café do Pateo, localizado nos jardins no Museu Anchieta (Pateo do Collégio) em São Paulo. De acordo com Fortunato (2014), o Museu Anchieta é, essencialmente, guardião da memória jesuíta, que resguarda a força da fé cristã no lugar por meio dos objetos sacros que mantêm em seu acervo. Para o autor, “de fato, o acervo do Museu é interessante por causa de sua historicidade, mas não necessariamente atraentes para aqueles que não se conectam com a religiosidade”. (FORTUNATO, 2014, p. 49-50).

Na sua tese, Fortunato (2014) arrazoia que, ao seguir pelo corredor da entrada principal do museu, que não tem mais do que dois metros de comprimento, avista-se

o balcão de uma lanchonete e, em seguida, um átrio interior, onde, protegido por uma vitrine, reside (e resiste), como testemunho arqueológico, um fragmento de parede original de taipa de pilão, que data de 1556, revelando aos visitantes a idade do lugar. Junto a essa parede, uma área de descanso e recreação com mesas para lanches, refeições ou somente um café:

[...] e também um jardim com várias espécies arbóreas e floríferas, uma fonte, além de alguns bustos e esculturas referentes à fundação e aos fundadores de São Paulo. O local leva o nome de Praça Ilhas Canárias, inaugurada no dia 05 de junho de 1999. [...] Esse recinto, disponível no coração do centro histórico da cidade, torna o Pateo do Collegio ainda mais singular, porque, mesmo que o Centrão tenha sido transformado em local para pedestres, com a construção de vários calçadões nos anos 1970, os lugares para se sentar à sombra, ouvir os pássaros, sentir a brisa das árvores ou, tão somente, conversar e refletir, tornaram-se raros. [...] Esse lugar tranquilo, no interior do Pateo, fica ainda mais agradável por causa do café, que inspira os sentidos... Por isso, algumas pessoas que frequentam essa Praça chegam a afirmar que se sentem fora de São Paulo quando estão à mesa conversando e aproveitando uma xícara de café, em referência à pausa e a calma que contrastam com a pressa inerente à própria metrópole que circunscreve o lugar. Mas, ao invés de imaginar que se está fora da cidade, deve-se lembrar de que se está em São Paulo, em um lugar de acolhimento (FORTUNATO, 2014, p. 51).

Assim, pode-se afirmar que o trabalho citado ressalta a importância contemporânea do café para um território emblemático e secular, localizado no Centro Histórico da cidade de São Paulo, proporcionando um envolvimento direto, afetivo e simbólico para os visitantes desse importante atrativo turístico paulistano. Outro exemplo brasileiro é o espaço comercial Santo Antônio Spagueteria e Café, no quintal da Casa Açoriana em Santo Antônio de Lisboa, em Florianópolis (Santa Catarina), um lugar com loja de artesanato e galeria de arte.

Nesse sentido, pode-se eleger a Casa Instituto Juarez Machado na rua Lages, bairro América na cidade de Joinville (Santa Catarina). Esse espaço possui uma área de lazer (bar/café) nas partes internas e externas de um dos pavilhões, um espaço de convivência de residentes e visitantes que frequentam o lugar. Pode-se caracterizar o café como um componente do jardim, uma paisagem repleta de flores, plantas, árvores frutíferas e as esculturas de Juarez Machado.

Silva, Anjos e Anjos (2016, p. 96) definem esses quintais urbanos como territórios de “bem-estar, prazer, contentamento, plenitude, sociabilidade, identidade e existência, construídas e mantidas pelas relações dos participantes com o espaço”. Esses cafés, bares ou restaurantes anexos aos museus mostram que esses, na condição de espaços que abrigam “diversidade, precisam constituir um lugar capaz

de integrar diferenciadas manifestações culturais sem preconceitos ou discriminações, possibilitando a criação de um espaço político dialogal” (LOPES; GOMES, 2020, p. 213).

Segundo Almeida (2020, p. 240), “uma das grandes tendências do turismo é a crescente busca para oferta com experiências diferenciadas. Estes se materializam por meio de viagens a destinos alternativos ao sol e praia nos quais o imaginário, fantasias, leituras e mídia têm papel destacado”. Discutir as cidades turísticas, museus e novos usos dos quintais urbanos vem de encontro às realidades apresentadas em Goiás, em outros estados do território Nacional e Internacional.

Essa é uma reflexão apropriada para territórios urbanos de diferentes destinos turísticos espalhados pelo mundo. Oportunidades para residentes e visitantes que desejam conhecer a história e cultura dos lugares. Territórios que são atrativos a partir da

[...] característica estimulante do café e o fato de as pessoas buscarem um local para encontros sociais e lazer, as cafeterias se espalharam rapidamente por todo o mundo e se tornaram um negócio gerador de renda e emprego. Esses estabelecimentos são conhecidos por ambientes agradáveis, frequentados geralmente por pessoas que buscam qualidade, variadas formas de preparo da bebida e conceitos diferenciados, além da ampla oferta de cafés e alimentação. (ATAÍDES; CUNHA; SANTOS, 2019, p. 32).

“Escrever sobre a história do café e das cafeterias é mostrar que as lembranças são experiências conservadas e transformadas e escrever sobre elas é realizar explorações que cruzam inevitavelmente diferentes planos de realidade”. (ATAÍDES; CUNHA; SANTOS, 2019, p. 33).

Essa realidade internacional mostra que os cafés em quintais urbanos de museus ou antigas residências mostram as potencialidades dos lugares, um território “libertador de emoções, somado ao fato de as cafeterias serem conhecidas como ponto de encontro entre as pessoas, tal modelo de negócio se espalhou rapidamente por todo o mundo e se tornou um empreendimento bastante lucrativo”. (ATAÍDES; CUNHA; SANTOS, 2019, p. 36).

De acordo com Ataídes, Cunha e Santos (2019, p. 42), “[...] o ato de estar em uma cafeteria é viver um comportamento que é local, que faz parte, sem dúvida, de uma hospitalidade que é instrumento indispensável para as relações da cidade turística”. Como apresentado nesta seção da pesquisa, os quintais urbanos como pontos turísticos são uma realidade de cidades como São Paulo, Florianópolis,

Joinville, Maputo, Lisboa e Lagoa no Algarve, uma autenticidade que faz parte do urbano da Cidade de Goiás, antiga capital do estado de Goiás.

Todos os lugares citados foram investigados teoricamente. Portanto, diante do entendimento dessas leituras, pode-se afirmar que o diferencial dos cafés vilaboenses estudados em relação aos demais, que foram mencionados, está nas formas físicas/edificadas dos quintais, do acesso aos espaços que, no caso do Café Jasmim, é pela parte interna da antiga residência e nos cultivos, conteúdos de ruralidades que ainda permanecem, principalmente no Cora Café. Outros elementos que contribuem para a autenticidade desses lugares são as poesias de Cora Coralina, o comércio de produtos gastronômicos artesanais e as obras de artistas locais ali expostas.

2.4 LITERATURA, ARTE E GASTRONOMIA: COMPONENTES DAS CIDADES TURÍSTICAS PRESENTES NOS QUINTAIS URBANOS

A geografia há muito tempo tem chamado a atenção “para a arte, em especial, a literatura. Importantes geógrafos têm levantado o valor da literatura para conhecer e compreender regiões, paisagens e lugares” (MARANDOLA JÚNIOR; GRATÃO, 2010, p. 8). Nesse entendimento é que se propôs a discussão sobre os quintais urbanos da cidade de Goiás, com seus cafés que têm se tornado um lugar de divulgação da literatura vilaboense, da gastronomia (Figura 10) e de outras artes desse destino turístico.

De acordo com Silva e Carreto (2020, p. 220), a geografia olha para o espaço e lá estão todas as coisas, “inclusive os sinais do tempo, todos os sentidos que conseguimos apreender e aqueles que ainda esperam para serem descobertos. A literatura olha fundamentalmente para os sentidos das coisas, a consciência das coisas”.

Figura 10: Cora Café – comércio de produtos da cozinha local.



Fonte: Trabalho de campo. Autora, 2021.

Neste capítulo, a união entre geografia e literatura permite instaurar, dentre várias possibilidades, o estudo de um espaço muito particular, que são os quintais urbanos da cidade de Goiás. Nesse contexto:

Uma das grandes virtudes da literatura é a sua capacidade de ir do particular em direção ao universal. [...], a história de uma cidade, os detalhes de um conflito não se limitam à trama de significados e sentidos que estão encetados em si próprios. Sua força reside no que aquelas narrativas específicas carregam do sentido universal de seus temas, conflitos e entendimentos. (MARANDOLA JÚNIOR; GRATÃO, 2010, p. 7).

A cidade é, assim, por excelência, o lugar da vivência e da atividade literária que faz com que o próprio “texto urbano transforme-se em páginas escritas. Contudo, tanto a literatura como a cidade são detentoras, neste caso, de uma paisagem intercambiável, ubíqua e plena de sentidos”. (SILVA; CARRETO, 2020, p. 233). Nesse universo, a Cidade de Goiás não é só “história, é feita de gente, sobretudo de gente simples, [...]. Além de pedras, história, relevo e clima, a cidade tem uma poética que a transfigura e reconstrói num discurso de significações múltiplas” (GRATÃO, 2017, p. 303).

Em seus contos, por exemplo, Cora Coralina revelou a importância do passar um café e dos quintais urbanos, um território-poesia:

E a estória dos Meninos Verdes, vovó?

— *Então vocês querem saber a estória dos Meninos Verdes? Mas não é uma estória, é um acontecido. Me pediram para não divulgar o assunto, esperando para ver o que acontece, porque o caso é muito sério! Vou contar só pra vocês. Foi assim:*

“No quintal da Casa Velha da Ponte sempre tivemos horta com verduras, legumes. Também pomar com árvores de frutas variadas e jardim com flores.”

O quintal é o mundo de seu Vicente, um homem que viveu sempre plantando, cultivando, colhendo. É prestadio e metediço.

Certo dia, entre plantas que nascem lá, boas ou más, apareceram duas plantas diferentes. Seu Vicente estranhou, queria arrancá-las. Eu disse:

— Não, deixe crescer, vamos ver o que sai daí.

Com o passar dos dias, as plantas se desenvolviam de forma estranha, não eram conhecidas de ninguém.

Certo foi que um dia, de manhã cedo ainda, no tempo de frio, vem seu Vicente com uma cara de espanto e me diz:

— Dona Cora, Dona Cora, vem ver uma coisa!

Eu estava acendendo o fogo para fazer o café e disse:

— Espera um bocado, depois do café eu vou.

— Não, não, a senhora vem já. Venha ver! [...]

Impressionada com aquele chamado urgente fui até o quintal. E lá, debaixo das tais plantas estranhas, vi umas coisinhas que se mexiam, buliam. Umas coisas vivas.

(Os meninos verdes – Conto de Cora Coralina, 2007).

Esse conto de Cora Coralina traz a importância do quintal para o imaginário da poetisa, mostrando a relevância desse território no seu cotidiano, pois acredita-se que Cora passava boa parte do dia nessa parte externa da casa. No conto, a autora descreve o quintal daquele tempo como lugar da horta com verduras e legumes, do pomar com árvores de frutas variadas e jardim com flores.

Goiás é uma cidade apreendida “pelo olhar, pelo sentido, por sensações, no deslocamento, nos movimentos, nas cores, no cheiro, nos sons e tons; no que é “visível” no “não visível”; que evoca sentimentos, emoções, lembranças – que evoca o espírito do lugar” (GRATÃO, 2010, p. 316). “A cidade traçada por entre becos e escrita em versos é uma revelação da imaginação literária, abordagem contemplada pelos (per)curtos de investigação traçados pelo campo geográfico sobre o olhar experiencial e vivencial”. (GRATÃO, 2010, p. 311).

Nesse contexto, a “poesia e os mitos têm o seu contexto geográfico, cada literatura além de decorrer em um ponto específico da terra, guarda um lugar e uma paisagem” (SILVA; CARRETO, 2020, p. 222). Para Gratão (2010, p. 310), “a inspiração da arte é – pulso, impulso – um pressentir de linguagens. A criação artística

espelha a visão pessoal do artista”. Essa fala da autora remete ao ato da criação que assume um caráter de novidade. Assim, de uma forma ou de outra, os cafés e espaços de lazer nos quintais urbanos da cidade de Goiás é confluência de criação e novidade para um território que se define como turístico.

Nesse espaço urbano, as escritas de Cora Coralina e Leodegária de Jesus são um pressentir de linguagens poéticas por “entre serras, rios, casarios, palácios, becos, igrejas, sinos e gente – cenário intenso e borbulhante – vida – (vi)vida, tocada, contada, cantada, encantada, traçada por entre “Os Becos de Goiás””(GRATÃO, 2010, p. 303). Assim, Almeida (2020, p. 238) sublinha que “Cora Coralina é um ícone da literatura goiana, expressão maior como contista e poetisa que deu visibilidade a cidade de Goiás”.

Por esse campo de contemplação, a cidade de Cora é também dos quintais urbanos, dos seus cafés entre muros, novas paisagens para se sentir turista ou simplesmente para o lazer do residente. Segundo Gratão (2010, p. 316), Goiás é “uma cidade que se estende por entre becos, serras, vales e rios e suas ricas manifestações culturais e religiosas se misturam em versos. Uma cidade “escrita pelas letras” que revela elos efetivos. Goiás – é mesmo um lugar de expressão poética [...]”.

Os turistas literários:

[...] interessam pelos lugares, como influenciaram a escrita e, como a escrita criou lugar. A história literária tem locais significativos, as organizações de turismo criando “caminhadas literárias”, “caminhadas poéticas” ou “trilhas literárias”. [...] Turismo Literário é uma modalidade do turismo cultural, ainda pouco conhecido no Brasil, e destina-se a um público muito específico, que são as pessoas que gostam e tem o hábito de ler. (ALMEIDA, 2020, p. 245).

Atualmente, pode-se afirmar que a cidade de Cora e de outras poetisas e outros poetas revela elos entre a poesia, o turismo, a gastronomia e seus cafés presentes em quintais urbanos, territórios que guardam o sentimento de amor e pertença, revelações de uma cidade turística. Desse modo, entendemos que a gastronomia, a literatura, a arte nos quintais urbanos da Cidade de Goiás tornam-se componentes importantes do destino turístico goiano.

Por isso, é necessário reconhecer as possibilidades de lazer nos quintais de museus como a Casa de Cora, “reconhecendo-o como uma necessidade humana vivenciada de maneira lúdica socialmente condicionada” (LOPES; GOMES, 2020, p. 212). Na atualidade, aumenta o número de museus que procuram a

[...] autossustentação, equilibrando a cobrança de ingressos com venda de *souvenirs*, reproduções, catálogos, oferecendo cursos, conferências, recitais e outros eventos artísticos, instalando lanchonetes, cafés ou restaurantes, que atraem grande quantidade de público, principalmente turistas. Estes, por sua vez, visitam os museus motivados pelas novas formas de exibição, que lhes permitem acesso a informações sobre a realidade do lugar que estão visitando. (BARRETTO, 2007, p. 154).

Devemos entender a existência contemporânea dos espaços de lazer (cafés, bares) nos museus “como mais uma possibilidade de desenvolvimento e fortalecimento de saberes e representações, algo tão necessário em tempos asseveradamente fluídos” (CUTRIM; CARVALHO, 2017, p. 158).

Para Câmara e Lima (2017, p. 59), “levar o turista a estabelecer contato com outros universos e valores, experimentar sensações diferentes das vivenciadas no seu cotidiano, são alguns dos principais elementos contidos no discurso da atividade turística”, um discurso complexo e que também tem suas contradições.

Cada vez mais, é premente “a necessidade de aprofundar estudos que relacionem o turismo aos museus, sendo relevante pensar esses espaços não apenas para a captação de público, mas como espaços capazes de favorecer a cidadania e a participação social”. (LOPES; GOMES, 2020, p. 197).

A identidade sociocultural da Cidade de Goiás, “para além de suas edificações, é vinculada a diversos elementos culturais. Essa identidade pode ser percebida em sabores, cores, cheiros e emancipação da mulher por meio de algo tão sutil e delicado como a arte de fazer doces”. (LOURENÇO; SILVA; SANTOS, 2020, p. 238).

Nesse sentido, em Goiás a gastronomia tem cada vez mais importância para os turismos cultural, histórico e literário, uma vez que os turistas, em busca de novas experiências e conhecimentos, procuram os serviços prestados em quintais urbanos, no mercado municipal e outros lugares. Assim, “o Turismo Gastronômico é um segmento que articula a atividade turística com a oferta de serviços de alimentação e deve estabelecer uma relação com a identidade da cultura local” (GARCIA; ZOTTIS; BONHO, 2015, p. 68).

Na Cidade de Goiás, a gastronomia local é uma mescla das várias influências culturais⁶ que contribuíram para a formação do território vilaboense, que se reflete na composição de alimentos e temperos, nas técnicas e formas de preparo. Nessa paisagem é impossível dialogar com a história de Cora Coralina e não ter informações

⁶ É fruto de uma mistura de ingredientes europeus e de povos indígenas e africanos.

sobre a cozinha do lugar. Os doces são um dos produtos emblemáticos dessa cidade turística.

Em Goiás, “a comida se confunde com o lúdico e com a recreação, despertando os sentidos da visão, do olfato, do paladar”. (DELGADO, 2002, p. 75). A influência do cerrado na gastronomia local é representativa. Atualmente, o comércio de doces se destaca, sendo um componente que dá vida à dinâmica das ruas históricas. Os diversos elementos gastronômicos são utilizados como atrativos turísticos da Cidade de Goiás.

3 QUINTAIS URBANOS E A ATIVIDADE TURÍSTICA NA CIDADE DE GOIÁS: PARTICULARIDADES, LÓGICAS E COMPONENTES DO DESTINO TURÍSTICO

3.1 A PESQUISA EM TEMPO DE PANDEMIA

Esta seção abordará, inicialmente, o tempo pandêmico que muito influenciou no aspecto empírico da investigação, provocando uma mudança nos trabalhos de campo e nos contatos com os sujeitos dos territórios investigados. Entre as propostas iniciais tinham-se as entrevistas, mas essas foram substituídas pelo trabalho descritivo destacado por Damas e Brambatti (2019) na seção “caminho metodológico desta pesquisa”. As observações *in loco* e nas redes sociais foram fundantes para os resultados apresentados.

Outro documento seguido foi a Instrução Normativa nº 80/2020 da Universidade Estadual de Goiás (UEG) da Pró-Reitoria de Graduação, destacando as ações de prevenção ao Coronavírus Covid-19. Toda esta situação trouxe muitas modificações de:

[...] higiene pessoal e coletiva interferindo nas relações sociais e no funcionamento de órgãos públicos nacionais e internacionais visando evitar aglomerações. O isolamento social tem se mostrado como medida efetiva de combate ao vírus adicionado ao uso de máscaras faciais e do uso contínuo de álcool em gel nas mãos. (SANTOS; SANTOS, 2021, p. 11-12).

Assim, esse movimento de disseminação geográfica do vírus nos impôs diferentes ritmos de vida, interferindo diretamente nos trabalhos científicos e nos resultados dessas investigações em diferentes áreas acadêmicas. Os efeitos produzidos pela pandemia nas universidades foram inúmeros: aulas remotas, mudanças nos caminhos metodológicos, novas formas de orientações, uma realidade não imaginada em 2019. Com a crise sanitária e política instalada no ano de 2020:

[...] tanto em outros países, mas também no Brasil, cresceram as emoções ligadas ao medo, a insegurança frente ao outro, bem como aos anseios de contaminação de parentes, familiares e amigos devido ao crescimento do isolamento social nas residências particulares. Assim, conviver com o medo do contágio e da morte iminente pode causar diferentes transtornos psíquicos nos indivíduos e em toda a sociedade global, desde comportamentos violentos, até mesmo relacionados a manifestação da depressão, do suicídio

e do adoecimento mental generalizado, podendo desencadear paranoias individuais e coletivas e a utilização de medicamentos para controlar as emoções. Os impactos podem ser a médio e longo prazos muito negativos. (SANTOS; SANTOS, 2021, p. 26-27).

Toda essa situação nos levou a considerar novas perspectivas científicas, ou seja, novos caminhos de pesquisa em um cenário de incerteza que ainda permanece no Brasil, principalmente por falta de ações governamentais efetivas. Segundo Carneiro e Allis (2021, p. 2), pensar somente no horizonte após a “pandemia (ainda que não se tenha precisa noção do que isso significa em termos temporais e práticos) ofusca acontecimentos e fatos que estão ocorrendo durante a pandemia, cujas análises podem subsidiar estratégias para reconstrução futura”.

Desse modo, este trabalho foi construído em um tempo muito particular e único, diante de um período de pandemia, que trouxe mudanças para residentes e trabalhadores do turismo da Cidade de Goiás. Experiências vividas e ainda vivenciadas pela autora desta dissertação que reside e trabalha como Guia de Turismo na terra de Cora Coralina. Uma situação que nos colocou diferentes desafios, entre eles, fazer pesquisa diante de tantas restrições no contato com o outro.

Nesse contexto, Carneiro e Allis (2021, p. 12) sublinham que, durante a pandemia, “em contraste ao protagonismo da população local em algumas peças, poucos municípios se dedicaram ao trabalhador do turismo”. No Estado de Goiás, o órgão Goiás Turismo apresentou alguns estudos sobre a realidade do comércio gastronômico durante a pandemia.

Entre os resultados, o Boletim de Dados do Turismo em Goiás (2020) destaca a Arrecadação de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), provenientes da Atividade Turística no Estado de Goiás, por segmento, em especial o setor de alimentação (objeto de estudo desta dissertação), o transporte rodoviário, o transporte aéreo, os serviços de hospedagem, a cultura e o lazer, as agências e operadoras de viagens. De acordo com:

[...] os dados apresentados, no ano de 2020 constata-se uma retração de -33,42%, na taxa de crescimento dos valores de arrecadação de tributos, em relação ao ano de 2019, ou seja, em 2020, em função da pandemia da Covid-19, o Estado de Goiás arrecadou menos que no ano anterior, uma vez que, as medidas de enfrentamento à Covid-19 impactaram fortemente o setor de turismo. (BOLETIM DE DADOS DO TURISMO EM GOIÁS, 2020, p. 29).

Nesse cenário, em 2018, o setor de alimentação teve uma arrecadação de mais de setenta e um milhões (R\$ 71.652.018,89); em 2019 mais de noventa milhões (R\$ 90.357.138,51) e em 2020 houve uma queda para sessenta e cinco milhões (R\$ 65.114.634,76) (BOLETIM DE DADOS DO TURISMO EM GOIÁS, 2020).

Segundo informações do Boletim de Dados do Turismo em Goiás (2020), no indicador acumulado de janeiro a dezembro de 2020, o agregado especial de atividades turísticas no Brasil mostrou uma retração de 36,7% frente a igual período do ano de 2019, pressionado pelos ramos de restaurantes, transporte aéreo, hotéis, rodoviário coletivo de passageiros, catering, bufê e outros serviços de comida preparada e agências de viagens. O estado de Goiás registrou uma retração de 31,7%. Pode-se considerar que as perdas apresentadas são significativas para o setor de alimentação/gastronomia.

Durante os trabalhos de campo, buscaram-se informações específicas da atividade turística na prefeitura da Cidade de Goiás, mas essa disse não ter resultados sobre o turismo local, apenas as informações da agência Goiás Turismo. Os resultados apresentados são importantes porque seria contraditório estudar os cafés/bistrôs da Cidade de Goiás e não associar a gastronomia a esse destino turístico, e também poderíamos desconsiderar o tempo pandêmico vivido.

Nesse contexto, Coelho Neto e Urias arrazoam:

Do ponto de vista do turista, a gastronomia e a culinária estão sempre presentes na imagem territorial. Isso acontece porque a produção da comida - e de seus significados - é um saber fazer profundamente disseminado na vida social e é resultado de longa trajetória de maturação. [...] O valor e a importância simbólica da comida na imagem territorial podem ser menores num lugar quando comparado com outro. Contudo, é impossível buscar um território sem esbarrar nos seus hábitos e ofertas alimentares. Um contato inevitavelmente convertido em crenças, impressões e reações emocionais. (COELHO NETO; URIAS, 2011, p. 328-329).

Não por acaso, é comum encontrar os turistas nos cafés/bistrôs (Figura 11), no mercado municipal e outros comércios da Cidade de Goiás. Para Coelho Neto e Urias (2011), a força da gastronomia e da culinária na imagem de um lugar está na capacidade da culinária e dos serviços de alimentação do destino mostrarem-se atraentes na perspectiva do visitante. No que diz respeito ao território, o principal efeito de narrativas bem-sucedidas de autoria e de autenticidade da culinária e gastronomia é a singularidade. Ser singular é importante porque explicita a distância conceitual e simbólica de um lugar para o outro.

Figura 11: Compartimento para as máscaras no Café Jasmim Empório e Bistrô



Fonte: Trabalho de Campo em 2021.

“A culinária e a gastronomia representam recursos valiosos para o reforço da imagem territorial, visando ao desenvolvimento das atividades turísticas”. (COELHO NETO; URIAS, 2011, p. 336). Apropriando das palavras de Lavandoski e Giglio (2019), pode-se afirmar que os cafés/bistrôs da Cidade de Goiás podem ser identificados como espaços informais de socialização e lazer, que hoje fazem parte do cotidiano da cidade.

As autoras trazem uma caracterização desses territórios que aproxima da realidade encontrada no Café Jasmim na Cidade de Goiás:

Instalados em sua maioria, em edificações estreitas e compridas, típicas de lotes coloniais luso-brasileiros, os bares apresentam características únicas e próprias. O que caracteriza esses espaços são, portanto, o conjunto de seus elementos arquitetônicos, seu mobiliário, sua disposição e os materiais de acabamento que, somados às suas pequenas proporções, contribuem e proporcionam um comportamento descontraído e informal aos seus frequentadores. (LAVANDOSKI; GIGLIO, 2019, p. 57-58).

Segundo Lavandoski e Giglio (2019), a gastronomia tem se tornado parte inerente da atividade turística. Além de ser uma necessidade básica do ser humano,

ela passou a ser reconhecida como patrimônio intangível de grande importância para os grupos sociais e, também, compreendida como um elemento de destaque na construção do imaginário turístico de um lugar, de uma determinada sociedade, de uma cultura. Uma atividade turística recente são os *tours* gastronômicos.

3.2 GUIAS TURÍSTICOS E REDES SOCIAIS

O principal objetivo desta seção é analisar a presença dos cafés Jasmim, Dedo de Prosa e Cora nos guias ou folhetos turísticos da Cidade de Goiás. Para Brandão (2006), os folhetos turísticos, que neste trabalho também serão chamados de “Guias Turísticos”, são considerados importantes fontes de informação para a parcela da população que pesquisa sobre localidades turísticas e compra de viagens. Na área do turismo, em que se comercializa um produto abstrato e imaterial, a necessidade de construir uma imagem do local que se pretende vender ao turista reforça a importância do folheto como canal de comunicação ao divulgar as características de um produto de acordo com finalidades empresariais e circunstanciais.

De acordo com Brandão (2006, p. 5), o folheto é “um instrumento entre a propaganda e a venda; serve para tornar o empreendimento ou localidade mais conhecida, sustentar o produto e também a venda; atua como embalagem dos produtos turísticos”. Nesse entremeio, Brilhante e Corrêa (2015) lembram que o uso da informação para planejamento de uma viagem, bem como para a elaboração de itinerários, é uma realidade para todo viajante, assim, a consulta a guias turísticos pode ser feita antes, durante e depois da viagem. Essa busca pode ser útil para estimular o indivíduo a escolher informações acerca de transporte, hospedagem, alimentação, eventos etc.

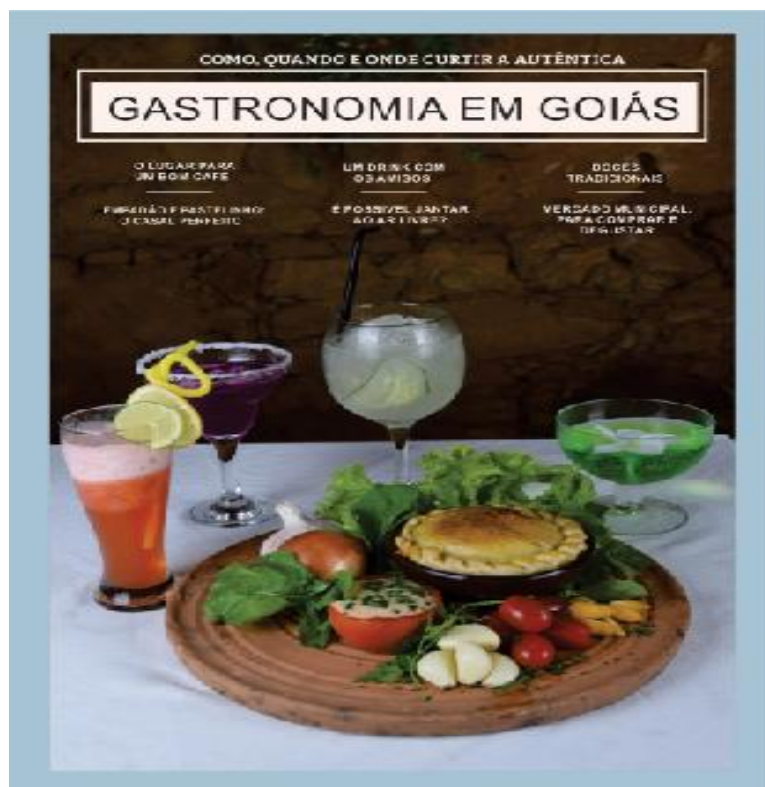
Atualmente:

Existe uma variedade de opções de guias turísticos visando atender às necessidades de cada viajante. Há guias escritos por especialistas, outros publicados por pessoas que viajam o mundo por conta própria e guias divulgados por editoras. Devido ao avanço da internet, as principais publicações de guias turísticos migraram para a *World Wide Web*, disponibilizando materiais eletronicamente. (BRILHANTE; CORRÊA, 2015, p. 362).

Assim, hoje, com a tecnologia móvel, a “divulgação de guias turísticos conta com uma nova plataforma, os aplicativos para dispositivos móveis, que apresentam uma interface mais compacta, além de serem atualizados em tempo real, ao contrário das publicações impressas” (BRILHANTE; CORRÊA, 2015, p. 363).

O Guia Gastronômico da Cidade de Goiás (2019) (Figura 12) traz como título “Como, quando e onde curtir a autêntica gastronomia em Goiás”. O folheto expõe também na sua capa a seguinte inscrição textual: “o lugar para um bom café”. Essa informação mostra a importância desses territórios para o turismo da cidade, a relação do lugar com o café e o acolhimento aos visitantes.

Figura 12: Guia Turístico Gastronômico de Goiás – 2019.



Fonte: Prefeitura de Goiás. Organização Autora, 2021.

O Guia Gastronômico da Cidade de Goiás (2019) traz informações sobre os produtos turísticos e as imagens que são importantes para atrair os turistas. Ao analisar o material apresentado, é possível afirmar que é um folheto atraente para os olhos do visitante e também dos residentes. Esse folheto de informação foi editado a partir das parcerias entre a Prefeitura de Goiás e o Governo do Estado de Goiás, com apoio da Câmara de Goiás, Ministério da Cidadania, IPHAN e Polícia Militar.

O último guia turístico gastronômico publicado traz informação dos cafés Jasmim e Dedo de Prosa (Figuras 13 e 14). O Cora Café não aparece porque foi inaugurado no segundo semestre de 2018, momento em que os levantamentos de campo para o guia estavam finalizados e os resultados estavam na gráfica para confecção do material de divulgação.

Figura 13: Café Jasmim Empório e Bistrô no Guia Turístico Gastronômico de Goiás – 2019.

Café Jasmim
Empório e Bistrô

Além de uma vasta carta de cafés especiais e culinárias tradicionais, o Café Jasmim oferece entradas, pratos do dia e sobremesas que agradam os paladares mais exigentes! O ambiente, primordialmente decorado e acolhedor também é Galeria de Arte.

vinho / aperol spritz e outros drinks especiais /
cerveja artesanal / vinhos / sucos naturais e água de coco /
empadão tradicional / escondidinho / saudades mineiras /
pães artesanais e hambúrguer da casa / opções vegetarianas

Aberto de segunda a sexta-feira,
das 10h às 23h, exceto às quartas.
Aos sábados, domingos e feriados
das 10h às 23h.

@cafejasmim
facebook/cafesjasmimemporioebistro

Rua Luis do Couto, nº 01 - Centro
Fone: 62 3371-4879

Fonte: Prefeitura de Goiás. Organização Autora, 2021.

Figura 14: Dedo de Prosa no Guia Turístico Gastronômico de Goiás – 2019.

Outubro 2015

Dedo de Prosa

Imagine um lugar acolhedor, com comida deliciosa e cerveja bem gelada. Basta visitar o Dedo de Prosa que você encontrará tudo isso, além do excelente atendimento. O Dedo de Prosa Café e Distrô, nos permite uma imersão na cultura local. Cheio de obras de arte e esculturas, perfeito para um bom bate papo entre amigos.

Sanduíches Gourmet e Café são as especialidades da casa!





Do 2º feira a Sábado
Das 16h as 23h

Praça do Coreto, Centro
Fone: 62 3371-3309

Fonte: Prefeitura de Goiás. Organização Autora, 2021.

Para Brilhante e Corrêa (2015, p. 379), hoje, a “informação torna-se fundamental no que diz respeito ao planejamento de uma viagem. Dessa forma, os avanços tecnológicos são componentes importantes para o seu gerenciamento de forma efetiva e para que seja distribuída velozmente”. Desse modo, é relevante afirmar que esses espaços midiáticos expõem em suas imagens os endereços de antigas residências e antigos quintais da Cidade de Goiás, atualmente usados pela atividade turística. Cenários que serão apresentados nas próximas seções deste capítulo.

Segundo Brilhante e Corrêa (2015, p. 361), hoje, “o compartilhamento de informações sobre viagens ocorre ainda via mídias sociais, como Facebook”. Assim, nos próximos tópicos serão destacados também os usos das mídias sociais como

veículos de informação e publicidade dos objetos de investigação deste trabalho de mestrado. A pesquisa das redes sociais torna-se oportuna para observar a realidade desses territórios antes da pandemia da Covid-19.

3.3 CAFÉ JASMIM EMPÓRIO E BISTRÔ: QUINTAL DO ÓCIO, SUTILEZAS DE UM TEMPO

O Café Jasmim localiza-se na Rua Luiz do Couto, nº 1, próximo à Praça do Coreto e de outros atrativos da cidade. Foi inaugurado em 2018. Em texto do ano de 2019, exposto para leitura dos visitantes e frequentadores do estabelecimento, Suely Caetano argumenta que a ideia de abrir um café na Cidade de Goiás:

[...] surgiu pela necessidade de doar e contribuir de alguma forma com essa cidade que por anos me acolhe, me encanta e faz parte da minha história de vida. A escolha do nome veio em primeiro lugar. Considero os jasmineiros a representação mais autêntica e poética da cidade de Goiás. O perfume das delicadas flores debruçadas nos muros dos velhos quintais, ruas e becos tem o condão de nos remeter a tempos antigos povoados por histórias que sempre me seduziram e inspiraram. (CAETANO, 2019, não paginado).

A autora retrata em sua fala o encantamento pelas flores debruçadas nos muros dos velhos quintais da Cidade de Goiás, retratando um olhar poético para a paisagem urbana da antiga Vila Boa. No seu texto, Suely Caetano arrazoza que as particularidades do Café Jasmim incluem muito zelo na escolha dos ingredientes: os ovos são de galinhas poedeiras caipiras, a manteiga de leite é fabricada artesanalmente, os sucos são todos naturais, os pães e os hambúrgueres também são produzidos artesanalmente. (CAETANO, 2019).

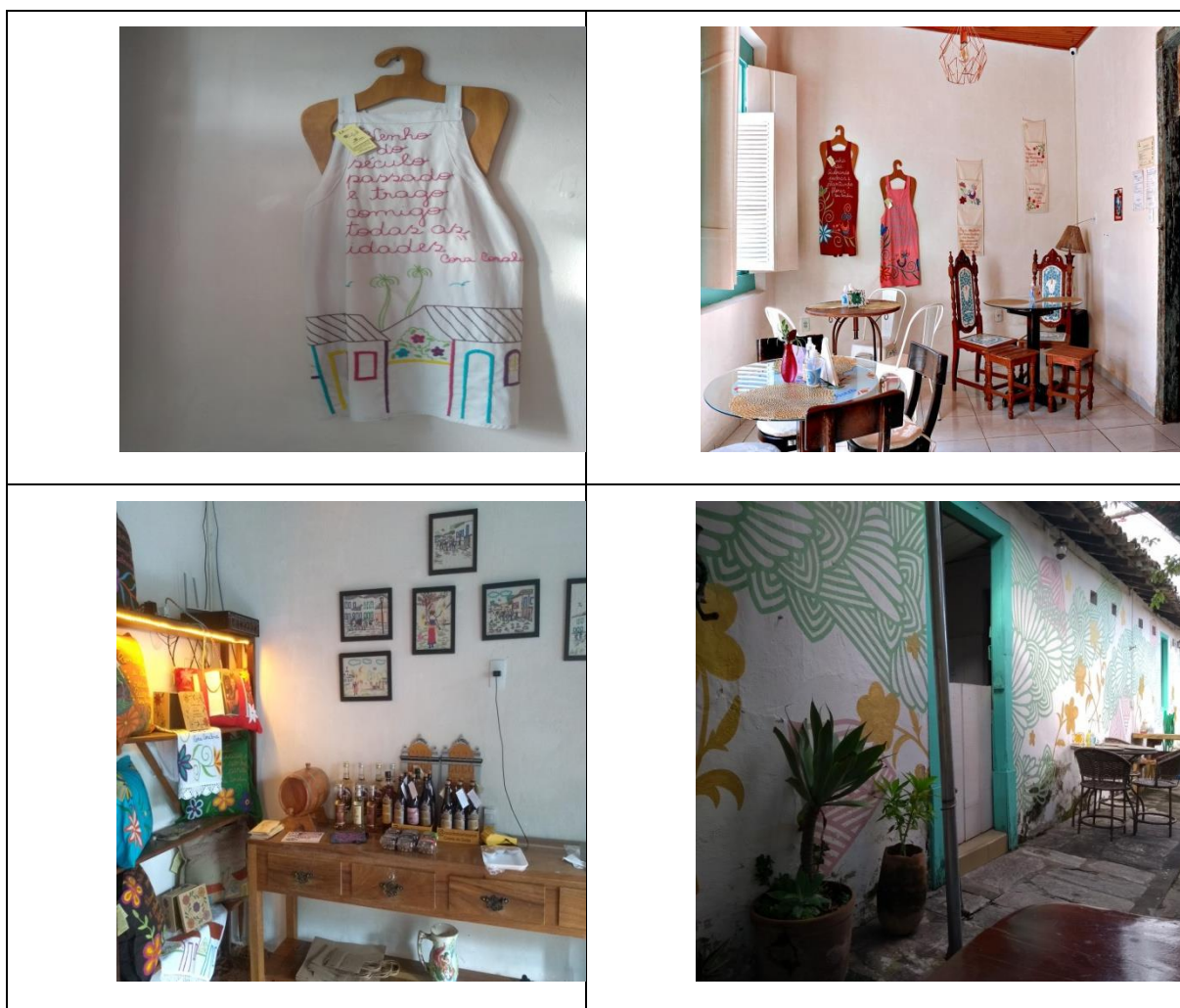
Os bolos e as quitandas tradicionais são assim produzidos:

[...] diariamente com insumos da região, fortalecendo o compromisso do Café Jasmim com a soberania e segurança alimentar. O cardápio de cafés foi criado exclusivamente pela barista goiana Roberta Pina. Servimos cervejas artesanais, primamos pelas marcas goianas. [...] O Café Jasmim é também galeria. As paredes ostentam obras de arte à venda. (CAETANO, 2019, não paginado).

De acordo com a autora, o Café Jasmim é um espaço de visibilidade para os artistas locais, uma particularidade desse ambiente, reforçando que a arte é uma

importante componente turística do ambiente. As figuras 15, 16, 17 e 18 mostram um território com sua lógica, com a literatura de Cora Coralina presente no espaço e produtos comercializados.

Figuras 15, 16, 17 e 18: Poesias de Cora Coralina, produtos locais e aproveitamento do quintal.



Fonte: Trabalho de campo em novembro de 2021.

Em 2021 ocorreu a mudança na gestão do lugar. As novas proprietárias, em uma nova mensagem deixada na parte inicial do cardápio, confirmam a continuidade do trabalho executado pela antiga proprietária:

Esse é o início de uma história que buscará dar continuidade a um legado grandioso, que foi construído ao longo de 3 anos de muita dedicação pela Suely Caetano. Suely foi responsável por abrir pela primeira vez as portas desse espaço encantador que é o Café Jasmim. E nós, com muita honra,

seguiremos esse caminho, fazendo desse, um canto onde sempre se encontrará gastronomia de alto nível e diversidade. Dos risotos aos burgers, das saladas às massas, dos drinks aos cafés. Um espaço para cultivar e gerar cultura, conhecimento e arte, com exposições, saraus e compartilhamentos. Seguiremos trabalhando para proporcionar a cada cliente uma experiência completa de atendimento, vivência e consumo de qualidade. Trabalhando para sempre contribuir da melhor e mais preciosa forma possível para o turismo da nossa Vila Boa. O Café Jasmim agora é nosso mais novo lar, mas como desde o início, ele sempre será também, o lar de cada um de vocês. (FLORA; MILENA, 2021, não paginado).

Essa parceria com o artista local sustenta aos olhos do turista que consome no lugar: “uma impressão de singularidade é portadora de uma imagem territorial” (COELHO NETO; URIAS, 2011, p. 327). A valorização dessa arte de base local agrega informações da cidade aos diferentes públicos visitantes.

Assim, pode-se dizer que a atratividade dos cafés e bistrôs da Cidade de Goiás está na gastronomia, na arte e na literatura. Por essa razão, a divulgação consciente e planejada da cozinha local e regional, das artes e literatura é certamente o meio mais adequado para fortalecer o valor de imagem da cidade perante seus turistas e residentes. De acordo com Coelho Neto e Urias (2011, p. 332), a capacidade de sensibilizar o público alvo e influenciá-lo “só pode ocorrer num ambiente que estimula um mínimo de circulação de informação e que consolida canais de comunicação entre turistas e o território”.

Na rede social do Café e Bistrô Jasmim, *facebook*, o quintal do comércio (figuras 19 e 20) é apresentado como um ambiente decorado, receptivo e organizado para receber seus clientes e visitantes, passa-se a imagem de um lugar de cultura. Observa-se que os proprietários estão interessados em atrair um público que valoriza a gastronomia, a arte e cultura do lugar. Essa situação é narrada no texto de Caetano (2019), mostrando que, no Café, a arte da Cidade de Goiás é vista e apreciada.

Outra imagem que chama a atenção são as poesias de Cora Coralina nos aventais (Figura 21) dos colaboradores e colaboradoras do espaço. As palavras da principal poetisa de Goiás estão em um acessório indispensável para o estabelecimento gastronômico, conectando o Jasmim ao nome de Cora. Essa referência reforça as palavras de Gratão (2010) citadas nesta dissertação: a escrita de Cora é um pressentir de linguagens poéticas por entre casarios e gente, e por que não também traçada por entre os muros dos quintais de Goiás?

Figuras 19 e 20: Foto Facebook do Quintal Café Jasmim



Fonte: Acervo Café e Bistrô Dedo de Prosa. Disponível em: https://www.facebook.com/Caf%C3%A9-Jasmim-emp%C3%B3rio-e-bistr%C3%B4-102964545202197/photos/?ref=page_internal. Acesso em 25 de outubro de 2021.

Figura 21: Foto *Facebook* com a divulgação das poesias de Cora Coralina nos uniformes dos colaboradores do Café Jasmim.



Fonte: Acervo Café e Bistrô Dedo de Prosa. Disponível em: https://www.facebook.com/Caf%C3%A9-Jasmim-emp%C3%B3rio-e-bistr%C3%B4-102964545202197/photos/?ref=page_internal. Acesso em 25 de outubro de 2021.

Para as proprietárias do Café Jasmim, o lugar é frequentado por residentes e turistas, principalmente para consumir o empadão, os risotos, as massas e os sanduíches. Segundo essas empreendedoras, o quintal no comércio é muito importante, considerado um espaço acolhedor e agradável, o lugar mais procurado pelos clientes. No caso das reservas antecipadas, essas são sempre para a área externa.

Na parte interna da antiga residência, são comercializados produtos de artistas locais e de pequenas empresas da base local, e tem também uma pequena biblioteca à disposição dos clientes. Para as proprietárias do Café Jasmim, a maior dificuldade na cidade é encontrar profissionais qualificados.

3.4 CORA CAFÉ E BISTRÔ: LAZER, PRAZER E CULTO NO QUINTAL DO MUSEU CASA DE CORA

Atualmente, os compartimentos definidos no primeiro capítulo desta dissertação como segundo quintal e terceiro quintal da Casa de Cora Coralina, que durante muito tempo foi um espaço privado dos seus residentes, são hoje um lugar de lazer para os moradores da cidade e de acolhimento dos turistas que a visitam. Existia nesse quintal a criação de animais; na atualidade abriga o Cora Café (Figuras 22 e 23), inaugurado no dia 20 de agosto de 2018.

O Cora Café e Bistrô está anexo ao Museu Casa de Cora, localizado na rua Dom Cândido número 20, mas o acesso ao quintal onde está o Café se dá pelo portão do Beco da Villa Rica, via que fica na parte de trás do imóvel, ao lado do rio Vermelho. No museu, os turistas conseguem observar o rio, mas isso não ocorre no café que fica entre muros, o que não torna o ambiente menos agradável.

O estabelecimento surgiu quando foi decidido, pela gestão do Museu Casa de Cora, que deveriam aproveitar melhor os espaços definidos como quintal e jardim, um território com muito potencial, pois hoje é uma lógica os museus terem seu próprio café. Para os empreendedores, o quintal do museu tem uma história própria carregada de vivências. No quintal, a literatura de Cora também se faz presente e constitui uma particularidade cultural da paisagem.

Figuras 22 e 23: Imagens do Cora Café no quintal do Museu Casa de Cora



Fonte: Trabalho de campo em 2019 e 2021.

A direção entende que o ambiente é frequentado por residentes e turistas, principalmente nos cafés do período da tarde e nas refeições (jantares e outras) no período noturno. É também um espaço aberto à promoção de eventos e a parcerias com os artistas da Cidade de Goiás, como o artesão José Rogério. No entanto, os responsáveis entendem que falta divulgação e apoio para a cultura e tradições da primeira capital do estado.

A partir do levantamento exploratório de materiais publicitários/divulgação no *Facebook* do Cora Café, percebeu-se que existia uma lógica de divulgação e comunicação até o início de 2020, antes da pandemia. No entanto, com o período pandêmico, esse trabalho de mídia perdeu força ou praticamente inexistiu.

Pode-se afirmar que esse comércio no quintal do Museu Casa de Cora traz experiências culturais, literárias e criativas para seus frequentadores, pois no lugar ocorrem atividades desenvolvidas pelos seus gestores, principalmente pequenos eventos e encontros (Figuras 24 e 25). Tais eventos não envolvem somente os turistas, mas também os moradores locais que frequentam essa paisagem. Entre as experiências vividas está o conhecer o quintal onde a poetisa Cora Coralina e suas irmãs trabalhavam e tinham seus tempos de trabalho e lazer.

Figuras 24 e 25: A imagem à esquerda mostra a divulgação de eventos e à direita o encontro de Professores e Mestrandos do PPGEIO da Universidade Estadual de Goiás – UEG.



Fonte: Trabalho de campo em 2019 e 2020.

Entre os objetivos de desenvolvimento desta pesquisa e a escolha deste quintal foi justamente para trazer essa história, pois conhecemos o quintal e algumas narrativas que estão nas memórias de antigos frequentadores bem antes da criação do Cora Café. Escrever sobre essa memória nesta investigação foi um retorno no tempo. O objetivo foi trazer boas lembranças dos quintais urbanos com seus conteúdos de ruralidade, as práticas de cultivos e criações de animais, heranças que ainda permanecem na cidade de Goiás contemporânea.

Não podemos finalizar este texto do Cora Café, nesta pesquisa de mestrado, sem dizer que a escrita do projeto para a seleção do PPGEU UEG também foi motivada por uma conversa que tivemos há algum tempo com Elder de Camargo dos Passos, escritor e historiador que trouxe para nós o conhecimento dos quintais de Goiás. Ele relatou como era de fato cada detalhe desses quintais, principalmente o quintal de Cora Coralina, o que nos proporcionou uma imensa vontade de investigar esse lugar e outros da cidade de Goiás.

E hoje, quando visito o museu, tenho aquela panorâmica do quintal descrita por Elder Passos. É possível empreender uma viagem mnemônica e ter uma ideia de como era esse espaço em tempos idos, porque ele é um dos únicos quintais que mantém “intacta” a formação inicial, ou seja, o primeiro quintal-Jardim, o segundo quintal-pomar e o terceiro e último quintal para criação de animais, e esse terceiro e último hoje é onde está projetado o Cora Café. Investigar esse território foi também revisitar as minhas memórias.

3.5 DEDO DE PROSA: UM AMBIENTE COM LÓGICAS LUSITANAS EM GOIÁS

Até o ano de 2021, o Restaurante Dedo de Prosa teve como endereço a Praça do Asilo, nº 10. Antes da pandemia este ambiente localizava-se na Praça do Coreto (Figuras 26, 27, 28 e 29), próximo a outros comércios com grande fluxo de turistas. Esse estabelecimento comercial foi inaugurado no ano de 2015. No momento, em 2021, esse estabelecimento comercial está em fase de reorganização estrutural para um novo espaço, ainda indefinido.

O Dedo de Prosa surgiu de uma parceria entre três amigas, observando que na cidade de Goiás havia um nicho para esse tipo de comércio. Entre os pratos mais comercializados no lugar estão o bife a cavalo, o empadão goiano e aqueles que levam bacalhau na sua composição. Segundo as proprietárias, quando o restaurante tinha como endereço a praça, sempre foi frequentado pelos residentes e turistas; no período que esteve na Pousada Casa da Dinda, o público central passou a ser o turista.

A partir do levantamento exploratório de materiais publicitários/divulgação no *Facebook* do Dedo de Prosa, percebeu-se um padrão de comunicação até início de 2020, antes da pandemia, no antigo endereço, ou seja, na Praça do Coreto. As imagens divulgadas no *Facebook* mostram a presença das poesias de Cora Coralina nas paredes e portas do primeiro endereço do estabelecimento comercial pesquisado.

Esse contexto vai ao encontro das palavras de Gratão (2017), sublinhadas nos capítulos anteriores desta dissertação, mostrando que não somente a Cidade de Goiás, mas seus cafés trazem nos seus interiores uma poética que os transfiguram e os reconstroem num discurso de significações múltiplas. Ali os visitantes vivem o lugar, a gastronomia e principalmente a poesia que se estende por entre as paredes dos cafés e bistrôs, revelações de uma cidade que é turística e se apropria da sua maior marca, a poesia de Cora Coralina.

Figuras 26, 27, 28 e 29: Poesias de Cora Coralina nas Paredes
do Café e Bistrô Dedo de Prosa



Fonte: Acervo Café e Bistrô Dedo de Prosa. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100009334781090&sk=photos> Acesso em 07 de outubro de 2021.

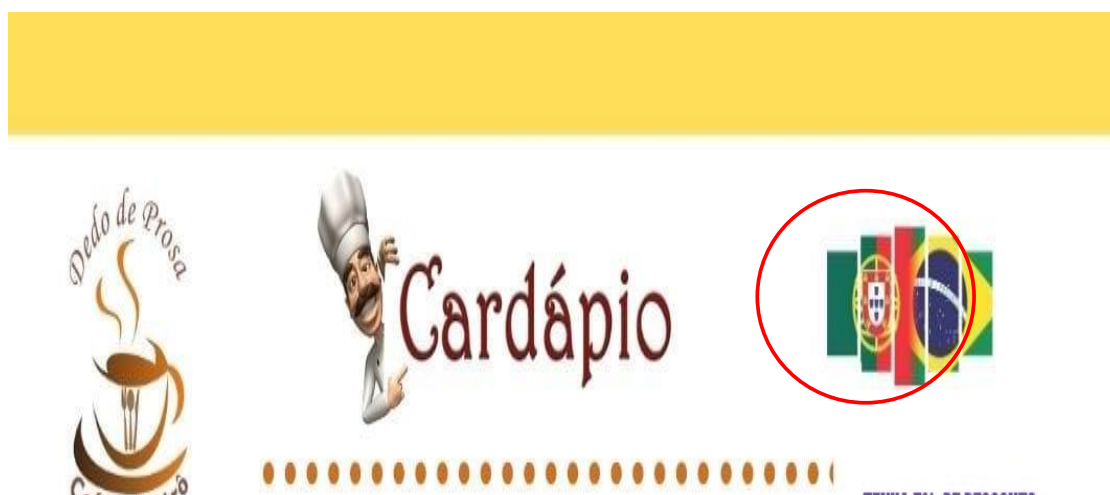
Para Delgado (2002, p. 62), o que se observa na imagem midiática do Café e Bistrô Dedo de Prosa é “um exemplo da simbiose discursiva entre a cidade e a poeta, entre a obra e a vida, mais precisamente entre a vida de Cora Coralina, a sua obra e a Cidade de Goiás”. Assim, deve-se compreender que os cafés Jasmim, Cora e Dedo de Prosa se confundem com a alma poética de Goiás. Não são apenas estabelecimentos comerciais que fazem parte do cotidiano urbano, mas trazem nas suas paredes e cardápios a essência de um povo que se propôs viver às margens do rio Vermelho.

Em Goiás, a gastronomia, a literatura e o Patrimônio Edificado Histórico são pilares da atividade turística, reconhecendo neste trabalho a particular importância do Café e Bistrô Dedo de Prosa. Portanto, outro elemento singular do lugar que merece destaque é a gastronomia, não apenas os sabores goianos e do cerrado, mas também

a presença de pratos portugueses, entre eles, o Pastel de Belém/Pastel de Nata, Bacalhau com Natas e Bacalhau acompanhado de saladas.

A gastronomia portuguesa para o Dedo de Prosa veio ao encontro do desejo de apresentar um cardápio diferenciado, o que foi bem aceito pela comunidade local e pelos visitantes, principalmente os pratos à base de bacalhau. Uma das sócias do comércio é de origem lusitana, e esse fator ajudou na divulgação e comercialização dos produtos. A figura 30 apresenta a relação entre Brasil e Portugal no Café e Bistrô Dedo de Prosa.

Figura 30: Cardápio Dedo de Prosa e as imagens das Bandeiras do Brasil e Portugal



Fonte: Acervo Café e Bistrô Dedo de Prosa. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100009334781090&sk=photos> Acesso em 09 de novembro de 2021.

De acordo com Moreira e Neto (2016), dos doces portugueses, o pastel de nata é o mais conhecido. O quitute também é chamado de pastel de Belém, pois teve sua origem no mosteiro dos Jerônimos, bairro de Belém, Lisboa. A receita datada do século XIX foi uma das formas que os monges encontraram para aproveitar as gemas que sobravam da produção de hóstias, feitas com clara de ovo e farinha de trigo. Em Portugal:

[...] os pasteizinhos de nata são comercializados em diversos estabelecimentos. Os sabores dos pastéis de Belém são semelhantes entre si. Porém, convencionou-se culturalmente que somente seria classificável como Pastelzinho de Belém a receita de Belém. Nesse caso, todas as outras seriam “apenas” pastéis de nata, foi verificado que por mais que se encontrem pastéis semelhantes em outros lugares, eles não são chamados “de Belém”

e nem são consumidos pelo mesmo número expressivo de turistas. A panificadora de Belém esconde a receita com “várias chaves” e, por mais que diversos turistas perguntem diariamente como elaborar os famosos pastéis de Belém, o mais próximo que conseguem chegar da receita guardada com segurança e com muito sigilo, é na porta travada. (SENA, 2017, p. 61).

Daí, então, com o surgimento do Café e Bistrô Dedo de Prosa na paisagem vilaboense, iniciou-se a fabricação e venda desse famoso pastel doce lusitano. Assim, é uma componente gastronômica da cidade turística. Ainda sobre a gastronomia portuguesa, Sá e Silva (2019) arrazoam que o bacalhau possui um *status* único na cozinha e na cultura portuguesa, não há dúvidas, uma vez que é ao mesmo tempo um alimento muito frequente no seu receituário e um símbolo da própria identidade portuguesa.

A importância do bacalhau foi oficialmente reconhecida quando a culinária portuguesa se tornou patrimônio imaterial, primeiramente em Portugal e posteriormente a nível mundial. As figuras 31, 32, 33 e 34 mostram o comércio do tradicional doce lusitano e de pratos como o bacalhau, o pastel de nata (pastel de Belém) e o *croissant* que é um bolo de massa folhada em formato de meia-lua.

Como já apresentado nos textos sobre o Cora Café e Jasmim, outra tendência nos cafés e bistrôs da Cidade de Goiás são as realizações de pequenos eventos nesses territórios, como lançamentos de livros. Essa é uma nova e importante estratégia de *marketing* e divulgação do lugar e também de valorização cultural desses ambientes. Acredita-se que esses eventos aproximam turistas e residentes, criando oportunidades de diálogos entre os sujeitos do lugar e os visitantes.

Figuras 31, 32, 33 e 34: Divulgação Facebook do Café e Bistrô Dedo de Prosa: pastel de Belém e pratos com Bacalhau.



Fonte: Acervo Café e Bistrô Dedo de Prosa. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100009334781090&sk=photos> Acesso em 07 de outubro de 2021.

As proprietárias do Dedo de Prosa consideram que são pioneiras na promoção de eventos (Figura 35) em parceria com artistas e intelectuais da cidade e região, mesmo sem o apoio dos órgãos públicos, em especial da Goiás Turismo. Não existe uma parceria forte entre o público e o privado.

Nos últimos meses de 2021, o Dedo de Prosa passou a desenvolver o trabalho na modalidade *delivery*, ao menos até encontrar um novo endereço comercial no centro histórico da Cidade de Goiás. De acordo com Silva (2021), com o desenvolvimento e crescimento da pandemia, as empresas apostaram na rede *delivery*. Atualmente, o serviço de entrega em domicílio (*delivery*) vem crescendo de forma gradual no mercado. Essa é uma solução acessível para minimizar a crise e a dificuldade enfrentada nos restaurantes.

Figura 35: Divulgação de Lançamento de Livro no Café e Bistrô Dedo de Prosa



CONVITE

Dedo de Prosa - Café e Bistrô e
 Editora Kelps convidam Vossa Senhoria
 e Família para noite de autógrafa do

Fonte: Acervo Café e Bistrô Dedo de Prosa. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100009334781090&sk=photos>. Acesso em 07 de outubro de 2021.

Entretanto, essa tecnologia ainda não está disponível para toda população brasileira devido as diferenças socioeconômicas, o que é mais evidente na crise social e econômica que estamos vivenciando. (SILVA, 2021). Portanto, essa foi a forma temporária do Dedo de Prosa se manter competitivo no mercado da cidade histórica goiana e continuar satisfazendo o desejo de seus clientes com as especificidades gastronômicas de seu cardápio, principalmente com os produtos da culinária lusitana.

Para as proprietárias do Dedo de Prosa, quando o estabelecimento estava localizado em uma antiga residência da Praça do Coreto, uns dos itens mais charmosos e que chamavam a atenção dos turistas eram o jardim e o quintal. Eram um atrativo do lugar. Usava-se o quintal para promover saraus, confraternizações, almoços e até mesmo para um momento de descanso dos frequentadores. A iluminação à noite dava um charme especial e levava as pessoas a divagarem sobre a história da casa e da própria cidade.

3.6 QUINTAIS URBANOS COMO COMPONENTES DO DESTINO TURÍSTICO: AMEAÇAS E PERSPECTIVAS

O presente capítulo mostra que os cafés de Goiás, investigados nesta dissertação, surgiram na paisagem urbana do destino turístico entre 2015 e 2018. São negócios contemporâneos criados entre residências e muros históricos. São ambientes que contribuem para que os turistas possam passar mais tempo no lugar. Ou seja, esses comércios são essenciais para a promoção e o fortalecimento da atividade turística cultural da cidade Goiás e do cerrado goiano.

Portanto, diante das reflexões trazidas nesta investigação, estruturou-se o quadro 1 a seguir que traz as ameaças e oportunidades observadas durante os trabalhos de campo realizados nos anos de 2020 e 2021, um olhar empírico da investigadora e também da profissional na área de guia de turismo na cidade de Goiás.

Nesse cenário, é importante grifar que o Caminho de Cora Coralina (CCC) tem como ponto de chegada ou partida o Museu Casa de Cora (Figura 36). De acordo com Mendonça (2021), o Caminho de Cora Coralina é uma trilha de longo curso possível de ser realizado a pé, de bicicleta ou a cavalo. Possui 300 km de extensão, interligando os municípios de Corumbá de Goiás, Cocalzinho de Goiás, Pirenópolis, São Francisco de Goiás, Jaraguá, Itaguari, Itaberaí e Goiás. É um produto turístico idealizado pela Agência Estadual de Turismo de Goiás, a Goiás Turismo, em parceria com o pesquisador Bismarque Villa Real.

No mapa 3, está representado pela linha vermelha o Caminho de Cora Coralina. Os pontos vermelhos são os municípios e distritos presentes no caminho. À direita do mapa, na extremidade do caminho, está Corumbá de Goiás, e no ponto mais à esquerda, a Cidade de Goiás. A trilha busca percorrer estradas próximas das vias exploradas pelos bandeirantes, simulando o caminho utilizado para chegar à cidade de Goiás. (MENDONÇA, 2021).

Quadro1 : Ameaças e Oportunidades

Ameaças	Oportunidades
<ul style="list-style-type: none"> • Preservação do patrimônio; • Manutenção de receitas tradicionais; 	<ul style="list-style-type: none"> • Crescimento da economia local; • Disseminação da gastronomia e culinária de base local e do cerrado;

<ul style="list-style-type: none"> • Aumento do número de visitantes, sem controle da capacidade de carga; • Produção de lixo; • As relações de vizinhanças; • Ao modo de vida rural existente no quintal urbano; • Degradação dos espaços, como redução da porosidade do solo e outros; • Aumento nos preços dos produtos de outros comércios do centro histórico; • Aumento do uso comercial de residências do centro histórico. 	<ul style="list-style-type: none"> • Geração de valor acrescentado às atividades tradicionais; • Integração de turistas e residentes; • Reforço do papel da gastronomia e cultura como fator de emprego e renda; • Recuperação do patrimônio construído e salvaguarda dos valores da paisagem; • Promoção organizada e valorização integrada dos quintais do centro histórico; • Criação de projetos didáticos e pedagógicos; • Divulgação de artistas locais (poetas, artesãos, músicos e outros); • Parceria com a Goiás Turismo, fortalecendo os Projetos associados ao Caminho de Cora Coralina; • Fortalecimento da ARPHOS (Associação dos Restaurantes, Pousadas, Hotéis e Similares da cidade de Goiás).
---	--

Fonte: Elaborado Autora, 2021.

Para Mendonça (2021), os turistas que caminham pelos espaços turísticos da trilha vão em busca da cultura local e de seus atrativos ambientais, como em Unidades de Conservação, cidades históricas, festas tradicionais, gastronomia regional, belezas cênicas, entre outros. O ponto inicial da trilha, para quem sai de Corumbá de Goiás, é a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha de França.

Figura 36: Museu Casa de Cora: ponto de partida e chegada do Caminho de Cora Coralina em Goiás.



Fonte: Elaborado por MATEUS, Natália. 2021.

Mapa 03: Caminho de Cora Coralina



Fonte: IBGE, Goiás Turismo, 2020. Elaborado por Natália B. Mateus, 2020. MENDONÇA, D. P. CAMINHO DE CORA CORALINA EM GOIÁS: SIGNIFICADOS, USOS E RELAÇÕES SOCIAIS, 2021.

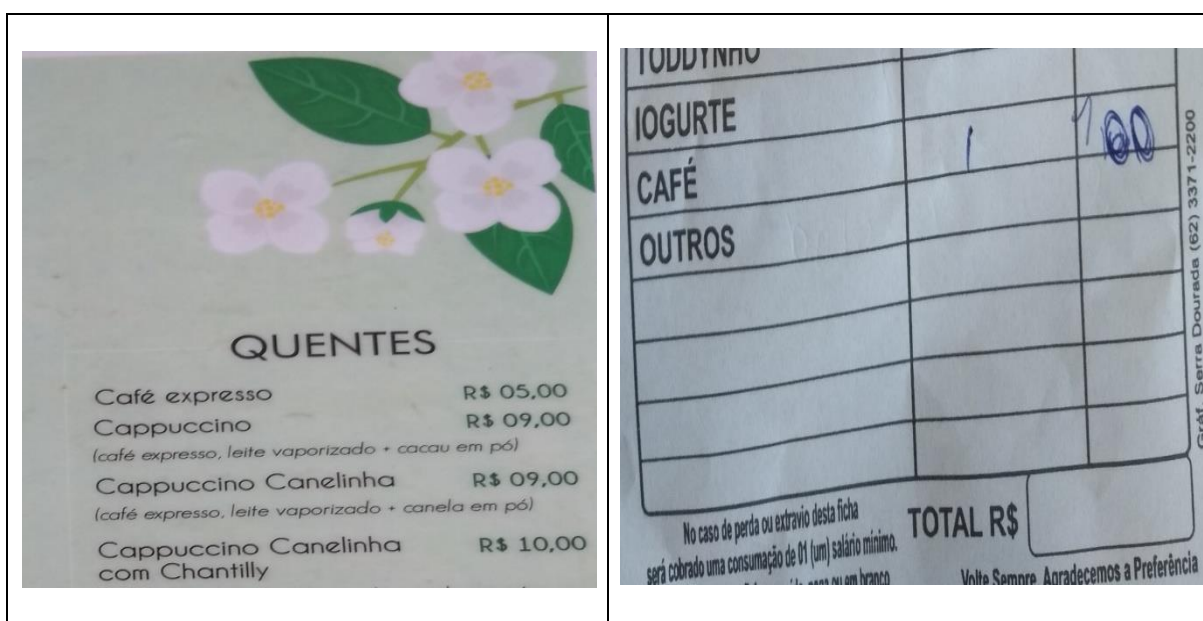
Nesse contexto, ainda é importante ressaltar que, em abril de 2018, o Caminho de Cora Coralina foi lançado oficialmente pela Goiás Turismo, no mesmo ano de surgimento do Cora Café. No CCC existem igrejas, museus, obras, objetos, documentos, edificações, além de muita história e natureza. O traçado do CCC é baseado nos relatos de antigos viajantes, os quais seguiram por trilhas utilizadas pelos bandeirantes, que por sua vez utilizavam-se de antigas trilhas indígenas. Ao longo do caminho, existem 60 placas com excertos de poesias de Cora Coralina. (MENDONÇA, 2021).

Devido à importância geográfica do Museu Casa de Cora para o CCC, pode-se afirmar que existem boas oportunidades para o fortalecimento da atividade turística cultural consciente, não massificada, não apenas no museu, mas também no café, ou seja, esse cenário pode fortalecer o número de turistas no Cora Café. No entanto, é fundamental criar meios para controle de uso desses ambientes, pois são territórios que não foram criados para fins comerciais, mas que hoje em Goiás parece ser um caminho sem volta.

Nesse contexto, é fundamental fortalecer a parceria com a Associação dos Restaurantes, Pousadas, Hotéis e Similares da Cidade de Goiás (ARPHOS), buscando colocar em pautas questões como marketing digital capazes de transformar a cultura do lugar, atraindo residentes e visitantes, não apenas aqueles que chegam pelo CCC, para os atuais quintais, seus novos usos e experiências de lazer e turismo.

Nesse entremeio, é fundamental sublinhar as diferenças de preços nos produtos comercializados nos cafés Jasmim, Cora e Dedo de Prosa em comparação com outros comércios da cidade. Por exemplo, um café que tem o custo médio de 5 e 6 reais nesses comércios, em outros é possível pagar 1 real (Figuras 37 e 38), demonstrando que os lugares pesquisados são pensados para o turista, pois o residente consegue o mesmo produto por um preço mais acessível.

Figuras 37 e 38: Fotos Preços Café Jasmim e Panificadora no Centro Histórico



Fonte: Fotos Trabalho de campo 2021.

Analisando a geografia dos cafés investigados nesta dissertação, pode-se afirmar que todos são componentes importantes para a trilha de longa distância do Caminho de Cora Coralina, pois estão nas proximidades do Museu Casa de Cora. Faz-se necessário salientar também que os territórios pesquisados estão próximos dos principais atrativos turísticos urbanos de Goiás, o que proporciona fazer o percurso a pé. Nesse percurso turístico é fácil encontrar um guia de turismo local, credenciado para obter as informações mais importantes e relevantes dos atrativos da cidade.

Os quintais onde hoje estão os cafés são componentes importantes da história da antiga capital. Atualmente, são espaços para onde vêm sentar, em volta de suas mesas, intelectuais da universidades vilaboenses, professores convidados para os eventos universitários, escritores e artistas diversos. É fundamental sublinhar que os espaços investigados têm, na sua gestão, uma forte presença feminina, mostrando a

força da mulher nos negócios na Cidade de Goiás, ou seja, são mulheres empreendedoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que foi possível responder aos questionamentos iniciais da pesquisa, principalmente porque os novos negócios nos quintais do centro histórico da Cidade de Goiás representam uma nova estética, são novos elementos na composição da cidade, ambientes não apenas voltados para o turismo, mas também para o lazer dos residentes. Esses territórios permanecem carregados de histórias, particularidades culturais e ainda guardam em si os conteúdos de ruralidades que sempre fizeram parte do modo de vida desse espaço urbano no interior de Goiás.

Portanto, são reveladores de um determinado contexto espaço-temporal da formação territorial de Goiás, pois são ambientes que guardam as memórias de antigos residentes, com as tramas e relações de trabalho do passado, mas que hoje é um território que possibilita o uso do mesmo espaço por residentes e turistas. É possível afirmar que, entre os principais atrativos desses lugares, estão o patrimônio edificado, principalmente os antigos muros, a gastronomia goiana e de outras regiões do país e até mesmo internacional e a poesia de Cora Coralina.

Os três capítulos desta dissertação mostraram que Goiás é uma cidade de traços seculares preservados, principalmente na arquitetura vernacular. É um urbano que guarda história e tradição. Considero que esse cenário e nossa experiência como Guia de Turismo na cidade foi um facilitador para o desenvolvimento desta pesquisa. A partir do nosso olhar empírico, compreendo hoje a Cidade de Goiás como um museu a céu aberto e ao mesmo tempo um sítio arqueológico a céu aberto, ainda que haja muito para ser investigado.

Desse modo, é possível afirmar que este urbano é um sítio de pesquisa para todos que procuram estudar a arquitetura histórica, a arte, a tradição cultural na pintura, as diferentes geografias, o turismo, a literatura. É uma cidade que oferece caminhos investigativos em todas as áreas do saber. Goiás vem guardando seus modos de vida e história há mais de 200 anos, preservando em parte toda essa cultura, todas as tradições. Ao caminhar por suas ruas históricas é possível observar seus casarões, os becos e os quintais que hoje são espaços utilizados de várias formas, como apresentado nesta investigação.

Desse modo, o capítulo três mostrou que o Restaurante Dedo de Prosa funcionou durante muitos anos dentro de um casarão antes de ocupar o último

endereço, que o Café Jasmim também é uma referência para a gastronomia e que serve seus clientes dentro de um casarão antigo e utiliza o espaço do quintal como lugar de receptividade e sociabilidade, onde os usuários podem se sentar e se servir.

Para redigir o terceiro capítulo, enfrentamos muitos desafios, principalmente porque a pesquisa foi desenvolvida durante um período de pandemia. Nesse contexto, o material de pesquisa, ou seja, as descrições mais utilizadas foram possíveis a partir das nossas observações durante os trabalhos de campo e da experiência vivida como guia de turismo na Cidade de Goiás. Para escrever esta dissertação, tivemos que buscar em nossas memórias as conversas a partir de contatos informais com famílias da antiga Goiás. Essas famílias viveram numa época em que os usos dos quintais eram outros: jardins, plantações e criações de animais.

Atualmente, pode-se afirmar que os novos usos dos quintais do centro histórico da Cidade de Goiás se tornaram uma tendência que deve permanecer, pois compreende-se que são um ambiente agradável e cheio de novas oportunidades na cidade Patrimônio Mundial da Humanidade. Em se falando na cidade Patrimônio da Humanidade, é importante sublinhar que hoje temos, nesse espaço, o instituto Biapó, que lançou recentemente o selo comemorativo dos 20 anos de Patrimônio Mundial da Humanidade, comemorado em 14 de dezembro de 2021.

Podemos afirmar que esse título simboliza a força que a cidade tem em relação aos trabalhos culturais e tombamentos, aos vários eventos realizados e à força das mulheres dessa terra. Mulheres que no passado foram as principais responsáveis pelos quintais urbanos, esses territórios só que tinham vida naquele tempo pelo trabalho das mulheres que cuidavam desses espaços, da casa e ao mesmo tempo dedicando-se à família.

A partir dos quintais, essas mulheres também garantiam o sustento da família. Na Cidade de Goiás de tempos idos, as mulheres não tinham grandes momentos de lazer, como mostrado nesta pesquisa, não tinham para onde sair, mas tinham o seu quintal como refúgio, e por que não dizer como um lugar de passeio? Não é um delírio dizer que os quintais sempre fizeram parte da economia da cidade e que hoje continuam com sua importância, como atrativos importantes para o destino turístico.

Não foi pesquisado neste trabalho, mas temos na cidade outros quintais com negócios associados à atividade gastronômica e outros negócios, como o caso da Pousada Dona Sinhá que traz, em seu quintal, memorial em homenagem a Paulo Bertran, grande historiador e pintor, que também escrevia sobre Goiás. Há também o

Ateliê de Elder Rocha Lima, artista plástico que retrata a cidade em suas pinturas. Temos também o Restaurante Flor de Ipê, totalmente projetado e construído dentro de um quintal. São espaços que merecem ser investigados por outros trabalhos na geografia e diferentes áreas do saber.

Desse modo, não poderia finalizar esta dissertação sem dizer que trabalhar na Cidade de Goiás, ser residente, ser uma guia de turismo é um presente de vida, mas também um desafio de todos os dias. Contar essa história que é movimento e dinâmica, é sentir-se parte do lugar. Uma história que pode ser narrada de diferentes maneiras para cada grupo que chega ao lugar, para cada parceiro ou cada turista que nos procura. Trabalhar em Goiás e pesquisar essa cidade é e sempre será desafiador e também prazeroso.

Há mais de 30 anos fazemos o ofício de guia de turismo na cidade, e considero que há mais de 30 anos nós, profissionais da área, conseguimos desenvolver um bom trabalho cujo principal objetivo é atender bem todos os visitantes, com informações claras e corretas para não confundir os turistas. Posso dizer que algumas pessoas me perguntam se não fico cansada da minha atividade. Respondo que não, pois gosto do que faço, gosto de contar as histórias de Goiás, gosto de indicar os lugares turísticos.

Expresso para as pessoas que o meu trabalho não é uma obrigação, mas sim um prazer atender às expectativas do visitante que chega nesse destino único do cerrado goiano, com seus cafés, casarios, literaturas, culinária/gastronomia, museus, praças, igrejas, artesanatos, trilhas ambientais, caminhos históricos, festas religiosas e não religiosas. A partir desta dissertação, posso dizer que pesquisei a Cidade de Goiás, que escrevi sobre o meu lugar de vida e trabalho.

Escrever e inscrever este trabalho na geografia foi uma oportunidade para olhar os quintais do centro histórico, conhecer um pouco mais desses territórios e dessa cidade que, por um longo tempo, faz parte de livros e textos de antigos viajantes, de Naturalistas, de Historiadores, de Geógrafos e de estudiosos de outras áreas do conhecimento. Este trabalho nos deu a oportunidade de revisitar a obra de Elder Camargo de passos, "Goiás: de Arraial a Patrimônio Mundial", um livro que traz muitos relatos sobre a nossa história, sobre os historiadores que passaram pela antiga Vila Boa.

Nessa obra temos também vários relatos da parte religiosa desse recorte de pesquisa sobre esta que é considerada o berço da cultura goiana, uma cidade onde temos tradição não só na gastronomia, não só na parte arquitetônica, mas também na

religiosidade e cultura. Portanto, considero que é impossível finalizar qualquer investigação ou narrativa sobre a Cidade de Goiás, por isso, o caminhar investigativo acadêmico deve prosseguir para além dos seus quintais, das suas poesias, das suas artes e do seu centro histórico.

REFERÊNCIAS

ALMADA, José Alexandre Berto. *LUGAR TURÍSTICO E TERRITÓRIO USADO: contribuições teóricas ao estudo do Turismo a partir da Geografia de Milton Santos*. Revista InterEspaço, Grajaú/MA, v. 4, n. 15, p. 197-221, set./dez. 2018.

ALMEIDA, M. G. *O CAMINHO DE CORA CORALINA - TURISMO LITERÁRIO OU MARKETING DO TURISMO?* Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais, v.9, n.1, p.237-249 (2020). Número Especial - Rede de Pesquisa em Geografia, Turismo e Literatura (REDE ENTREMEIO).

ALMEIDA, Maria Geralda de. *MULHERES RURAIS - A DESCOBERTA E CONQUISTA DA CIDADANIA PELA VALORIZAÇÃO DOS QUINTAIS*. Revista GeoNordeste, São Cristóvão, Ano XXVII, n. 2, p. 138-161, jul./dez. 2016.

ALVES, Renato. *Passeios em Goiás Velho proporcionam uma viagem ao Brasil Colônia*. Disponível em: <http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/turismo/2016/07/06/interna_turismo,539225/passeios-em-goias-velho-proporcionam-uma-viagem-ao-brasil-colonia.shtml> Acesso em: 04. Set. 2017.

ANDRADE, M. C. De. *Territorialidades, desterritorialidades e novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local*. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. DE; SILVEIRA, M. L. (Org.) *Território – Globalização e Fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1996. 332 p. P. 213 – 220.

ARAÚJO, Vanessa Dias de; PALHARES, Virgínia de Lima. *EXTRAPOLANDO AS CERCAS: O SENTIDO DE QUINTAL EM ANDRÉ DO MATO DENTRO, SANTA BÁRBARA – MG*. Revista GeoNordeste, São Cristóvão, Ano XXIX, n. 1, p. 58-72, Jan./Jun. 2018.

ATAÍDES, M. R. A.; CUNHA, I. C.; SANTOS, J. C. V. *CAFETERIAS DA ÁREA CENTRAL DE CALDAS NOVAS, GOIÁS: COMPONENTES DA PAISAGEM URBANA TURÍSTICA*. Revista Ateliê do Turismo, Campo Grande, v. 3, n. 1. p. 31-44, jan-jul, 2019.

BANDEIRA, Milena Berthier. *Cidade Turística e seus Imaginários: O Olhar da Imprensa Especializada*. Revista Rosa dos Ventos, 5(3), p.439-450, jul-set, 2013.

BARRETTO, M. *Cultura e Turismo: discussões contemporâneas*. Campinas: Papirus, 2007.

BENI, Mário C. *Análise estrutural do Turismo*. 2. ed. São Paulo: Ed. SENAC, 1998.

BERNARDES, Antônio. Quanto às Categorias e aos Conceitos. *Revista Formação Online*, n. 18, volume 2, p. 39-62, jul./dez., 2011.

BOLETIM DE DADOS DO TURISMO EM GOIÁS 2020/OBSERVATÓRIO DO TURISMO DO ESTADO DE GOIÁS. 10º Boletim. Goiânia: Edição Governo do Estado de Goiás, 2020. Disponível: <<https://www.goiasturismo.go.gov.br/files/novo/bl2020.pdf>>. Consulta realizada em 01 de outubro de 2021.

BRANDÃO, Guaraldo T. de S. *FOLHETOS TURÍSTICOS: TIPOS E CARACTERÍSTICA*. REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA TURISMO, ANO III, EDIÇÃO NÚMERO 5, P. 1-6, JUNHO DE 2006.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Regiões turísticas do mapa do turismo brasileiro*. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/images/15_09_17_RelatorioMapaDoTurismo.pdf>. 2017.

BRILHANTE, M. N.; CORRÊA, C. *Análise comparativa de guias turísticos em formato de aplicativo: Lonely Planet e MTrip*. Revista Turismo - Visão e Ação, Vol. 17, n. 2, p. 354-386, mai. - ago. 2015.

BRITO, M. A.; COELHO, M. F. *Os quintais agrofloretais em regiões tropicais-unidades autossustentáveis*. Revista Agricultura Tropical, Cuiabá, v.4, n.1, 2000.

CABRAL, Ana Laura Lopes. *Costurando Imagens Urbanas em Movimento: o avesso do Bairro Jundiá, em Anápolis (GO)*. 157 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanidades "Territórios e Expressões Culturais no Cerrado" (TECCER), UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS, Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas. Anápolis (GO): 2020.

CAES, André L. *Interpretações Acadêmicas sobre a Procissão do Fogaréu na Cidade de Goiás: Um Olhar sobre Algumas Bibliografias*. Revista Expedições, Morrinhos/GO, v. 10, n. 1, p. 64-78, jan./abr. 2019.

CAETANO, Suely. *Sobre o Café Jasmim*. 2019. Texto Apresentado aos Visitantes do Café e Bistrô Jasmim, Cidade de Goiás, 2019. Não Publicado em editora ou periódico eletrônico.

CÂMARA, R. B.; LIMA, R. N. Turismo, Múltiplos Espaços no Contexto Contemporâneo. In: BELFORT, C.; CUTRIM, K. D. G.; CÂMARA, R. B. *Espaço, Turismo e Cultura*. São Luís: EDUFMA, 2017. P. 39-63.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade*. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARNEIRO, J.; ALLIS, T. *Como se move o turismo durante a pandemia da COVID-19?* Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo (RBTUR), São Paulo, 15(1), p.1-23, 2021.

CARNEIRO, Marina de Fátima Brandão; PEREIRA, Luiz Andrei Gonçalves; SILVA, Mariana Sacha Nogueira. *DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA EM QUINTAIS URBANOS*. Revista Tocantinense de Geografia, Araguaína (TO), Ano 06, n. 10, p. 113-133, mai./agost. de 2017.

CASTRO, Fernanda Meneses de Miranda; SANTOS, Juliana Gomes Marinho dos. *A cultura gastronômica como atrativo turístico: relato de uma experiência de pesquisa nos Restaurantes de Aracaju/SE*. Revista Hospitalidade. São Paulo, v. IX, n. 2, p. 155 - 174, jul.- dez. 2012.

CASTRO, I. E. De. *Imaginário Político e Território: natureza, regionalismo e representação*. In: CASTRO, I. E. De.; GOMES, P. C. Da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). *Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 367p. P.155 – 196.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. *Turismo, Organização e Reconstrução do Espaço Urbano Contemporâneo*. Revista Rosa dos Ventos, 5(3), p. 381-389, jul-set, 2013.

COELHO NETO, E.; URIAS, L. *Personalidade Gastronômica e Destinos Turísticos: avaliação dos canais de comunicação na projeção dos atrativos gastronômicos no nordeste brasileiro*. Revista Turismo em Análise, USP, v. 22, n.2, p. 322-340, agosto de 2011.

COELHO, G. N. *O Espaço Urbano em Vila Boa: entre o erudito e o vernacular*. Goiânia: EdUCG, 2001.

CORALINA, Cora. *Os Meninos Verdes*. São Paulo: Editora Global, 2007.

CORDERO, Gina S. L. *O Jardim Andino: da mestiçagem cultural a outra paisagem em Cuenca dos Andes*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2018.

CORIOLOANO, L. N.; SAMPAIO, C. A. C. *Territórios Solidários Latino-Americanos e Turismo Comunitário no Rebatimento aos Megaempreendimentos Transnacionais*. In: CORIOLOANO, L. N.; VASCONCELOS, F. P. (Org). *Turismo, Território e Conflitos Imobiliários*. Fortaleza: EdUECE, 2012. P. 27-41.

CORRÊA, R. L. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. De.; SILVEIRA, M. L. (Org.). *Território – Globalização e Fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1996, 332p. P.251 – 256.

COSTA, Carlos; SANTOS, Norberto. *A paisagem enquanto produto turístico e patrimônio natural e cultural*. O caso da Serra da Estrela. Revista Cadernos de Geografia, Coimbra, FLUC, nº 38, pp. 23-41, 2018.

COSTA, E. B; STEINKE, V. A. *Cidades históricas do estado de Goiás, Brasil: uma agenda de pesquisa*. Ateliê Geográfico <<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/viewFile/18518/15097>>, Goiânia-GO, v. 7, n. 2, p.164-195, 2013.

CRUZ, R. C. A. *Introdução à Geografia do Turismo*. São Paulo: Roca, 2003.

_____. *Política de Turismo e Território*. São Paulo: Contexto, 2001.

CUTRIM, K. G.; CARVALHO, C. B. *Museus Comunitários e as Possibilidades de Preservação do Patrimônio Cultural Imaterial*. In: BELFORT, C.; CUTRIM, K. D. G.; CÂMARA, R. B. *Espaço, Turismo e Cultura*. São Luís: EDUFMA, 2017. P. 147-165.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. *Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico*. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v. 2, n. 4, p. 1-13, 2008.

DAMAS, M. T; BRAMBATTI, L. E. *O Planejamento turístico sob o viés de planos e programas: O caso do destino turístico Paranaguá-PR*. Revista Iberoamericana de Turismo- RITUR, Penedo, Volume 9, Número 2, p. 164-190, dez. 2019.

DELGADO, Andréa F. *Dissertação de mestrado: A Invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. Goiânia, 2003.

_____. *Cora Coralina: a Poética do Sabor*. Revista ILHA, Florianópolis, v.4, n.1, p. 59-83, julho de 2002.

DOURADO, Guilherme Mazza. *Vegetação e Quintais da Casa Brasileira*. Paisagem Ambiente: ensaios, n. 19 - São Paulo - p. 83 - 102 – 2004.

FLORA; MILENA. *Sobre o Café Jasmim*. 2021. Texto Apresentado aos Visitantes do Café e Bistrô Jasmim, Cidade de Goiás, 2021. Não Publicado em editora ou periódico eletrônico.

FORTUNATO, Ivan. *Pateo do Collégio: um lugar na cidade de São Paulo*. Tese Geografia (doutorado/152f/Orientadora Livia de Oliveira) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2014.

FRATUCCI, Aguinaldo César. *Turismo e território: relações e complexidades*. Caderno Virtual de Turismo. Edição Especial: hospitalidade e políticas públicas em turismo. Rio de Janeiro, v. 14, supl. 1, p.87-96, nov. 2014.

GARCIA, Daniela Correia. (TESE/343 f). *Imagens Órfãs: uma abordagem ao estudo da fotografia do privado*. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação, Área de especialização Comunicação e Artes, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.

GARCIA, R. K. O.; ZOTTIS, A. M.; BONHO, D. V. *A gastronomia e seu uso turístico: a contribuição do projeto de extensão “turismo e gastronomia: unindo sabores e saberes” para a valorização do patrimônio cultural imaterial*. Gestão e Desenvolvimento, Novo Hamburgo, a. XII, v. 12, n. 2, p. 67-82, ago. 2015.

GOMES, Celso C. *Os múltiplos usos do território da Área de Proteção Ambiental da Costa dos Corais (Alagoas – Pernambuco): reestruturação produtiva e turismo*. 359 p. Tese (Doutorado em Geografia) -- Universidade de Brasília, Departamento de Geografia, Brasília, 2019.

GONÇALVES, Eduardo Brazão. *Dicionário do Falar Algarvio*. Vila Real de Santo António (Portugal): Empresa Litográfica do Sul, 1996.

GRATÃO, L. H. B. *Por Entre Becos & Versos – A Poética da Cidade Vi(vi)da de Cora Coralina*. In: MARANDOLA JÚNIOR, E.; GRATÃO, L. H. B. Geografia & Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010. P. 297-328.

HAESBAERT, Rogério. *Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste*. Niterói, RJ: EdUFF, 1997.

KNAFOU, R. *Por uma abordagem científica do turismo*. In: ADYR B. R. (Org.). *Turismo e Geografia: Reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: HUCITEC. 1996. p. 62-74.

LAVANDOSKI, J.; GIGLIO, G. *Preservação da identidade cultural através dos bares e botequins cariocas*. In: LAVANDOSKI, J.; BRAMBILLA, A.; VANZELLA, E. *ALIMENTAÇÃO E CULTURA: Alimentação e Turismo: criatividade, experiência e patrimônio cultural*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2019. P. 39-70.

LEMOS, L. *Turismo: que negócio é esse?* (LIVRO), Campinas: Papyrus, 2003.

LOBATO, G. J. M.; LUCAS, F. C. A.; MORAES JÚNIOR, M. R. *Estética, crenças e ambiência: as representatividades das plantas ornamentais em quintais urbanos de Abaetetuba-Pará*. *Ambiência - Revista do Setor de Ciências Agrárias e Ambientais*, V.13, N.1, p. 135-149, Jan./Abr. 2017.

LONGO, Malu. *Mercado municipal enfrenta desafios para cumprir função na cidade de Goiás*. (Reportagem de 12 de fevereiro de 2021). <<https://www.opopular.com.br/noticias/cidades/mercado-municipal-enfrenta-desafios-para-cumprir-fun%C3%A7%C3%A3o-na-cidade-de-go%C3%AAs-1.2197393>>, consulta realizada em 13 de fevereiro de 2021.

LOPES, R. A.; GOMES, C. L. *Gestão Social do Lazer/Educação e Relações de Poder em um Espaço Turístico: análise de visitas mediadas em museus*. In: ALVES, Kerley S. *Diálogos Sociais em Turismo: elementos hegemônicos & contra-hegemônicos*. Belo Horizonte: Dialética Editora, 2020. P. 197-216.

LOURENÇO, J. M. D.; SILVA, L. G.; SANTOS, J. C. V. *Goiás: cidade das doceiras, de Cora Coralina e das conexões entre saber local, cultura e turismo*. In: ALVES, Kerley S. *Diálogos Sociais em Turismo: elementos hegemônicos & contra-hegemônicos*. Belo Horizonte: Dialética Editora, 2020. P. 217-230.

LUZ, J. S. *Os Caminhos do Desenvolvimento e Modernização do Território: a dinâmica territorial e a urbanização em Goiás*. SILVA, A. L.; OLIVEIRA, E. C.; MELLO, M. *Território, Cidades e Cultura no Cerrado*. Anápolis: Editora da UEG, 2012. P. 13-28.

MACHADO, Denise B. Pinheiro. Apresentação. In: MACHADO, Denise B. Pinheiro; VASCONCELLOS, Eduardo Mendes de. (orgs.) *Cidade e Imaginação*. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROURB, 1996. p. 9-12.

MARANDOLA JÚNIOR, E.; GRATÃO, L. H. B. *Geografia & Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: EDUEL, 2010.

MARINHO, Celina de Souza; ALMEIDA, Simone de Lira; SALAZAR, Viviane Santos. *Uma xícara de Café? A importância dos atributos de uma cafeteria na decisão de consumo*. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, volume 14, n.02, p. 1-24, agosto de 2017.

MENDONÇA, D. P. *CAMINHO DE CORA CORALINA EM GOIÁS: SIGNIFICADOS, USOS E RELAÇÕES SOCIAIS*. Dissertação (Mestrado Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGeo, Universidade Estadual de Goiás (UEG Campus Cora Coralina), Goiás, 2021.

MERLOTTI, C. *Hospitalidade presente no Turismo Social, à luz das políticas públicas de inclusão*. Disponível em: <<http://web3c.com.br/poloiguassu/arquivos/Hospitalidade%20presente%20no%20Turismo%20Social.pdf>>, 2007.

MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

MOESCH, M. M. *A produção do saber turístico*. <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000146&pid=S1518>, 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MOREIRA, J. A.; NETO, L. G. *Pastel de Belém ou Pastel de Natal: um segredo português*. Revista Encontros Universitários da Universidade Federal do Ceará – UFC, XXXV Encontro de Iniciação Científica, V. 1, N. 1, p. 1-1, 2016.

OLIVER, R. L. *Cognitive, affective, and attribute bases of the satisfaction response*. Journal of Consumer Research, Chicago: v. 20, p. 418-430, 1993.

OSTERMANN, Erika Alezard. *Imagem urbana: Percepção e Devaneio*. In: MACHADO, Denise B. Pinheiro; VASCONCELLOS, Eduardo Mendes de. (orgs.) *Cidade e Imaginação*. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROURB, 1996. p. 157-164.

PASSOS, Elder Camargo de. *Goyaz: de arraial a patrimônio mundial*. Goiânia: Kelps, 2018.

PEREIRA, Bruno Magnum; ALMEIDA, Maria Geralda de. *O quintal Kalunga como lugar e espaço de saberes*. GEONORDESTE, Ano XXII, n.2, p. 47-64, 2011.

PEREIRA, Grasieli A. S. *De Belo Horizonte a Confins: a reconfiguração espacial metropolitana e a tipicidade do lugar*. Dissertação Geografia (Mestrado/138f) – Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Instituto de Geografia, Uberlândia (MG), 2011.

PINTO, E. da C.; BARBOSA, O. X.; SILVA, L. G.; SANTOS, J. C. V. *O olhar do turista sobre os produtos e serviços da cidade de Goiás-GP*. Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade, 11(3), p. 695-708, jul-set, 2019.

RICETO, Alisson. SILVA, Vicente de Paulo da. *O território como categoria de análise da Geografia*. Caminhos de Geografia Uberlândia, v. 9, n. 28, p. 146-152, Dez/2008.

RODRIGUES, Maria Augusta Calado de Saloma. *A Modinha em Vila Boa de Goiás*. Goiânia: Editora da UFG, 1982.

SÁ, Isis F.; SILVA, Bianca E. *O bacalhau na culinária portuguesa: uma revisão de literatura*. Contextos da Alimentação – Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade. São Paulo: Centro Universitário Senac, Vol. 7, no. 1, p. 1-16 – Novembro de 2019.

SALES, E. J. C. G. *A teoria geográfica nos estudos do turismo: elementos teórico-metodológicos*. In: GODOY, P. R. T. (Org.) *História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 276-289.

SANTOS, I. M. V.; SANTOS, A. V. O sentimento de medo: perspectivas geográficas na pandemia do covid-19. IN: PORTUGUEZ, A. P.; SOARES, B. R.; OLIVEIRA JÚNIOR, A. (ORG). *Geografia, pandemia e o desafio da reinvenção do mundo vivido*. Ituiutaba: Barlavento, 2021. P. 11-30.

SANTOS, J. C. V. 29 de maio, *Dia do Geógrafo: tempo de celebrar o português Orlando Ribeiro*, Jornal Mundo Lusíada, s/p., São Bernardo do Campo (SP), 28 de Maio. 2021. Artigos. Disponível em: <<https://www.mundolusiada.com.br/artigos/29-de-maio-dia-do-geografo-tempo-de-celebrar-o-portugues-orlando-ribeiro/>>. Acesso em: 17 de set. 2021.

_____. *Região e Destino Turístico: sujeitos sensibilizados na geografia dos lugares*. São Paulo: Editora AllPrint, 2013.

_____. *Vidas Oleiras: uma viagem pela tradição e arte*. São Paulo: All Print, 2021.

SANTOS, Jean C. V.; SILVA, João Albino. *A ARTE DA OLARIA NO TURISMO DA REGIÃO ALGARVE, PORTUGAL*. Revista Turismo - Visão e Ação - Eletrônica, Vol. 17 - n. 3, p. 658-690, - set. - dez. 2015.

SANTOS, M. O Retorno do Território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. De; SILVEIRA, M. L. (Org.). *Território – Globalização e Fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1996. 332p. P. 15 – 20.

SANTOS, Norberto Pinto dos. Turismo, gestão e território. *Caderno Virtual de Turismo*. Edição Especial: Hospitalidade e políticas públicas de turismo. Rio de Janeiro, v. 14, supl.1, s.66-s.86, nov. 2014.

SANTOS, Roosevelt J. *Pesquisa Empírica e Trabalho de Campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico*. Revista Sociedade & Natureza, nº 11, janeiro/dezembro, 1999.

SENA, Caio C. A. de. *Alimentação, Território e Turismo em Pirenópolis (GO): implicações da mundialização nas identidades locais*. 130f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás (IESA-UFG), Câmpus Samambaia - Goiânia, 2017.

SILVA, Adriella Camila G. Furtado da; ANJOS, Mônica de Caldas Rosa dos; ANJOS, Adilson dos. *Quintais produtivos: para além do acesso à alimentação saudável, um espaço de resgate do ser*. Guaju, Matinhos, v.2, n.1, p. 77-101, jan./jun. 2016.

SILVA, J. A. M.. *O Destino Turístico Arade: uma estratégia de intervenção*. Potimão/Portugal: Soares, 2005.

SILVA, M. R. G. *O Crescimento das Empresas de Delivey no Contexto da Pandemia*. Monografia (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Programa de Pós-Graduação em Administração, 2021.

SILVA, P. B.; SOUZA, P. V. S.; FREIRE, F. S. *Observação como Técnica de Pesquisa Qualitativa: Panorama em Periódicos Contábeis Brasileiros*. Anais. 4º Congresso UnB de Contabilidade e Governança, Departamento de Ciências Contábeis, Brasília (DF) p. 1-18, 2018.

SILVA, V. C. P.; CARRETO, C. F. C. O IMAGINÁRIO ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA. *Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais*, v.9, n.1, p.219-236 (2020) Número Especial - Rede de Pesquisa em Geografia, Turismo e Literatura (REDE ENTREMEIO).

SOUZA, Edevaldo A. *Patrimônio imaterial: relações socioculturais camponesas em Pedra Lisa*. Uberlândia: Comoser, 2015.

SOUZA, José Carlos; SOUZA, Lorena Francisco. *Trabalho de campo integrado em Geografia: uma experiência no parque nacional chapada dos veadeiros, Goiás*. Revista Ateliê Geográfico, Goiânia-GO, v. 6, n. 4, p. 237-256, Dez/2012.

SOUZA, Marcelo Lopes. *O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento*. In: CASTRO, Iná de; GOMES, Paulo Cezar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia: conceitos e temas – 2. ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000. p. 77-116.*

TIRADENTES, Leomar. *Geografia dos Esportes: apontamentos para o ensino médio*. Revista Ponto de Vista, N.9, vol. 2, p. 1-17, 2020.

TOURINHO, Helena Z.; SILVA, Maria Goreti C. A. *Quintais urbanos: funções e papéis na casa brasileira e amazônica*. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 11, n. 3, p. 633-651, set.-dez. 2016.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS (UEG). *Instrução Normativa nº 80/2020. PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO, DIRETORIAS DOS INSTITUTOS ACADÊMICOS, COMITÊ ESTRATÉGICO PARA AÇÕES DE PREVENÇÃO AO CORONAVÍRUS COVID-19*. Anápolis (Goiás), 2020.

ANEXO 1: Cardápio Dedo de Prosa



Dedo de Prosa
Café e Bistrô



Cardápio



TENHA 5% DE DESCONTO
CURTINDO NOSSAS PÁGINAS. CLIC NOS ÍCONES




LANCHE

 **PEDIDOS Clic Aqui**
984053309

MISTO QUENTE	R\$ 6,00
AMERICANO	R\$ 8,00
(QUEIJO, PRESUNTO, TOMATE E OVO)	
EMPADÃO GOIANO	R\$ 12,00

PRATOS

01 BACALHAU A BRÁZ	R\$ 52,00
02 BACALHAU COM NATAS	R\$ 52,00
03 FILÉ A PARMEGIANA	R\$ 50,00
<small>INFORMAMOS QUE ESSES PRATOS LEVAM ATÉ 60 MINUTOS PARA SERVIR</small>	
04 BIFE A CAVALO	R\$ 25,00
05 CHARUTINHO DE REPOLHO/UYVA/MISTO	R\$ 40,00
06 OMELETE SIMPLES	R\$ 15,00
07 OMELETE RECHEADO	R\$ 20,00
08 LASANHA A BOLONHESA	R\$ 20,00

MACARRÃO ESCOLHA O MOLHO E 3 INGREDIENTES

TIPO: ESPAGUETE OU PENNE
MOLHO: BRANCO, VERMELHO OU BOLONHESA
INGREDIENTES: AZEITONA, PASSAS, BACON, OREGANO, QUEIJO, PALMITO, ERVILHA E MILHO

R\$ 20,00

PORÇÕES

09 FILÉ NA CHAPA	R\$ 45,00
10 CARNE E FRITAS	R\$ 29,90
11 FILÉ DE TILÁPIA EMPANADA	R\$ 35,00
12 BATATA FRITA	R\$ 20,00
13 BATATA FRITA ESPECIAL	R\$ 25,00

ACOMPANHAMENTO EXTRA

14 ARROZ	R\$ 5,00
15 FEIJÃO	R\$ 5,00
16 SALADINHA	R\$ 3,00
17 OVO	R\$ 2,00
18 BIFE	R\$ 8,00

SUCOS E CREMES

LARANJA, LIMÃO, MORANGO, MARACUJÁ, ABACAXI E CAJU	R\$ 6,00
CREMES: MARACUJÁ E MORANGO	R\$ 11,00

BEBIDAS

REFRI: LATA R\$ 5,00	REFRI 600 R\$ 7,00	GRANDE R\$ 10,00
ÁGUA COM GÁS	R\$ 3,00	
CERVEJA LATA	R\$ 7,00	
CERVEJA 600	R\$ 14,00	







NOVO LOCAL COMO CHEGAR CLIC AQUI






DELIVERY

ACEITAMOS CARTÕES



TENHA 5% DE DESCONTO
CURTINDO NOSSAS PÁGINAS



SIGA-NOS
NAS REDES
SOCIAIS



Fonte: Acervo Café e Bistrô Dedo de Prosa. Disponível em:
<https://www.facebook.com/profile.php?id=100009334781090&sk=photos>. Acesso em 09 de novembro de 2021.

Apêndice 2: Custo do café e outros produtos no Café Jasmim



Cafés

FRIOS		QUENTES	
Milk Shake Jasmim <i>Por Roberta Pina</i>	R\$ 15,00	Café expresso	R\$ 05,00
<i>(café expresso, sorvete de chocolate belga meio amargo, concentrado de maracujá, leite condensado, calda de chocolate + raspas de chocolate meio amargo)</i>		Cappuccino	R\$ 09,00
Jasmim Refrescante <i>Por Roberta Pina</i>	R\$ 15,00	<i>(café expresso, leite vaporizado + cacau em pó)</i>	
<i>(café expresso, água tônica, cubo de gelo de café, caldo de limão + folha de hortelã orgânica)</i>		Cappuccino Canelinha	R\$ 09,00
Vanilla Bean	R\$ 15,00	<i>(café expresso, leite vaporizado + canela em pó)</i>	
<i>(café expresso, sorvete de creme de baunilha, cubo de gelo de café, chantilly + pó de cacau)</i>		Cappuccino Canelinha com Chantilly	R\$ 10,00
Affogato de Café	R\$ 15,00	<i>(café expresso, leite vaporizado, canela em pó + chantilly)</i>	
<i>(café expresso, sorvete de creme de baunilha, servido com amêndoas e nozes)</i>		Macchiato	R\$ 06,00
*Porção de Chantilly	R\$ 03,00	<i>(café expresso com uma maquiagem de leite vaporizado)</i>	
		Macchiato Canelinha	R\$ 06,50
		<i>(café expresso com uma maquiagem de leite vaporizado + chavinha de canela)</i>	
		Cappuccino com Creme de Avelã	R\$ 12,00
		<i>(leite vaporizado, café expresso, cacau em pó, creme de avelã)</i>	
		Chocolate Quente	R\$ 10,00
		<i>(leite vaporizado + chocolate em pó)</i>	
		Chocolate Quente com Chantilly	R\$ 12,00
		<i>(leite vaporizado + chocolate em pó + chantilly)</i>	
		Dripped coffee	R\$ 10,00
		<i>(sachê de café servido e coado na mesa)</i>	

Fonte: Foto trabalho de campo em 2021.

Apêndice 3: Custo do café e outros produtos no Café Cora

CAFETERIA	
EXPRESSOS:	
<i>Expresso</i>	R\$ 6,00
<i>Expresso com Chantilly</i>	R\$ 7,00
<i>Expresso Macchiato</i>	R\$ 7,00
<i>Expresso Canelinha</i>	R\$ 7,00
<i>Expresso Carioca</i>	R\$ 6,00
<i>Expresso Duplo</i>	R\$ 11,00
CAPPUCCINOS	
<i>Cappuccino Clásico</i> (Expresso, leite vaporizado, cacau).....	R\$ 8,00
<i>Cappuccino Chantilly</i> (Expresso, leite vaporizado, chantilly, cacau).....	R\$ 12,00
<i>Cappuccino Brasileiro</i> (Expresso, leite vaporizado, cacau, canela).....	R\$ 9,00
<i>Cappuccino Italiano</i> (Expresso, Leite vaporizado).....	R\$ 8,00
<i>Cappuccino, com raspas de chocolate meio amargo e chantilly</i>	R\$ 11,00
<i>Cappuccino Kids</i> (Expresso, leite vaporizado, calda de chocolate granulada, marshmallow e chantilly).....	R\$ 17,00
<i>Cappuccino Cora Coralina</i> (Expresso, leite vaporizado, doce de leite, chantilly, calda de laranja) <i>Por Roberta de Pina</i>	R\$ 17,00
<i>Cappuccino Oreo</i> (Expresso, leite vaporizado, cacau, chantilly e biscoito oreo).....	R\$ 17,00
<i>Cappuccino Aninha: " Eu sou a menina feia da ponte da lapa, eu sou Aninha.</i> (Expresso, calda de laranja, raspa de chocolate meio amargo, leite vaporizado, chantilly) <i>Por Roberto Pina</i>	R\$ 17,00
<i>Chantilly Quente</i> (Chocolate, leite vaporizado, chantilly).....	R\$ 11,00

Fonte: Foto trabalho de campo em 2021.